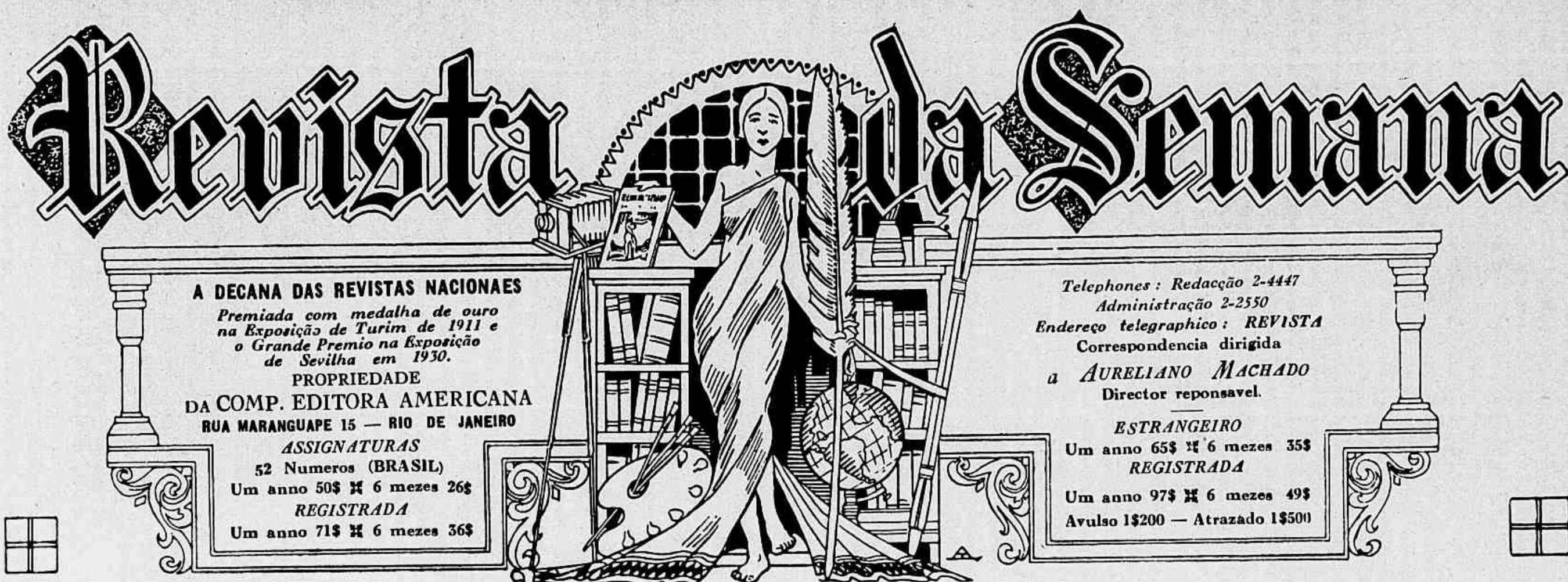
Revista da Semana

ANNO XXXII -- N.º 5 -- Preço 1$200 — 17 de Janeiro de 1931

AGENTES GERAES: HERM. STOLTZ & CO. --- RIO DE JANEIRO -- SÃO PAULO -- PERNAMBUCO.

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 17 de Janeiro de 1931** | **NUMERO 5**

Como nós amamos as creanças?

POR NUNES PEREIRA

Ha pouco tempo, na séde da Associação Brasileira de Educação, pude ouvir a notavel conferencia de Claparède, acerca do *sentimento de inferioridade* na creança, que os jornaes mal resumiram por ahi, depois.

Em meio de uma assistencia culta, de professores, de jornalistas, de homens de sciencia, como Juliano Moreira, Radecki e Fernando de Magalhães, houve quem visse na figura do eminente professor da Universidade de Genebra o perfil serenissimo de um Christo.

Para mim, entretanto, mais do que o seu perfil, as suas palavras, de estranha intuição e subtil logica, as suas palavras me lembraram as de um deus que se humanizasse realmente, á força de amar e de comprehender as creanças.

E, á sahida da A. B. E., de meditação em meditação, em torno de algumas affirmativas do autor da *"Psychologie de l'Enfant et pédagogie expérimentale"* fui levado a considerar, perquerindo como é que nós, paes e mães brasileiros, amamos os innocentes perpetuadores das nossas virtudes e dos nossos vicios. Eu sabia que nós amamos as creanças á maneira das tres raças que entraram na formação da nossa nacionalidade.

Eu sabia que ha na nossa affeição a severidade do luso, a inconsequencia do indio, a idolatria do negro. Mas tal maneira de querer — ora não será só severidade, ora não será só inconsequencia, ora não será só idolatria. Não variará infinitamente em combinações grotescas e graciosas, com o meio social e o meio physico, com a educação e com a religião? Aquelle homem do sertão amará o seu filho de modo identico ao do homem do littoral?

Aquella mãe, cujo espirito e cujo coração se formaram numa escola superior, amará o seu filho como a que nem siquer passou por uma escola primaria?

A affeição da mulher operaria por seu filho será egual á da mulher burgueza? Toda mãe e todo pae, diante de um filho que erra, será como a velhinha do poema de Jean Rictus? E mais: qual será a influencia desse amor, através da complexidade do caracter das nossas creanças, quando as levamos até á escola, primeiro, e depois até á sociedade?

De tal modo essas e outras questões me assaltaram vehementemente o espirito que pensei em suggerir um inquerito a respeito de "como nós amamos as creanças?", na impossibilidade de ater-me, para um juizo global e definitivo, a este ou áquelle aspecto por mim surprehendido, da psyché dos paes e mães brasileiros. E eis ahi uma lembrança que não é absolutamente inopportuna, sobretudo quando se procura saber, aqui no paiz, como em toda parte, até onde pode ser util ou inutil á Educação a influencia do nosso amor pelas creanças.

Os que acompanham a evolução do Ensino sabem que, entre outros problemas visados mais a fundo pelos technicos de todos os centros educacionaes, está o da cooperação de paes e de mestres na obra de formação moral e intellectual das creanças.

A Russia, apenas, sob a orientação dos seus pedagogos — não sem absolvivel intuito, é justo admittir-se — procura desviar a creança do que alli se chama, generalizando, "a influencia perniciosa" da familia.

No paiz dos Soviets, porém, os direitos das creanças communistas differem dos direitos das creanças de outros paizes da Europa e da America.

Quer me parecer, pois, que um inquerito como o realizado, ha annos, na França, por Paul Crouzet, no intuito de unir os elos da Escola e da Familia, se está impondo pela necessidade de conhecer-se, entre nós, os elementos, bons e maus, que constituem a affeição dos paes e das mães brasileiros.

Tanto mais que, não só aqui no Districto Federal mas em diversos pontos da União, já se está cuidando de "circulos de paes", de "associações de professores e de paes" emfim de instituições que estendam a escola até á familia e a familia até á escola.

Como obter-se, porém, essa cooperação do pae e do mestre, si se desconhece a physionomia, falsa ou authentica, desse amor pelas creanças, que os paes brasileiros lhes votam e é, segundo Claparède, o melhor antidoto para o *sentimento de inferioridade* e *l'Alpha et l'Omega de l'Education?*

Confissões sinceras, tão desassombradas quanto intimas, relativamente a esse amor pelas creanças, poderiam orientar com segurança os que querem reunir sob o mesmo ideal a Escola e a Familia.

Porque, se frequentemente se registram graves discordias entre paes e mestres no submetter-se ao chamado processo educativo essa materia plastica e delicadissima que é o cerebro da creança, não são menos frequentes e menos graves as discordias entre a vontade filial e a vontade paterna. Depois, alguns paes, muitas vezes consultando só a propria vontade senão os proprios interesses, impõem coercivamente aos filhos attitudes physicas e mentaes, de ordem varia, de modo a rebelal-os contra a escola e contra o mestre e contra a sociedade.

Fundou-se, por isso, na Inglaterra, uma instituição que defende as creanças contra a crueldade dos progenitores e dos mestres: *The Society for Prevention of Cruelty to Children.*

Seria menos necessaria, no Brasil, talvez, uma Sociedade que defendesse as creanças contra os erros de um sentimento — rico de exaggeros e de preconceitos — que, para certos paes e para certas mães, se dissimula sob a apparencia de um verdadeiro amor?

UM BOM NEGOCIO

CONTO DE Guy de Téramont

O sr. Gravelas lia pachorrentamente o seu jornal na sala de visitas, quando a criada entrou, com um cartão de visita na competente salva de prata.

— Está ahi este senhor, que deseja fallar pessoalmente ao patrão.

O sr. Gravelas deitou os olhos ao bilhete e leu:

Isidoro Lempereur.

O nome era-lhe completamente estranho. Entendeu, porém, que devia receber o visitante, reservando-se o direito de o despachar em dois tempos, se fosse um importuno.

— Diga-lhe que entre.

Entrou um cavalheiro grave, vestido de preto. Usava lunetas e trazia uma pasta debaixo do braço. Ao cruzar a porta, saudou, inclinando-se com o maior respeito.

— Que deseja? perguntou o sr. Gravelas.

— Alguns minutos de attenção para tratar dum assumpto que talvez lhe possa interessar.

O sr. Gravelas indicou-lhe uma cadeira:

— Tenha a bondade...

— Meu caro senhor... principiou o desconhecido — não lhe darei certamente novidade alguma, dizendo-lhe que todos nós somos mortaes: o senhor, eu, a senhora sua sogra, o sacristão da egreja aqui ao lado...

Um tanto inquieto, o sr. Gravelas olhou o recem-chegado por cima dos oculos. Que significava aquella lição de philosophia? Seria o homem doido?

— Ora, infelizmente — proseguiu, com a maior seriedade o visitante — pelo geito que as coisas levam, morrer será, dentro em pouco, tão caro como viver. As tabelas das Empresas de Pompas Funebres sobem de dia para dia. E ainda agora, como diz o povo, a procissão sahiu á rua. Não tardará o tempo em que o mais modesto enterro custará uma fortuna!

— Mas, meu caro senhor...

— Vamos ao que importa. Este preambulo era indispensavel, dada a natureza do assumpto que aqui me trouxe. Trata-se de combater a progressiva carestia dos funeraes e...

— Combater, como? Pensará o senhor em evitar que a gente morra?

— Deus me livre! Contra a morte nada ha a fazer. E todos nós, meu caro senhor, precisamos de morrer — primeiro, porque é a lei commum, lei eterna e inilludivel; depois porque, se deixassemos de morrer, causariamos a ruina duma infinidade de pessoas que vivem disso. Eis porque nós tratámos, não de modificar a sorte dos que têm de partir, mas de alliviar os gastos e por consequencia, até certo ponto, o pezar dos que ficam.

— Realmente, é uma bôa idéa...

— Vou me servir dum exemplo para melhor me fazer comprehender. A senhora sua sogra, Mme. Garrigon, conta setenta annos de edade...

— Setenta e um.

— Parece ainda hoje uma senhora saudavel, forte... Mas amanhã? Só Deus sabe. Pode a excellente senhora viver cem annos e pode amanhã, por estas horas, estar morta.

O sr. Gravelas não poude conter um suspiro... A senhora Garrigon, sua sogra, era a sua aza negra. Rabujenta, quezilenta, imperiosa, não havia creatura mais difficil de aturar.. Constantemente se mettia entre a filha e o genro, intrigando, provocando discussões, complicando os mais singelos casos domesticos; e o sr. Gravelas, que possuia uma esposa de bom genio, de coração excellente, pensava amiude em como seria feliz sem aquella megera portas a dentro, difficultando, azedando, envenenando tudo...

— Tenha a bondade de se explicar... pediu elle, deveras interessado.

— Quando a senhora sua sogra morrer... sim, porque ha de morrer um dia, o senhor desejará fazer-lhe um enterro... emfim um enterro decente. E quanto lhe custará isso? Ora, eu venho ter com o senhor e digo-lhe: "Meu caro senhor, posso enterrar Mme. Garrigon á minha custa, na classe que o senhor desejar, com o numero de tochas que o senhor entender, o padre, o sacristão etc. etc. E quanto lhe custará tudo isso? Um premio annual relativamente insignificante. O senhor tem tudo a ganhar; o risco de perder somos nós que o corremos. Se Mme. Garrigon morrer amanhã, soffreremos um prejuizo por assim dizer total, ao passo que

— Bem elle lhe disse, quando a namorava, que ella teria um carro!

o senhor terá desembolsado, em vez dalguns mil francos, uma insignificancia. A senhora sua sogra gosa de bôa saude?

— Isto é... Tem uma doença de coração que, no verão passado, nos inquietou bastante...

— Mas, então, não poderá o senhor deixar de fazer um bom negocio! Um negocio excellente! O senhor paga cada anno, sem sentir, um premio de duzentos, trezentos ou quatrocentos francos e no dia em que a respeitavel senhora partir deste mundo, nós nos encarregaremos de tudo. Nem mais um franco o senhor terá que gastar.

— Realmente, é engenhoso...

Que mais disse o agente de seguros? Não sei. O que sei é que, meia hora, depois, estava a apolice assignada. O sr. Gravelas esfregava as mãos de contente. Sem despender um soldo, faria a sua sogra funeraes dignos della. E talvez não tardasse muito porque, emfim, setenta e um annos e uma doença de coração...

...E foi passando o tempo...

Todos os annos, o sr. Gravelas pagava pontualmente o premio do seguro. A sogra comtinuava rija e bem disposta. Ia nos noventa e um annos e era positivamente a mesma: mettediça, implicante, imperiosa, insuportavel como sempre!

Um dia, o sr. Gravelas deu uma palmada na testa e exclamou:

— Mas, co'a breca, ha vinte annos que eu pago este seguro... e nada! Vae se tornando um negocio desastroso. O patife do agente embrulhou-me; e o enterro da velha acabará sahindo-me horrivelmente caro. Quando se chega á edade em que ella está, é porque a morte se esqueceu da pessôa e não ha razão para que não chegue ao centenario!

O sr. Gravelas era homem de decisões rapidas e cheio de energia. Tomou o chapéu e a bengala, e precipitou-se para a empresa de seguros.

A discussão foi complicada e por vezes violenta; mas quando o sr. Gravelas de lá sahiu a apolice estava liquidada e o nosso homem sentia-se alliviado á idéa de não mais ter que pagar aquelles malditos premios...

Uma hora depois, voltava a casa, depois de haver dado um delicioso passeio pela cidade.

Tocou a campainha. Dir-se-hia que a criada espreitava a sua chegada. Estava lavada em lagrimas.

— Que foi, Quiteria? perguntou elle empallidecendo.

— Ah, sr. Gravelas! exclamou a criada. — Com que impaciencia o esperavamos! A mãe da senhora...

— Diga!

— Morreu!

— Morreu?!

— E' verdade. Estava conversando muito socegadamente com a senhora e commigo na sala de jantar... quando, de repente, soltou um grito e cahiu redonda no soalho. Fomos a ver... estava morta!

O sr. Gravelas sentiu-se ir abaixo das pernas. Para não cahir, teve que se agarrar á maçaneta da porta. Tinha a impressão de que a terra se ia abrir para o tragar...

— Como é que eu não previ isto? murmurou elle, com a voz estrangulada. — Que patifa! Fel-o de proposito!

Grupo tirado após a missa em acção de graças pelo progresso do Collegio Guanabara vendo-se ao centro o director dr. Moutinho Neiva, ladeado pelo dr. Pedro Pessôa, padre Luiz Magalhães, director do Collegio Sallesiano, prof. João Brasil, alumnos e outras personalidades nictheroyenses.

Carnera e o signal da cruz

Em Espanha, um bom — e até ás vezes um mau — catholico persigna-se nas mais variadas circumstancias da vida: ao entrar no trem para uma viagem mais ou menos longa; passando por diante duma igreja; ao comprar um bilhete de loteria; antes de tomar parte numa briga, e até no momento de commetter friamente um crime. Recentemente, porém, mostrou um rapaz do Lancashire a uma multidão espanhola como aquelle gesto piedoso se applicava a mais uma contingencia — e das mais temerosas.

Esse rapaz, que se chama Carvill e é boxer de profissão, servia a Primo Carnera de parceiro de treno antes do match do gigante italiano com o campeão espanhol Paulino. Num desses exercicios, Carvill applicou involuntariamente um crochet demasiado energico aos queixos do gigantesco adversario; e na physionomia do desastrado parceiro viram os espectadores que elle esperava ser castigado... Podia desviar-se, cobrir-se com os braços para evitar o murro justiceiro... Não fez uma nem outra coisa. Com a mão calçada da luva brutal do box, Carvill fez canhestramente o signal da Cruz; em seguida, levantou o olhar para o Golias que, logo commovido, deixou cahir os punhos, num afago de sympathia, nos hombros do inglez.

Tão apreciado foi este incidente imprevisto que os tres mil espanhoes presentes o celebraram, com palmas e vivas, durante cerca de tres minutos.

O negro que ignora tudo

Que existam no mundo pessôas sem nenhuma noticia ou noção do que foi a Grande Guerra, já é bastante de admirar; mas que, nos Estados Unidos, paiz onde tudo está organizado para que os habitantes recebam as mais amplas e rapidas informações, haja habitantes que não conheçam a Lei Secca, é realmente inacreditavel.

Tal no emtanto o caso dum pobre lenhador negro da Luisiania. Contando hoje oitenta e dois annos de edade e vivendo ha muitos lustros no fundo dos mattos, esse homem não sabe ler e só fala o francez. Os agentes da prohibição alcoolica, cujo zelo e actividade não conhecem limites, descobriram a su existencia, verificando que o negro bebia wisky por elle proprio fabricado ha cerca de cincoenta annos. Interrogado, o lenhador declarou que não tivera a menor noticia de qualquer lei prohibindo o fabrico ou o consumo do alcool. E, coisa ultra-incrivel, não sabia tampouco que tinha acabado a Guerra da Secessão!

Agora, que o fizeram jurar que não mais beberia wisky e lhe revelaram o termo, já remoto, daquella guerra, será o negro mais feliz??

— Precisamos de mandar esses meninos para o collegio! Está vendo o Totózinho como se safa com o meu avião?

— Está doente? Que tem você?
— Um automovel.

O colosso norte-americano

O ultimo grande recenseamento dos Estados Unidos, feito em 1920, dava-lhe 105.710.120 habitantes. O recenseamento terminado em dezembro findo accusa 122.775.046 habitantes. Quer dizer que em dez annos augmentou a população do paiz em 17 milhões de individuos. E, acrescentando-se áquelle total o contingente das possessões norte-americanas, obtem-se a somma de 124.926.070 habitantes.

Nem toda essa gente, como se sabe, nasceu no paiz. Ha 20 ou 30% de extrangeiros, europeus ou asiaticos, que alli artificialmente se implantaram na esperança de fazer fortuna. E os emigrantes de cada nação se reuniram de preferencia em determinadas regiões: assim os Italianos e os Irlandezes no Norte Atlantico; os Allemães na região dos lagos e do alto Mississipi; os Chinezes e Japonezes na costa do Pacifico; os Escandinavos no Minesotta; os Russos, Polacos e Judeus em Nova York... e de ha alguns annos para cá — diz Ric et Rac *— os comediantes francezes em Hollywood!*

Em principios deste seculo recebia a America do Norte no seu seio tutelar mais de um milhão de individuos por anno. As medidas tomadas contra a immigração invasora diminuiram aquellas entradas em cerca de nove decimos. Ha, porém, ainda evidente plethora, e varias cidades estão super-povoadas. Boston, S. Luiz contam mais de 800.000 habitantes; S. Francisco, Pittsburg, Washington, Milwankee, mais de 600.000; Cleveland, mais de um milhão; Detroit, quasi milhão e meio; Philadelphia mais de dois milhões; Chicago mais de tres milhões; e finalmente Nova York perto de 7 milhões, sendo um terço composto de estrangeiros.

Em Nova York — disse, num recente estudo, o New York Herald *— ha mais italianos que em Roma, mais irlandezes que em Dublin, mais allemães que em Bremen, mais judeus que em Tel Aviv e toda a Palestina. Ha mais telephones em Nova York que em Londres, Paris, Berlim, Leningrad e Roma conjunctamente. Ha 2.000 theatros e cinemas, 1500 egrejas e templos.*

Os habitantes de Nova York entram annualmente para o Theosuro com 8 e meio bilhões de dóllares.

A Nova York chegam diariamente 300.000 pessôas. Os trens chegam na proporção de um por 52 segundos. Os casamentos regulam um por 13 minutos; os nascimentos um por 6 minutos.

Constituem-se firmas commerciaes na razão de uma por 10 minutos; e cada 50 minutos se constroe uma nova casa.

Os desastres de automoveis regulam um por 17 minutos. E os ascensores dos predios, em numero de 12.000 — sejam os "omnibus" que param em todos os pavimentos, sejam os "rapidos" que sobem directamente ao 20.º ou 25.º andar — transportam por dia 9 milhões de pessôas e percorrem no sentido vertical um trajecto total de 80 kilometros.

Calculou-se que em quinze annos de trabalho um ascensorista realiza para baixo e para cima um percurso correspondente a duas vezes a volta do mundo!

A felicidade domestica é a melhor e mais doce.

— Apresento-te o meu velho amigo e illustre medico dr. Durand.
— Muito prazer, doutor... Espero que nos não levará nada por esta visita!

— Não estranhes, se eu voltar um pouco mais tarde. Tenho que ir ao dentista, ao cabelleireiro, á manicura, ao massagista, ao...
— Já sei, toda a commissão de reparações!

Estava preoccupadissimo com a caça de uma mosca, quando vieram entregar-me um telegramma, que cheirava a polvora. Abrindo-o, leio: "Espero-te no castello de Torrependida ou te mato. André".

O autor deste attentado era o André Travesso, o rei dos gaiatos, meu cumplice na arte da pintura, por ambos arrastada pelos cabellos. Moço, rico, porém ladino nas despesas, alegre de estourar, não parava um instante. Onde presumia encontrar uma bôa paisagem lá ia dar com os costados, pinceis, tintas e telas, até a paisagem ...fugir.

Falava-me, mesmo nos sonhos, de um certo castello de Torrependida, um cháos de ruinas esborcinadas e esburacadas como uma raladeira. Acabou mettendo-se naquelle mausoléu e foi de lá que me mandou o ultimatum.

Joguei numa mala esmolambada tintas, pinceis e outros artigos heterogeneos e filei direito para o logarejo.

Um morro, em cima o tal castello, em redor deste alguns vetustos casebres que se sustentavam um em cima do outro como um cesto de caramujos.

Passei por baixo de um portão macisso, encimado por um escudo parecido com o casco da tartaruga, atravessei o pateo e, vendo uma quantidade de portas, bati á que achei em frente do nariz. tão bem adivinhada que foi abrir-se a do lado opposto, onde uma velha mumia me acenava para seguil-a.

No fim de longo corredor a velha parou e bateu a uma porta com o nó dos dedos.

— Entra, miseravel, bandido! — convidou *amavelmente* uma voz do interior.

Quasi de repente uma mão me apanhou pelo pescoço como o tentaculo de um polvo e arrastou-me para dentro. Outro não podia ser senão o André Travesso.

Observou-me por um instante e acabou por sentenciar:

— Não estás máu, Agostinho. Emmagreceste umas duzentas grammas, effeitos da viuvez.

Logo a seguir arrastou-me para diante d'uma tela assentada sobre um cavallete.

— Dize-me cá, ó Agostinho: esta, como sabes (?), é a minha obra prima. Hoje porém não comprehendo nada.

— Pudéra! Puzéste-la ás avessas.

— E' mesmo! Parece-me que sou eu que estou virado.

O André fez acto de se pôr de pernas para o ar, mas eu impedi que o fizesse, convencendo-o de que seria mais facil virar o quadro.

O que fiz, endireitando a tela; e pude, afinal, apreciar uma linda paisagem, especialidade na qual o André era mestre.

— Bello! não te parece? Observa este mar em furia.

— Mas desculpa, André, isto é uma floresta.

— E' verdade. Hoje a minha cabeça não está bem aparafusada no pescoço. Esta noite dormi com a cabeça no logar dos pés... é um caso sério... Contam que neste castello apparecem espiritos, duendes, phantasmas, o que muito me diverte.

Apezar disso, a Camara Municipal resolveu vendel-o a preço de occasião a quem ficar com os phantasmas, e outro dia já appareceram duas pretendentes, uma sympathica, outra o superlativo de sympathica, mãe e filha. Era tarde, não puderam vêr o castello, mas daqui a uma hora ellas estarão aqui. Chamei-te para que, em conjuncto, possamos assumir as funcções de guias amaveis e... instruidos.

— Com que então, tomaste-me por um archeologo! Só conheço as ruinas das minhas illusões.

— Eu sou mais burro que tu na materia, mas devemos armar-nos de caradurismo, inventar sem receio de não ser tomado a sério. Aqui não ha mais nada que cahir.

No castello havia quartos e salas que podiam abrigar um exercito.

André installára-se com tamanha largueza que fazia esforços para estar com a cabeça num quarto e os pés no outro.

Uma ala do castello, a que dava para o mar, achava-se em relativo estado de conservação; o lado opposto pouco aproveitavel.

Os habitantes de Torrependida, quando souberam que o castello ia ser de novo habitado, tomaram o André por um phantasma, mas logo se convenceram de que um pintor bohemio e alegre é bicho differente. Sympathizaram com o André e divertiam-se a vel-o adaptar o castello á moderna, depois de tel-o alugado por uma quantia insignificante.

Quando André estava me mostrando um trabalho, ouvimos bater a uma porta do pateo.

André correu á janella e, tomando uma corda que pendia, puxou-a e tocou um respeitavel sino.

— Que fazes! Chamas á missa?

— Chamo a velha. Assim poupo a voz.

Mas já a mumia, uma velha que André quiz como governante do castello, a senhora Guitar, ou melhor "Guitarra", como André a chamava, tinha ido abrir.

— Ahi estão ellas — disse André. — As pretendentes estão á vista.

"Cuidado, Agostinho. Eu sou solteiro e já me aborreço; tu és viuvo e aquellas duas são muito disponiveis. Recommendo-te a maior caradura. Tens mais edade que eu; portanto, toca-te a tarefa de rebocar a mãe emquanto eu rebocarei a filha. Faço questão de que ellas adquiram estas ruinas, e paguem indemnisação a nós tambem com tintas, pinceis e telas sujas. Parece-me portanto que...

Batiam á porta. Eram ellas. Bellas de verdade, mãe e filha. Entraram. Vestiam ambas vestido azul do mesmo talhe. A filha loura e esculptural, em toda a pujança das suas dezoito primaveras comprimidas num corpo de danaide. A mãe, um pouco mais baixa, cabellos castanhos, mais gorda mas não menos elegante, era uma edição da filha, revista e augmentada. Era viuva do conhecido e rico fabricante de ceramica Lodi, o qual, havia tres annos, tivera a má idéa de morrer quando não havia necessidade.

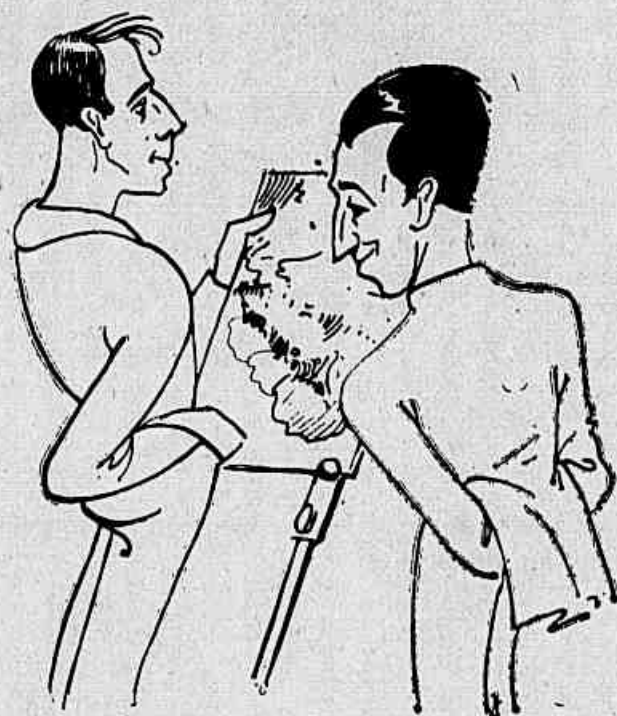
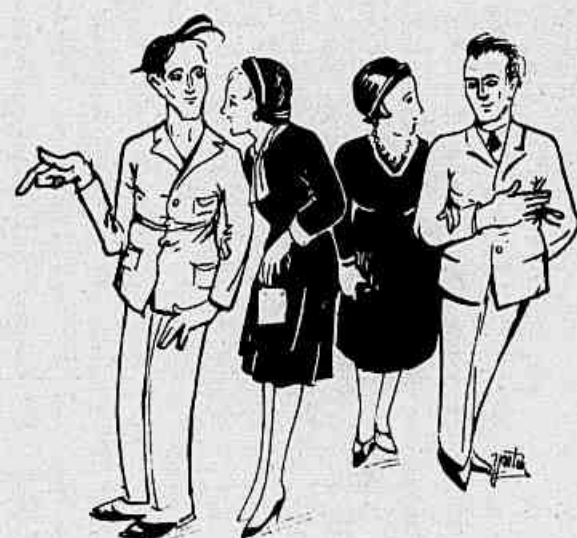
André logo começou com as apresentações:

— A senhorinha Olga e a senhora Clotilde... Aqui está o meu amigo e collega Agostinho Bronchite... digo Ronchiti, viuvo... consolavel.

Feitas as apresentações, André deu o braço a Olga, eu fiz o mesmo com a senhora Clotilde e começámos a visita ao Castello, como um grupo de *touristes* americanos.

— Este castello — começou André depois de me haver piscado o olho — foi construido por Desiderio III, rei dos Estragotos ou Ostrogotos, no principio daquelle seculo. (?) Carlos o Temerario apoderou-se do castello, depois de aspera batalha com gazes asphyxiantes.

— Ouviu esta, senhora Clotilde? — observei — Gazes asphyxiantes no tempo de Carlos o Temerario.

— Não é de extranhar — respondeu ella rindo. — Garanto que havia até guias... originaes como o seu amigo André.

Depois de uma série de explicações estramboticas de André chegámos ao meio de um amplo salão. Numa das paredes via-se uma larga brecha tapada pelos recentes reparos de tijolos.

— Eis a famosa brecha de Carlos o Temerario — explicou André.— Quando esse guerreiro se apoderou do castello encontrou uma photographia de linda donzella Karinea de Asprafonte, unica filha de Frederico Quebracôco.

"Vêl-a e apaixonar-se foi obra d'um instante. Mandou pedi-la em casamento, o que obteve e no dia designado para a vinda da noiva Carlos reuniu neste salão a sua côrte. Chegou a esposa.... Oh! Deus! Como era feia! Tão escandalosamente feia que Carlos o Temerario, perdida a coragem, foi bater com a cabeça contra a parede, abrindo nella uma brecha, e por ella passando foi precipitar-se no mar.

— E' curioso — notou Olga.— Elle atirou-se no mar deste lado, não sabendo que o mar estava do lado opposto!

André coçou a cabeça mas logo respondeu:

— Um terremoto trocou a posição deste castello em 1715.

— Isto é 160 annos antes de ser construido o castello — observou a senhora Clotilde, rindo.

Mãe e filha já conheciam a historia do castello, mas fingiam ignoral-a por acharem gosto nas fantasias de André.

— Mas como explica a historia da photographia de Karinea?

— Fôra habilmente retocada pelo photographo da côrte, de um instantaneo tirado com a sua *kodak* — disse eu.

— O senhor tambem sabe muito — notou a senhora Clotilde. Meus cumprimentos.

— Obrigado — fiz eu com uma sem vergonha de matar a pauladas.

Havia uma varanda prospiciente sobre o mar. Pouco mais em baixo, entre hervas e espinhos, surgiam duas vigas de ferro recurvas, com argolas nas extremidades.

— São forcas — explicou André. Duplas, porque não tinham tempo de enforcar os condemnados um de cada vez.

— Qual forca, qual nada! — rebentei (já não podia mais) — Eram antennas de um guindaste á mão para suspender as canôas.

André calou-se, mas ao ouvido de

Olga disse alguma coisa que a fez rir e perguntar:

—Disseram-me que aqui ha phantasmas... — Será verdade?

— E' mesmo, senhorinha—São os mais lindos espiritos que eu jamais tenha visto. Muito attrahentes... são phantasmas de saias, jovens, mãe e filha, vestem de azul, uma é loura, a outra de cabellos castanhos, muito elegantes, muito...

— Já sei — disse Olga — uma chama-se Olga, outra Clotilde.

— Isso mesmo! Bastou que apparecessem estes espiritos para afugentar os outros.

— E quando ellas adquirirem este castello — observei — tu tambem deves arrumar as tuas trouxas, dizer adeus e ir embora.

— Antes me atiro naquelle poço — res-

pondeu André. — A proposito, conta-se que o principe Stroppolowski, gordo e pançudo filho do dono, jogou-se neste poço por não querer casar com a feissima princeza Peteleky. A princeza que fervia de amor por elle, atirou-se logo em seguida, mas appareceu á borda por haver recochetado na pança elastica do principe.

— Todos feios, os habitantes e donos deste castello — notou Olga.

— Os antigos, sim. Os futuros serão lindos e, quando tomarem posse do castello, este ficará encantado.

— O senhor quer que esse cumprimento nos attinja — disse a senhora Clotilde.— Com certeza o senhor André pretendia adquirir o castello, mas agora por gentileza quer nos ceder o logar.

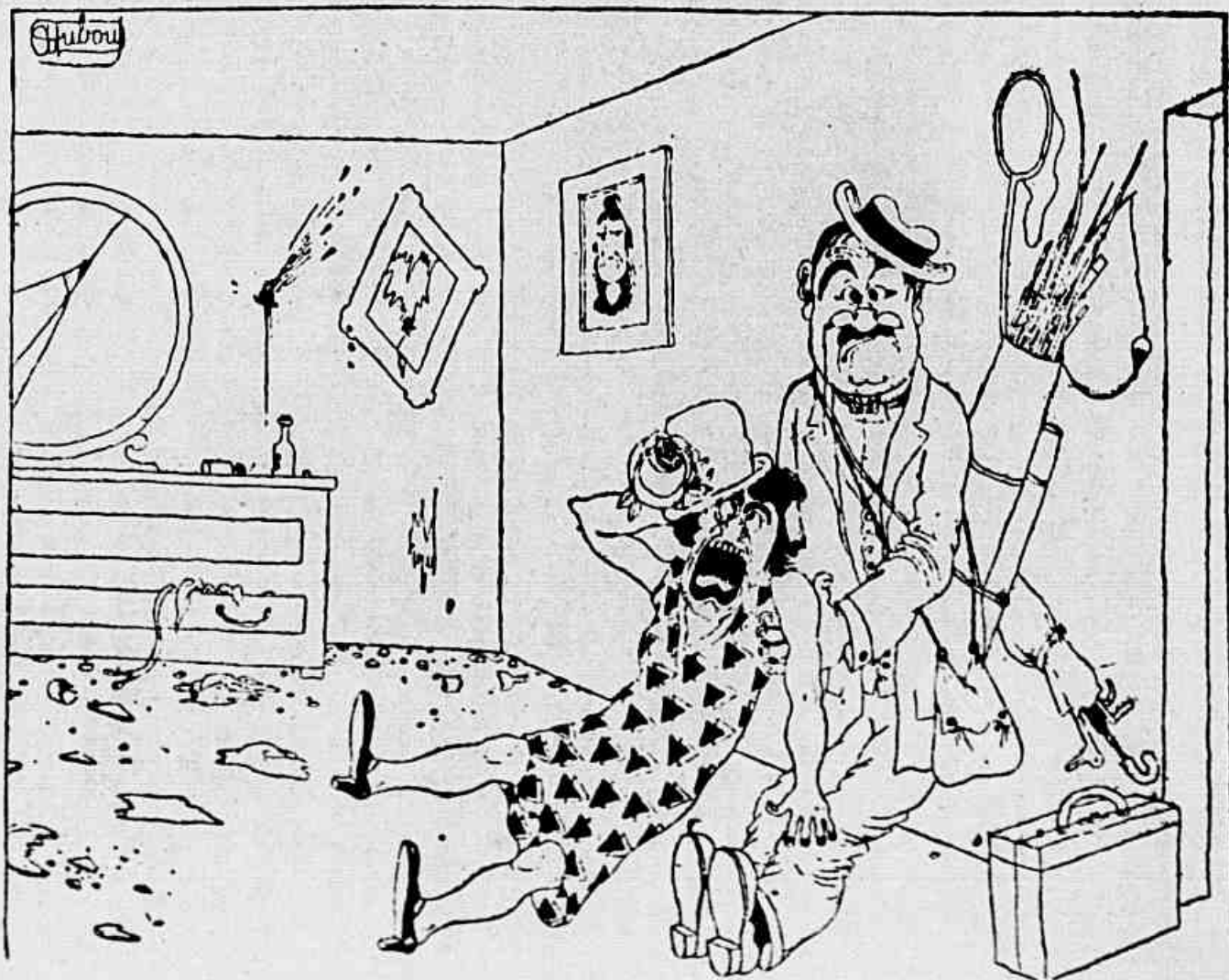
— Nada disso, minha senhora — eu aqui sou uma especie de Carlos o Temerario: á photographia prefiro o original e, quanto a pretenções, limito-me a ser um pretendente de uma das pretendentes.

E ahi o André apertou o braço de Olga tão significativamente que ella comprehendeu.

Não só ella, como eu, que havia algum tempo não pensava mais no castello e nas suas antiguidades, mas em alguma coisa mais moderna, preciosa e attrahente que eu levava pelo braço. E já estavamos tão de accordo sobre certos projectos futuros que me achei autorizado a puxar o André pelo braço e dizer com ar de homem autoritario:

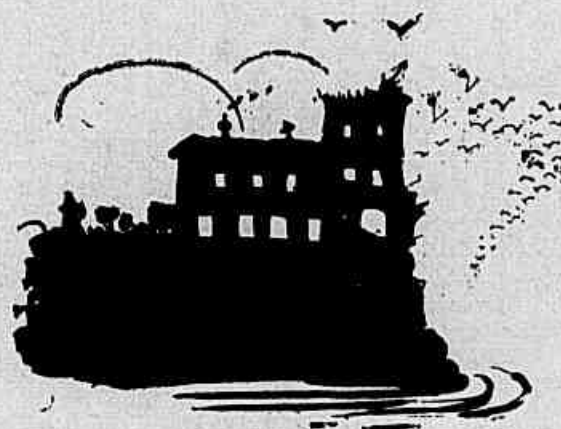
— De maneira que "o senhor" está disposto a pedir-me a mão de minha filha Olga?

— Tua filha? Com que direito assumes uma paternidade que não te compete?

— Com o direito que me confere o meu proximo casamento com a senhora Clotilde.

— Olha lá essa brincadeira! Como amigo e collega supportei-te. Vê se posso supportar-te como sogro...

O facto, em seu resumo, deu em dois casamentos. O castello de Torrependida, tão funereo e triste, transformou-se no Castello da Alegria. Echos de retumbantes e argentinas risadas voavam das janellas, alegria que se propagava pela aldeia. Desencantou-se a lenda dos espiritos e quem visitava o castello voltava admirado de ver quatro phantasmas gaiatos que haviam transformado aquellas ruinas, cheias de corujas, morcegos, lagartixas, aranhas e esqueletos, num recanto de paraizo.

Um dia André apanhou-me pela golla do paletó:

— Escuta, Agostinho. Agora somos genro e sogro. Havia promettido matar-te

se não viesses ao castello. Eu sabia que aqui encontrariamos a felicidade em partida dobrada. Mas, como preciso pregar-te uma peça, aviso-te, desde já, que antes de me presenteares com algum cunhado faço-te virar avô e antes que tu sejas pae.

De facto, aquelle damnado manteve a promessa. O seu filhinho nasceu tres dias antes do meu.

Espiritos novos e alegres povoaram o castello.

YANTOCK.

Pensamentos

Toda a gente é capaz de aprender a civilidade que consiste, apenas, em certos termos e em certas ceremonias arbitrarias, sujeitas, como a linguagem, aos paizes e ás modas; mas a polidez não se aprende sem uma disposição natural que, na verdade, tem necessidade de ser aperfeiçoada, pela instrucção e pela pratica do mundo.

DIDEROT.

Só nós mesmos sabemos se somos covardes ou crueis, leaes ou dedicados; os outros não nos conhecem, adivinham-nos apenas por conjecturas incertas, não sabem se somos naturaes ou temos arte para encobrir nossos defeitos.

MONTAIGNE.

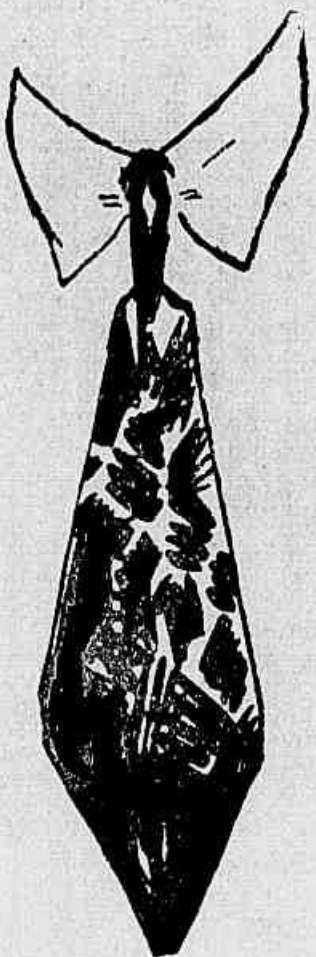
— Vejam se podem apagar o fogo bem depressa. Espero amigos, ás cinco horas, para o chá.

A' VOLTA DE FERIAS

A esposa — Miseraveis! Roubaram tudo, quebraram tudo...
O marido — Bandidos! E ainda por cima deixaram o retrato da tua mãe!

Londres, DEZEMBRO DE 1930

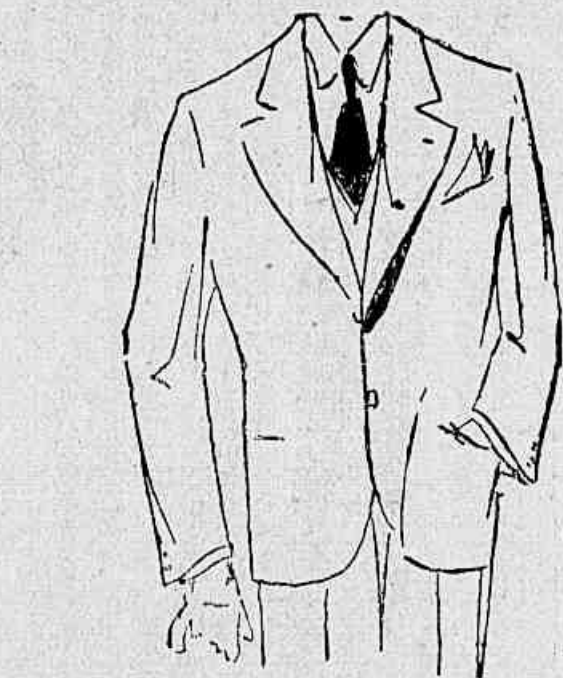
Vejamos o que se pode dizer a respeito dos collarinhos que apparecem nas melhores casas do artigo desta capital. Antes de mais nada, convem dizer que ha uma grande variedade — duros ou molles, pontudos ou ovalados, altos ou baixos. Em regra, o collarinho duro ou molle é mais baixo do que alto.

A gente moça, no momento presente, tem

inclinação visivel pelos collarinhos pontudos, e podemos dizer que, nesse particular, ha até mesmo um pouco de exagero.

Os collarinhos pontudos estão realmente em moda; mas isso não significa que se devam preferir collarinhos exageradamente compridos cujas pontas mais pareçam as azas de uma grande ave.

A virtude está sempre no meio termo e esta regra é verdadeira em todos os dominios da vida.

Não ha duvida que saber vestir deve ser o lemma de todo o homem que pretende destacar-se na sociedade. Mas saber vestir não significa andar unicamente com roupas caras. Significa saber combinar maravi-

lhosamente todos os accessorios indispensaveis ao bom gosto masculino.

Ha pouco tempo, tive opportunidade de ver um cavalheiro de certa idade vestido com um gosto perfeito. Elle usava um terno azul, listado de cinzento, em listas fortes, camisa de *madras* azul, listada de

cinzento, gravata de seda azul com quadrados grandes cinzentos, lenço de seda azul e branco, chapéu de feltro claro cinza e luvas cinzento claro. Para rematar, sapatos de verniz preto com polainas brancas. E', como se vê, uma combinação realmente perfeita.

Hoje em dia, nenhum cavalheiro pode deixar de interessar-se pelos sports, porque a verdade é que estes abrangem as creaturas que vão desde os seis aos sessenta annos. Por isso, nas melhores collecções parisienses e londrinas de accessorios masculinos apparecem sempre as vestes proprias para sport, dentro da nossa casa. Claro está que, quando participamos da vida de clubs sportivos, somos obrigados a ter um guarda-roupa especial. Tal não se dá em relação ao traje que deve ser usado em casa.

O modelo que reproduzimos constitue uma das creações mais agradaveis de veste de exercicio para quarto. E' feita de um tecido de algodão muito leve e muito elastico, que proporciona a maior facilidade de movimentos e que apresenta um córte realmente novo e commodo.

PETER GREIG.

CURIOSIDADES

Dois norte-americanos tiveram a original ideia de organizar, em S. Luiz, corridas de tartarugas. Uma centena desses animaes foram reunidos dentro d'um circulo. Ao signal dado, deixaram-nas sahir e a vencedora foi a tartaruga que primeiro attingiu um circulo maior traçado uns trinta metros afastado do primeiro.

COMPANHIA DE SEGUROS "NOVO MUNDO"

A commemoração do primeiro anniversario e a inauguração da nova séde da Companhia de Seguros "Novo Mundo", em edificio proprio, que acaba de ser construido á rua do Carmo, n.º 65

Ao alto : — Um aspecto da inauguração.
Ao lado : — A fachada do bello edificio, á rua do Carmo 65

A venda do jade

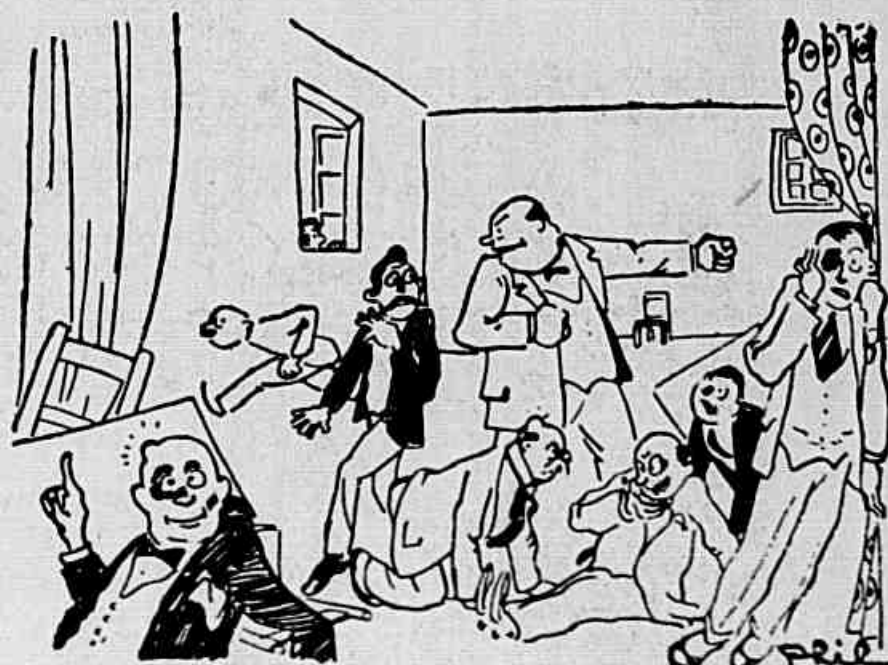
Só por si Cantão importa jade da Birmania na importancia de cerca de quatro milhões de dollares por anno.

Uma vez por anno abre-se naquella cidade o mercado dos blocos importados. E' geralmente em fins do primeiro mez do velho calendario. Para essa operação emprega-se um systema de lances secretos. O vendedor — o "sing song" — está no meio do recinto; annunciado o numero a que corresponde um pedaço de pedra, os compradores precipitam-se para elle, indicando as suas offertas com os dedos. O "sing song" tem uma memoria admiravel: não só póde indicar os preços com as duas mãos como se lembra do numero e do preço de cada um dos pedaços postos á venda. Quando o preço lhe parece sufficiente, grita o nome do candidato. A pedra fica, pois, pertencendo a quem apresentar o primeiro lance e o sustentar.

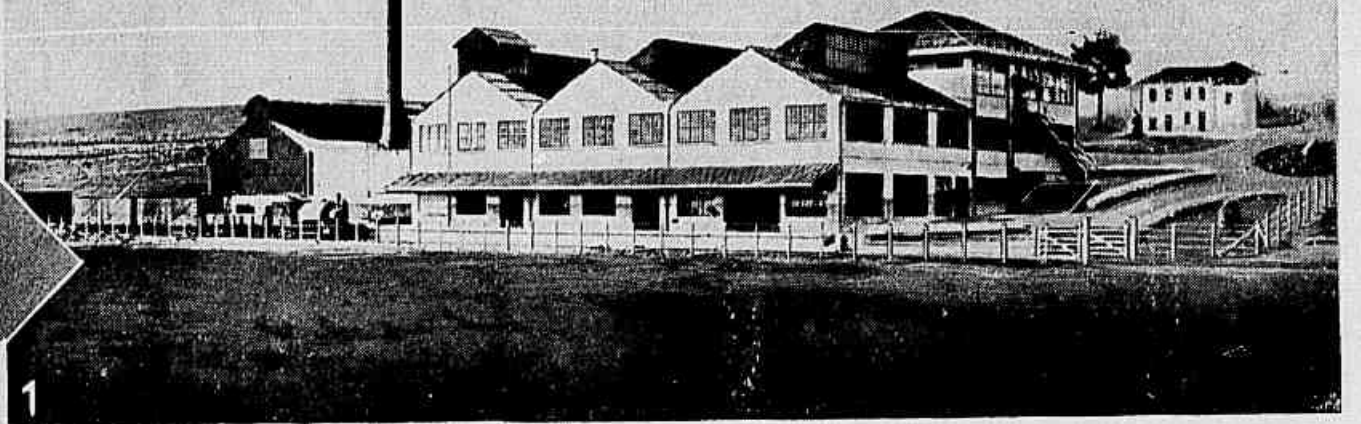
Cumpre acrescentar que, quando um bloco de jade comprado na pedreira chega a Cantão, já o seu preço dobrou em razão dos impostos e das despezas de transporte.

O preço duma vida

Um dos livros do Instituto Francez, de Washington, que o sr. Jusserand, o mez passado, apresentou á Academia das Sciencias Moraes, de Paris, conta a viagem que Houdon fez, em 1785, á America do Norte. O grande esculptor ia executar, d'après nature, *a estatua em marmore de Washington, que está em Richmond e da qual se encontra em Versalhes um replica em bronze. A viagem apresentava então algum perigo e Houdon, que era o unico arrimo da sua familia, pediu que lhe segurassem a vida. Assim nós sabemos o que então valia a vida do mais illustre artista do tempo: valia 10.000 francos.*

Offerecendo hoje a viagem muit mais segurança, ninguem seguraria por tão baixa quantia a menor, a menos interessante das obras de Houdon.

O cavalheiro, enthusiasta de box, que viu luctar Primo Carnera :
— E agora, eu lhes explico como foi o knock out!

Mais um triumpho para a Industria Brasileira

Os maiores fabricantes de sabão no mundo montam uma fabrica modelo em S. PAULO

Levers Brothers, Ltd, inaugurarão por estes dias em São Paulo um excellente estabelecimento fabril que será o mais recente accrescimo á vida industrial paulista, obedecendo á praxe adoptada pela firma, que é a de montar fabricas nacionaes em todos os paizes importantes do mundo. Quasi 50 annos de experiencia na manufactura do sabão e o estudo dos productos, materia prima e mão de obra nacionaes permittirão a venda dos sabões universalmente conhecidos, taes como *Lux* e *Sunlight*, como productos genuinamente brasileiros. Desde os 19 annos que o sr. William Hesketh Lever, chefe da actual firma industriai, vinha observando, em seu mistér de empregado de balcão, a necessidade de obter um sabão puro e de bom aspecto. Um anno depois o sabão *Sunlight* dominava os mercados, do que resultou a construcção de sua primitiva fabrica, hoje a maior do modelo Lever: Port Sunlight, cujos empregados moram em uma villa modelo da propria firma. Sua extensão, com as dócas, desvios de estradas de ferro e a villa, é de 1.750.000 metros quadrados.

Nos mercados estrangeiros, como nos da França, Belgica, Allemanha, Hollanda, Suissa, Escandinavia, Austria, Italia, Polonia, Tcheco-Slovaquia, Australia, Nova Zelandia e Africa do Sul, os Irmãos Lever movem fabricas nacionaes e collocam victoriosamente seus productos, mesmo na Asia e nos grandes centros commerciaes do Canadá e dos Estados Unidos.

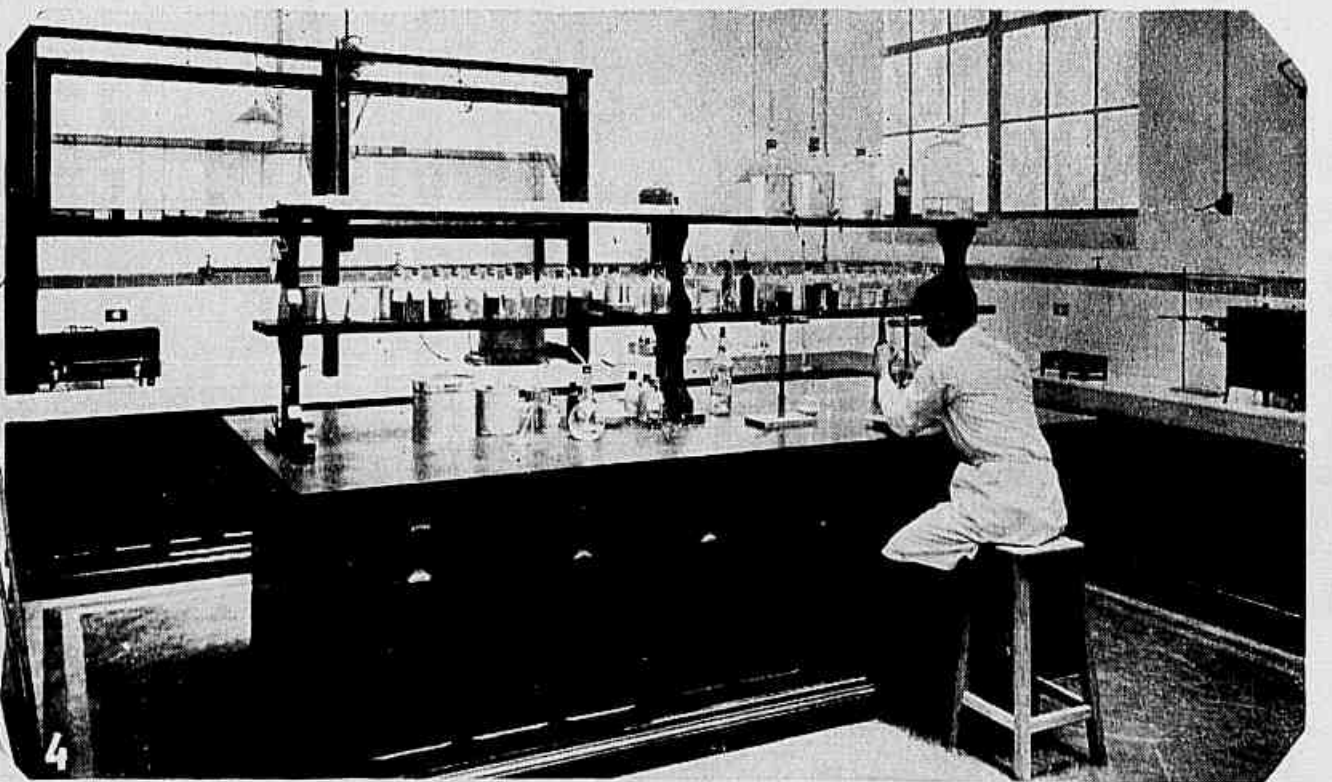
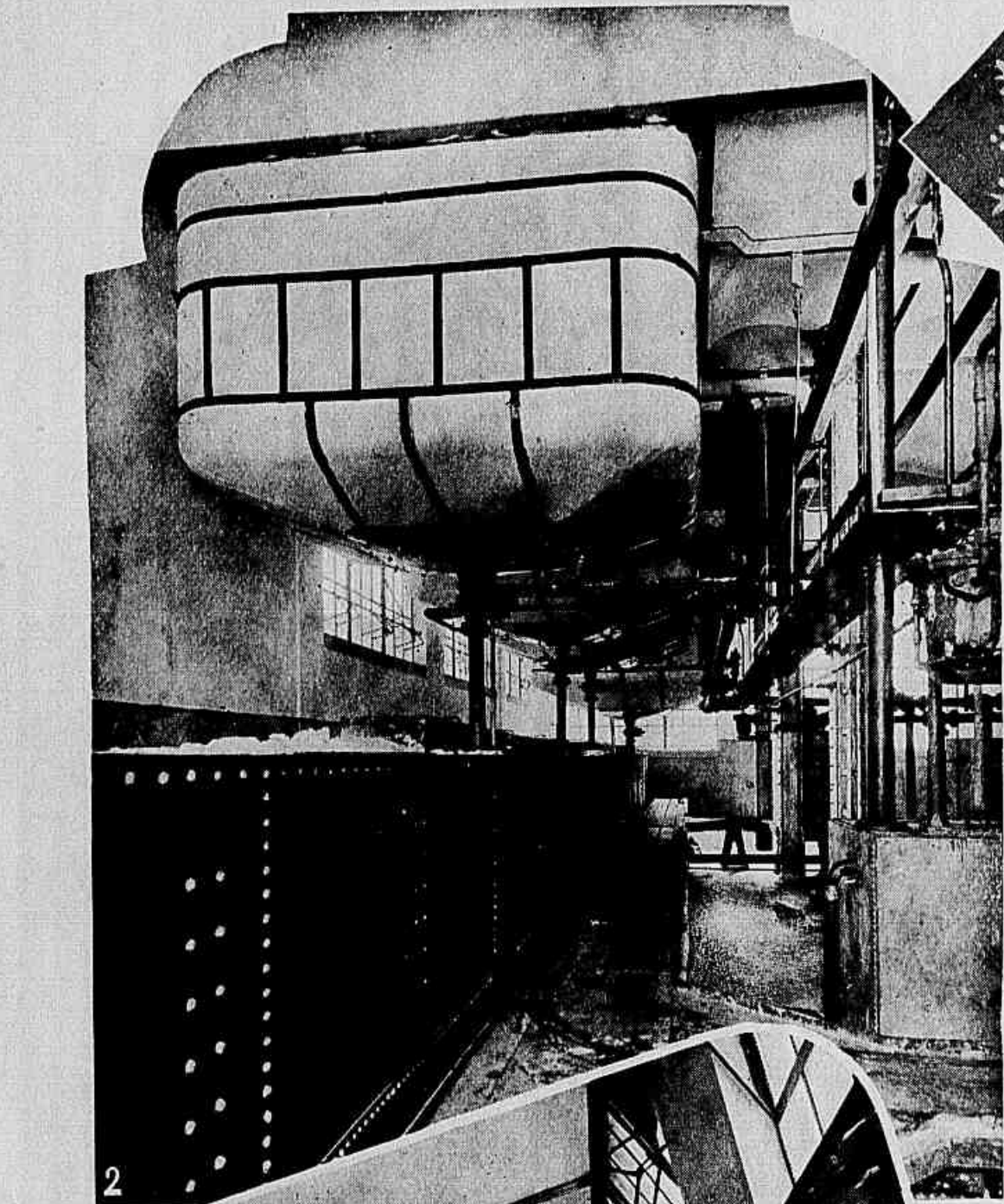
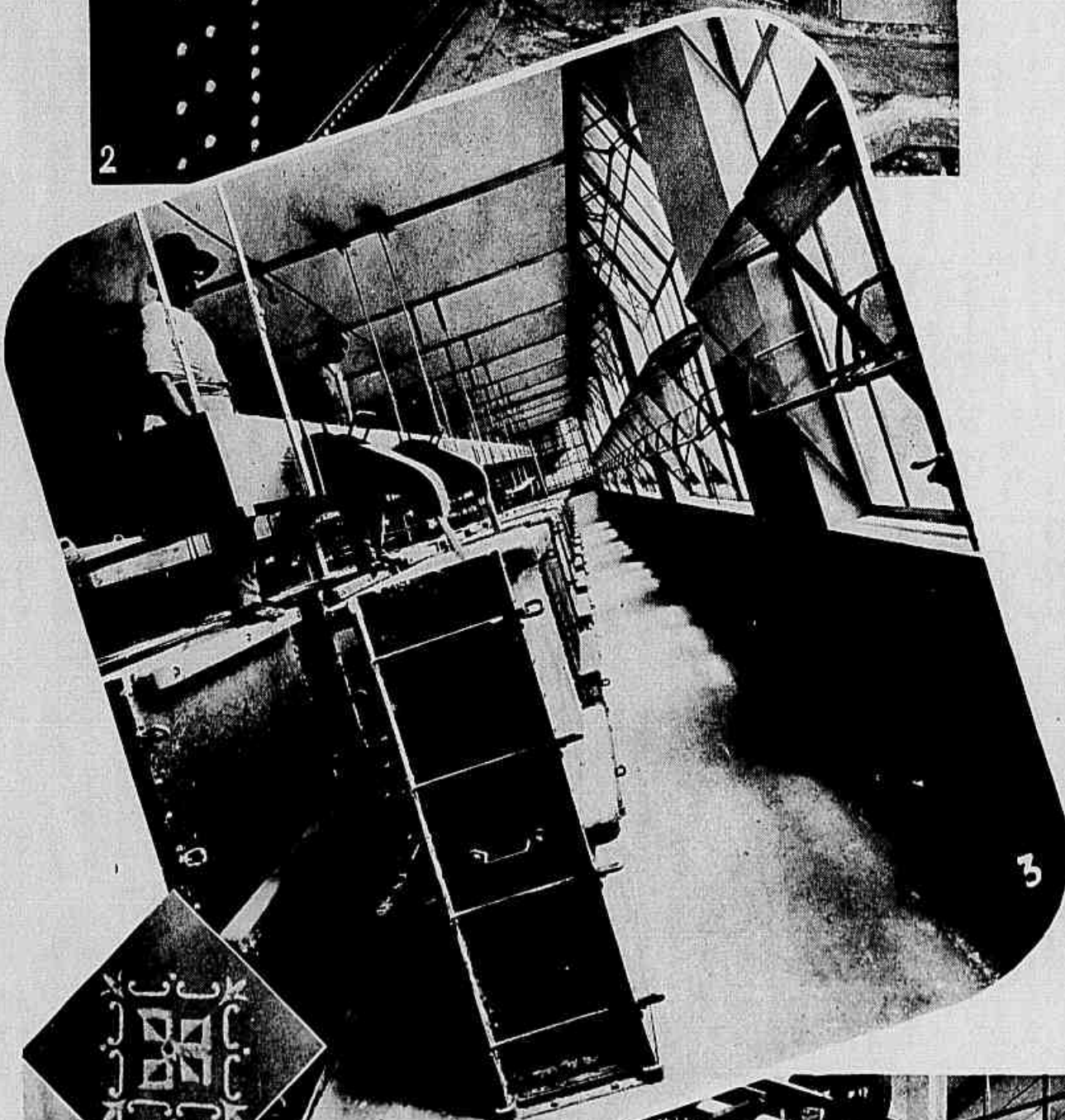
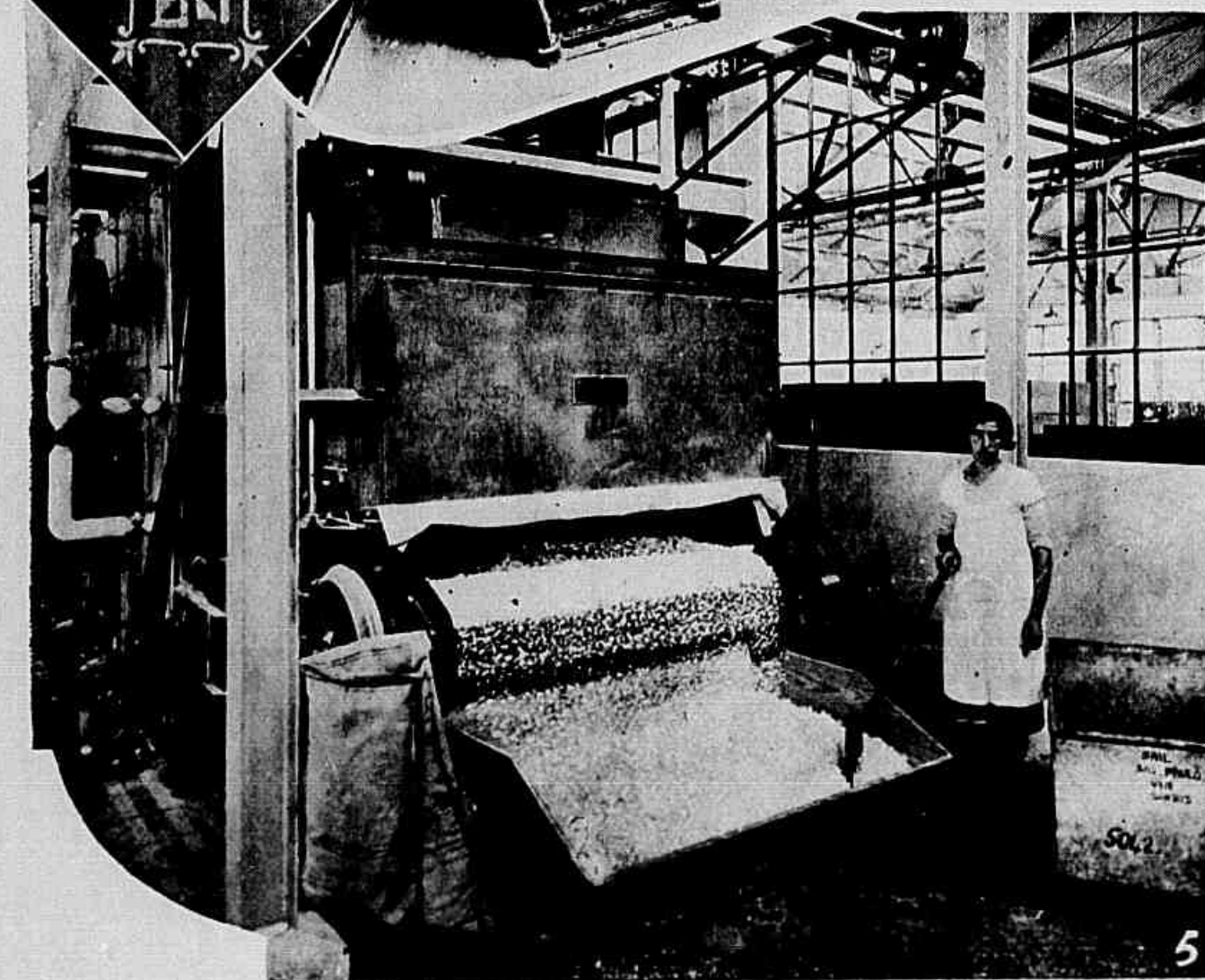
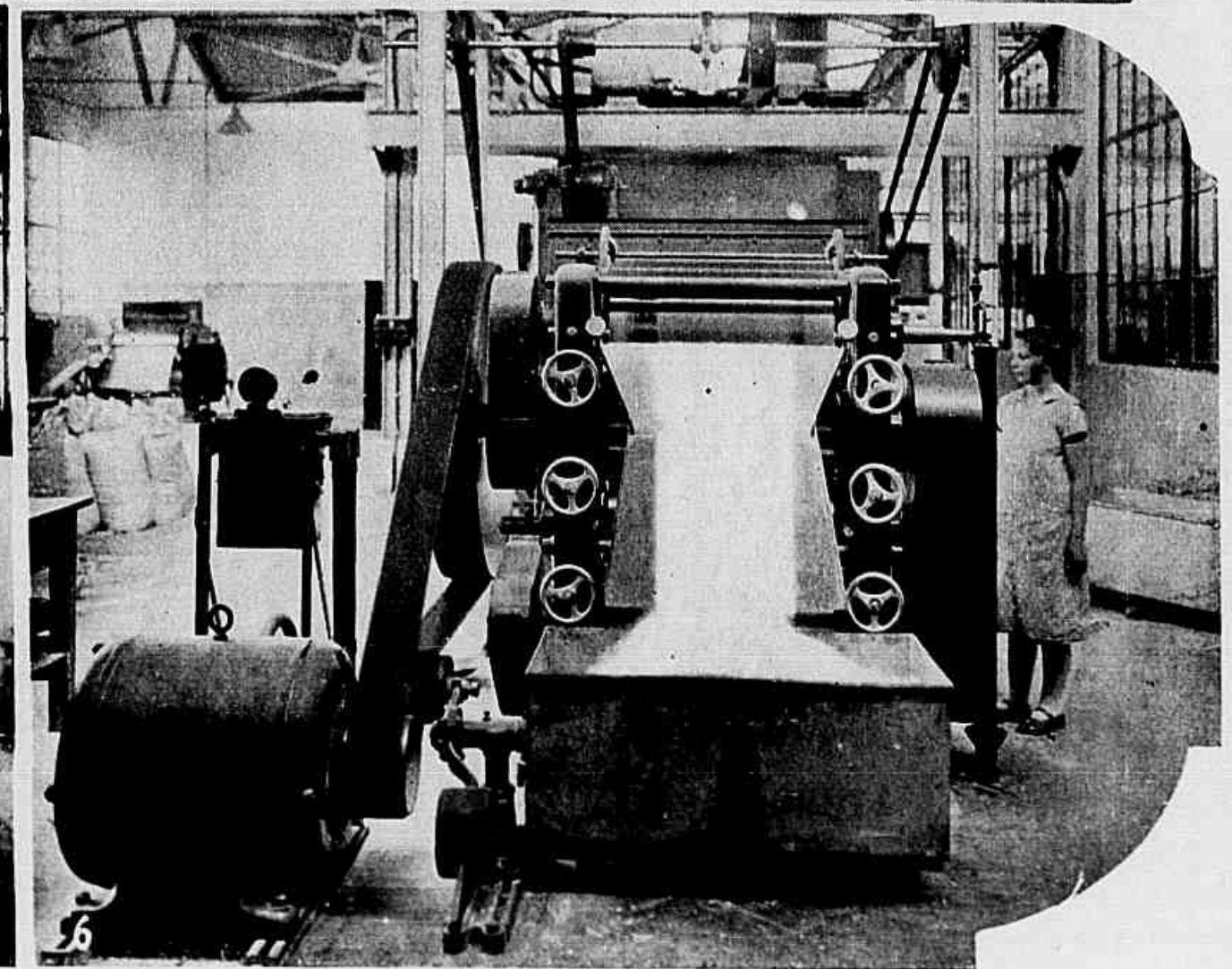
Para obter materia prima e manter um gráu fixo de qualidades e fornecimento, Lord Leverhulme fez adquirir interesses em toda e qualquer especie de industria ligada a oleos. Para tanto, chegou a fazer um accordo com o governo da Belgica para aperfeiçoar o cultivo da planta oleaginosa em grande extensão do Congo Belga, introduzindo a industria nos pontos mais inaccessiveis da Africa, construindo milhares de milhas de estradas, dócas, armazens, villas, acampamentos, como preliminares de sua acção industrial,de que Leverville, no coração da Africa, é um fructo brilhante.

Hoje a fabrica Lever se applica tambem a industrias variadas, como pesca, obtenção de margarina; productos para toilette, como pó para Shampoo e pastas para dentes, sobrelevando todavia o sabão.

A fabrica paulista a ser inaugurada tem o predicado de ser eminentemente nacional. Excellente por tudo: desde parafusos e pregos, até a machinaria, assim como o Laboratorio, onde notaveis chimicos se entregam á analyse scientifica dos productos que entram na fabrica. Durante a confecção, a pureza das substancias é constantemente fiscalizada. O asseio, tratando-se de productos que se destinam a promovel-o, em todo o mundo — é a regra em todos os detalhes de construcção: as caldeiras para fervura, quartos para seccagem, machinas para fazer as barras de sabão, a delicada machina para fabricar as escamas frágeis do *Lux*, salas para empacotamento e embrulho — tudo é limpo como uma sala hospitalar para operações.

No Brasil, os Irmãos Lever encontraram o paiz productor, por excellencia, de vegetaes cujos fructos conteem materias primas utilizadas no fabrico do sabão, como oleos finos. O do côco babassú, quasi inodorifero e côr de ambar, é optimo. Esses industriaes ampliaram o seu conhecimento no paiz, outr'óra restricto ao norte, e pretendem fazer delle, em breve, um rival perigoso do *copra*, do Pacifico, de consumo mundial.

E com os oleos do côco babassú e do amendoim, cuja procura incentivam, ao mesmo tempo que Lever Brothers Ltd. pretendem confeccionar productos esplendidos, e de preço vantajoso, dão um grande incremento ás industrias nacionaes, enriquecem São Paulo com um modelar estabelecimento e dão uma prova de confiança, nesta hora de precariedade, nas possibilidades do Brasil.

1 — Vista exterior da fabrica. 2 — Uma das galerias de tachos. 3 — Sala de resfriadores. 4 — O laboratorio, cujo contrôle garante a pureza de todos os productos. 5 — Machina seccadora. 6 — Cachoeira de flocos Lux.

SONHAR

Sonhar... é viver!

A vida encerra em si os mais nocivos germens da dôr, da frivolidade e do desencanto.

A vida seria uma obra digna de artifices satanicos se a fetidez do immenso lodaçal da materialidade humana não fôra suffocada pelas essencias do espirito e pelos aromas dos sonhos que se evaporam do jardim das almas.

* * *

A arte photographica, em communhão com a expressão natural destas duas magistraes composições, suggere-nos algo de divino, só possivel de ser encontrado na meditação, no extase e no encantamento.

A observação, induzida por uma ansia espiritual de adivinhar o que existe atrás do harmonioso véu desse rosto em extase,faz-nos pensar nas imagens maravilhosas que podem desfilar ante a imaginação da mulher, quando esta se resigna a buscar no sonho as bellezas que lhe nega a banalidade da vida.

E é nessa observação que respondemos a nós mesmos, querendo adivinhar o segredo que occulta esse rosto que expressa angustia, encantamento, delicias e martyrios n'uma confusão de prazeres e soffrimentos!

Extase!

Cerrou os olhos á dôr para confundir-se no torvelinho de uma felicidade suprema. Cerrou os olhos ao tédio dos prazeres frivolos, para extasiar-se na bacchanal delirante dos deuses. Cerrou os olhos á luz do ephemero, para extasiar-se ante a illuminação eterna das almas. Cerrou os olhos ao gozo da carne, para viver a orgia de um delirio inaudito. Cerrou os olhos ao amor que se extingue, para abandonar-se a uma posse infinita, eterna como um suspiro que, desfazendo-se em ais e gemidos, se esparge pelo firmamento em uma caravana de estrellas, em uma via-lactea sem fim...

Sonho!...

Dorme! Do extase passou ao sonho.

Um esgotamento mental venceu as forças physicas para deixar em uma lassidão de abandono o corpo que por graça da imaginação viveu em um instante um mundo de delicias.

Dorme! A fantasia inicia sua dansa deslumbrante entre véus incorporeos, ao som de liras tocadas por Hamadryades e tambores golpeados pelas mãos brutaes dos Faunos.

Sonha que desponta no horizonte, entre alvas nuvens, o carro do amor que centos de briosos corceis arrastam por um caminho de illusões; que nelle vem o viajante esperado ha tanto tempo e a elle se entrega com todo o fervor de sua alma, tendo por camara nupcial a natureza immensa que a primavera adornou de flores e as brisas perfumaram com as emanações do oceano...

POR JOSÉ VICENT PAYÁ

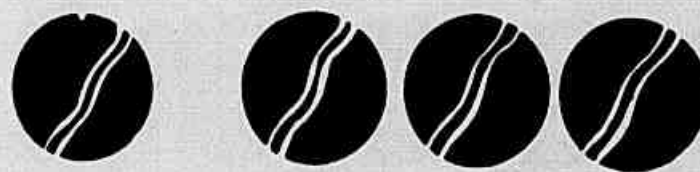
* * *

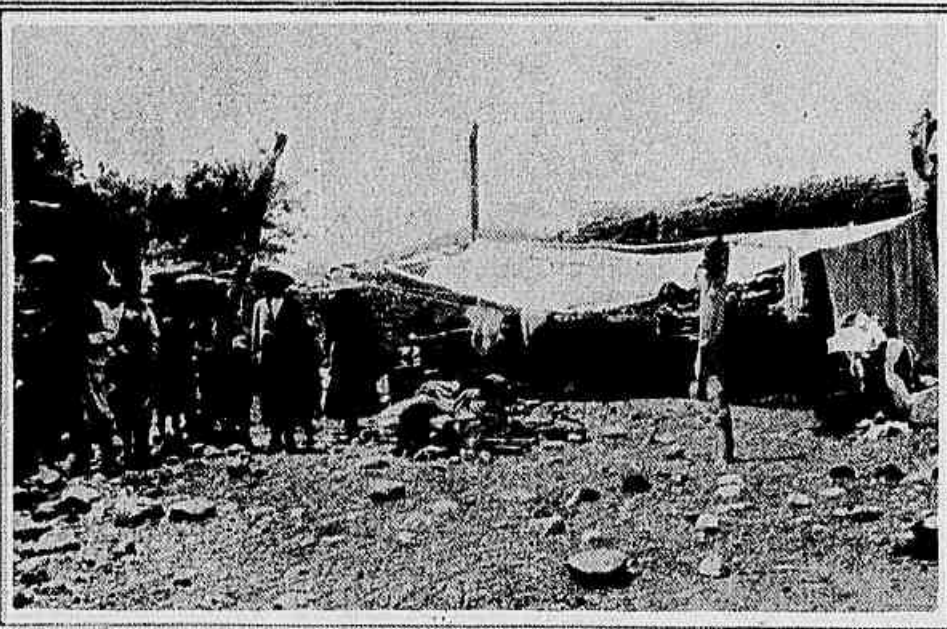
Sonhar! Sonhar em uma lembrança que nos desperta saudades; sonhar com a gloria, que só alcançamos em nossas illusões; esculpir no bloco de um sonho a figura magistral da perfeição. Sonhar que nos desprendemos da carne immunda, para nos transformarmos em deuses; cavalgar, cavalgar sobre o corcel indomito da fantasia, numa carreira desenfreada que nos leve por caminhos de nuvens, rumo a outros mundos... Modelar nas officinas da imaginação as ambições supremas da alma. Sonhar, sonhar!...

Sonhar com a reconciliação dos homens e no exterminio do odio, do rancôr e da soberba. Sonhar com uma éra de amor que confraternize todos os povos para a sã formação de novas gerações.

Sonhar que os campos ferteis jamais serão profanados por exercitos invasores e a terra não mais será regada com o sangue vigoroso dos sêres arrancados, com inclemencia e crueldade, do regaço sagrado das mães... Sonhar com o occaso das guerras e com a radiante aurora de uma paz immorredoura. Sonhar com o cataclysma sismico-moral que derrube as fronteiras onde germinam os monstruosos "direitos" inoculados por Satan...

Sonhar! Sonhar com a imagem perfeita da realidade, que por tão pobre e miseravel não nos póde proporcionar; sonhar com a justiça de Deus castigando a torpe e audaz justiça dos homens! Sonhar e despertar para vêr o sonho realizado ao contemplar o mundo em destroços e os espiritos de Sodoma e Gomorrha, com os da actual geração, com os de todas as gerações, numa orgia louca, a rir, a mentir e profanando a virtude...

(*Photos* DE LOS RIOS)

O terremoto em LA POMA

Como ficou a entrada do cemiterio de La Poma, após o terremoto.

Uma das tendas do Exercito erguidas para refugio das familias.

Estado em que ficou o local onde funccionava o Juizo de Paz.

Uma familia que se viu obrigada a refugiar-se na praça publica, fugindo da casa, que ficou em ruinas.

Vista panoramica do povoado de La Poma, que foi quasi totalmente destruido pelo forte movimento sismico.

Aspecto da praça de La Poma convertida em refugio das familias que escaparam á morte milagrosamente.

Interior de uma das casas destruidas pelo terremoto.

A igreja parochial, que ficou inteiramente destruida.

As humildes vivendas dos habitantes de La Poma totalmente destruidas.

Ao lado, á direita. — Uma das muitas fendas abertas na terra, que dá uma idéa da importancia do movimento.

La Poma é um dos vinte e um departamentos da provincia argentina de Salto. Quanto á população, é das de menor significação; quanto á adversidade, porém, acaba de assumir papel saliente, por isso que, em fins de Dezembro, foi o povoado sacudido por um violento terremoto que se alastrou por todo o territorio, devastando-o desoladoramente e fazendo trinta e seis victimas, além de cem feridos. Simultaneamente a provincia de Mendoza era assolada por violenta tempestade, irmanando-se no infortunio ao pequeno departamento da provincia de Salto. O terremoto de La Poma teve larga repercussão, por isso que se tornaram necessarios auxilios da Republica irmã e amiga á área flagellada.

O cartorio do Registro Civil funccionando numa tenda na praça principal.

FIGURAS E FACTOS

O banquete offerecido pelo sr. Uribe Afanador, encarregado de Negocios da Colombia, ao sr. Mello Franco, ministro do Exterior. Vê-se sentada, ao centro, a senhora Uribe Afanador, que tem á direita o sr. Mello Franco, a senhora embaixatriz da Argentina, o sr. embaixador do Mexico e a senhora ministra da Hollanda, e á esquerda o sr. Nuncio Apostolico, a senhora embaixatriz do Mexico, o sr. embaixador da Argentina, a senhora ministra da Hungria e o sr. ministro da Allemanha.

Na residencia do general Juarez Tavora. O valoroso agitador do Norte, valor efficiente da Revolução que triumphou, recebeu pela segunda vez a imprensa carioca, expondo os seus pontos de vista e explicando as suas attitudes aos representantes dos jornaes do Rio de Janeiro. Na photographia vê-se o valoroso general Juarez Tavora rodeado pelos jor nalistas que acudiram á entrevista.

O banquete offerecido pelos medicos de 1916 ao dr. Baptista Luzardo, chefe de Policia, seu collega de turma. Vê-se assignalado o dr. Baptista Luzardo, que tem á direita os professores Miguel Couto, que paranymphou a sua turma, e Fróes da Fonseca, e á esquerda a senhora Baptista Luzardo e os professores Fernando Magalhães, Osorio de Almeida e Henrique Rôxo.

A grande reunião de cordialidade, traduzida num almoço com que os jornalistas cariocas homenagearam o sr. Adolpho Bergamini, interventor federal e nosso antigo collega de imprensa. Vê-se assignalado o sr. Adolpho Begamini, que tem á direita o sr. Lindolfo Collor, ministro do Trabalho, e o jornalista J. Pinheiro Chagas, e á esquerda o sr. Bricio Filho, director do "Jornal do Brasil", que falou em nome da imprensa carioca; Evaristo de Moraes, Itiberê da Cunha, H. Moses, Ulysses Brandão e Raphael Pinheiro.

Velha morada.

Poço da Panella é um arrabalde do Recife.

O nome, muito typico, muito nosso embora exquisito, explica-o assim Sebastião Galvão no seu Diccionario:

Havia, nos meiados de seculo XVIII, falta d'agua potavel no povoado e os moradores iam buscal-a a uma certa distancia não pequena. E foi quando mais perto descobriu-se uma fonte; fez-se logo uma excavação no local da vertente, afim de formar um poço, collocando-se ali grande panella de barro com o fundo aberto para melhor garantir a segurança das bordas.

Dahi o nome de Poço da Panella que ficou e ainda hoje resiste, sendo para desejar que permaneça sempre com o seu delicioso sabor tradicional.

O pittoresco arrabalde situa-se num recanto muito sombreado e quieto, hoje mesmo um tanto esquecido, com velhos casarões dentro de viçosos sitios, com algumas casinhas terreas agrupadas, um largo com a igreja da padroeira — Nossa Senhora da Saude — e a margem do Capiberibe perto num traço encantador de paizagem.

Poço da Panella, já disse, é hoje um dos suburbios mais pacatos e tristonhos da capital pernambucana. Dá uma idéa de região mais remota, mais escusa, mais longinqua. A gente ás vezes até se esquece de que existe, e esquecel-o-ia de todo se não fosse a festa da Saude que se realiza ainda todos os annos, ha seculo e tanto, embora com um aspecto de decadencia arrancador de suspiros, lamentos e saudades dos que a viram outrora num explendor singular e lhe assistem hoje num desbotado de brilho bem accentuado.

Fóra desses dias de novenario, mais ou menos buliçosos, o arrabalde parece cochilar numa avançada velhice e num evidente cansaço das alegrias de dantes. Dá uma idéa de que, com as pernas tropegas ou uma pontazinha de despeitado orgulho, não quiz acompanhar o resto da cidade no seu caminhar para outras épocas, outros costumes, outros prazeres. Teimando, parou. Parando, envelheceu depressa.

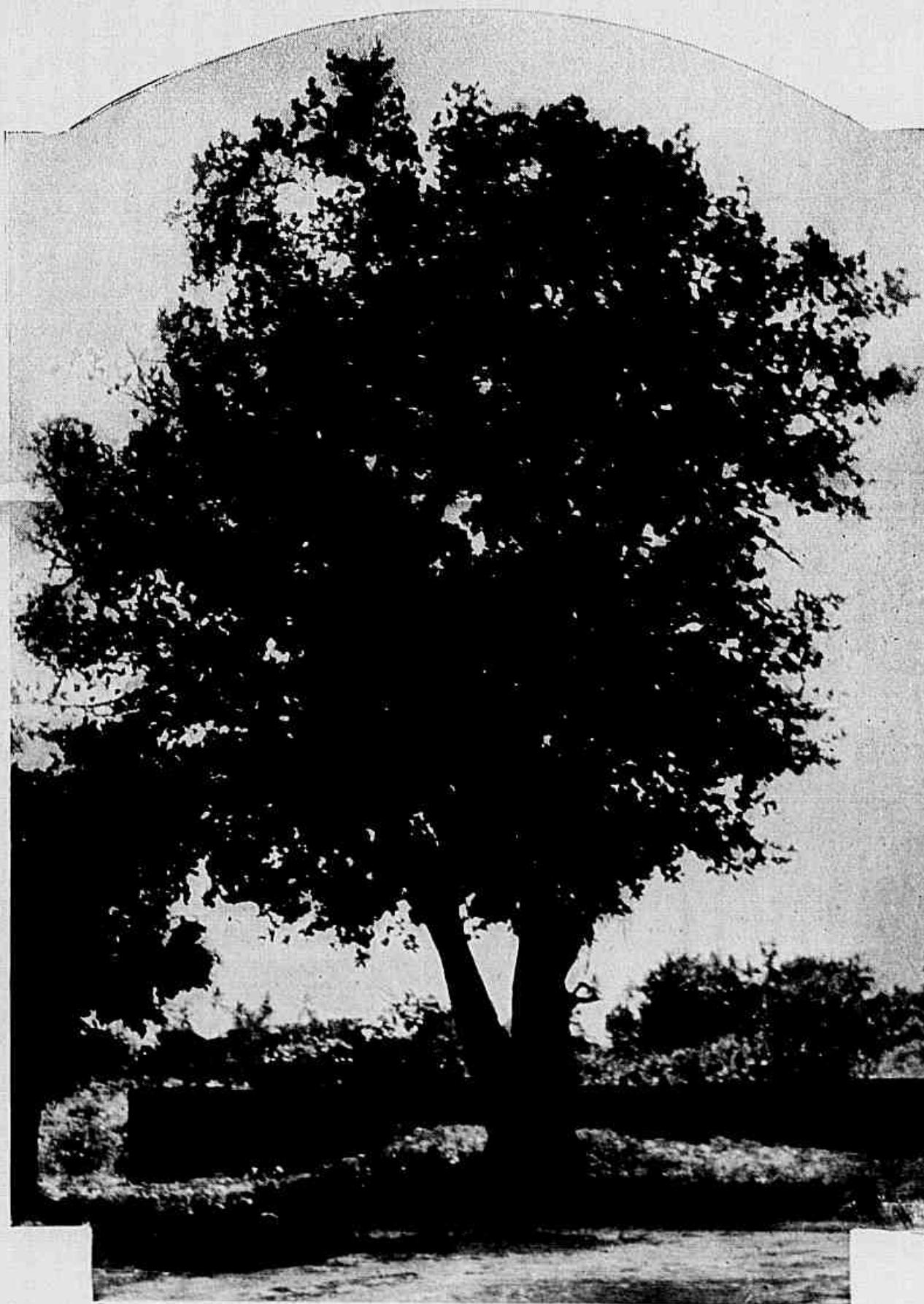
As mangueiras de copas fartas e redondas, os sapotiseiros de troncos alteados e ramagens derramadas, as jaqueiras com seus pomos verdes em maturidade rodeiam as vivendas caiadas de amarello ou de roseo velho, cheias de janellas, de terraços bordados de azulejos, de passeios de tijolos que levam o visitante dos portões enramados de trepadeiras ao vestibulo onde os crótons e jasmineiros servem de ornamentos.

O scenario das noites de "partidas", dos festejos de São João, das reuniões pela Festa, cahiu hoje numa tranquillidade quasi absoluta, num silencio quasi contristador como se as gerações que ali viveram nos tempos festivos tivessem levado para os tumulos o segredo do ruido, do riso, da alegria.

Nem sequer se vêem mais, á beira do rio, em banheiros de palhas, aquellas moças que se banhavam, em grupos, numa algaravia de phrases e de risadas, ás vezes afoitando-se ao ponto de mostrarem um pouco da belleza de seus corpos nús, como já reparavam os olhos maliciosamente gaulezes de Tollenare no começo do seculo XIX... Talvez porque esses encantos femininos hoje em dia andem expostos pelas ruas, não precisando das montras naturaes das aguas do Capiberibe nem das furtivas escapadas dos banheiros...

Poço da Panella teve verdadeiros triumphos no novenario da Saude, ha uns trinta annos atrás. Movia-se para ali toda a população recifense e o pateo, que não é grande, continha a custo tanta gente. Desde a noite da bandeira, que era trazida em procissão de moças da residencia da juiza, até á da festa que se apurava cada anno em ser mais sumptuosa, o Poço era o alvo de todo o Recife. E as novenas decorriam num parco de realce: a noite dos casados, dos solteiros, das casadas, das solteiras, da irmandade, dos empregados da Caxangá, dos estudantes, dos caixeiros...

Affluiam para lá, a pé, familias e familias; corriam para lá, apinhados, de meia em meia hora, os tremzinhos da Caxangá; passavam lentos e nobres os carros da cocheira de José Valete: landaus, victorias, cabriolets... Nestes iam os *lordes*, os ricos, os "que podiam"... numa exhibição de sobrecasacas, de fraques, de vestidos de seda, de vestidos de rendas...

Armavam-se arcos de bambús, de palmeiras, com bandeirinhas á vontade; installava-se illuminação a acetylene e a giorno; queimavam-se girandolas, fogos de bengala, soltavam-se balões. E as bandas de musica nos coretos deliciavam ouvidos com as valsas e polkas em moda, os trechos do Rigoletto, do Guarany, da Força de Destino que se tinham cantado no Santa Isabel ha pouco, ou com um arremedo de tango que era um meio escandalo na assistencia. As bandas do 14, do 40 do 2.º, da Policia, da Charanga, da Mathias Lima... cada qual mais cheia de si!

Arvores á margem do Capiberibe, onde embarcavam os escravos fugidos nas barcaças de capim.

Mas não era somente a Festa da Saude que dava renome ao Poço, não. Houve uma causa de muito maior relevo, de muito maior valor, capaz de collocar o modesto arrabalde na historia de Pernambuco, e quiçá do Brasil.

Foi José Marianno, o nosso grande e querido José Marianno. Ali viveu longos annos o ardoroso e sympathico tribuno, num sobrado que infelizmente o tempo destruiu, exhibindo hoje apenas os restos de uma dependencia.

A casa de José Marianno era a casa de todo mundo, sobretudo dos desamparados. Quem tivesse fome, quem desejasse protecção, quem precisasse de justiça batesse. Batesse, não; entrasse, porque a porta não se fechava. E lá dentro encontraria o sorriso acolhedor e bom do velho de brancas alvissimas, e o coração amoravel e piedoso de sua esposa d. Olegarinha.

Durante a campanha da abolição aquelle sobrado era o esconderijo dos escravos fugidos, daquelles para cuja alforria não chegava mais o dinheiro, apezar de d. Olegarinha ter vendido para essa obra de redempção todas as suas joias num gesto que se immortalizou.

Quando os captivos eram muitos e a casa já ia se enchendo demasiado, cuidava-se de mandal-os para o Ceará, onde a liberdade para os negros raiara. E era então que José Marianno e d. Olegarinha punham á prova a astucia que lhes nascia da bondade. Barcaças vinham carregar capim, no Poço da Panella. Atracavam perto da casa do tribuno, junto de umas arvores que se debruçavam no rio. E, quando o carregamento estava prompto, os escravos eram mettidos por baixo das camadas de capim de modo a não serem lobrigados por ninguem, nem mesmo pelos olhares argutos dos pegafujões. E assim, mais tarde, as barcaças desciam o Capiberibe, mansamente, dobravam o pharol, iam de mar afóra...

Todo o movimento politico dos ultimos annos da monarchia e dos primeiros da Republica vibrou fortemente no Poço da Panella. As campanhas em prol da liberdade, que encontravam sempre em José Marianno um apostolo, tiveram no Poço da Panella scenario emocionante. Ali se reuniam os partidarios do valente democrata; ali se combinaram pleitos, ali se leram artigos e manifestos, dali partiram ordens de acção, alí soffreram revezes e festejaram victorias.

Ao regressar do Rio, onde estivera preso por ordem de Floriano, José Marianno assistiu a uma apotheose no seu sobrado do Poço da Panella; naquellas paredes ecoaram os soluços pelo assassinio de José Maria, o destemido companheiro de José Marianno; e mais tarde ainda, num contraste do jubilo pela abolição, o povo pernambucano foi levar ao seu grande amigo não os abraços de parabens pelo triumpho, mas o de conforto e de saudade pela morte de d. Olegarinha, a santa, a mãe dos pobres.

Com o cerrar dos olhos da excellente senhora, como se a sua alma fosse a propria alma do arrabalde, começou o declinio do Poço da Panella. Tudo foi cahindo em silencio, em socego, em prece, em sussurro, para não perturbar o somno daquella que só tivera coração para querer bem aos humildes.

Poço da Panella é hoje um sitio de museu. Um museu que não visitamos com o olhar, mas sim com a alma que evoca, que exalta, que bemdiz e que tem saudades.

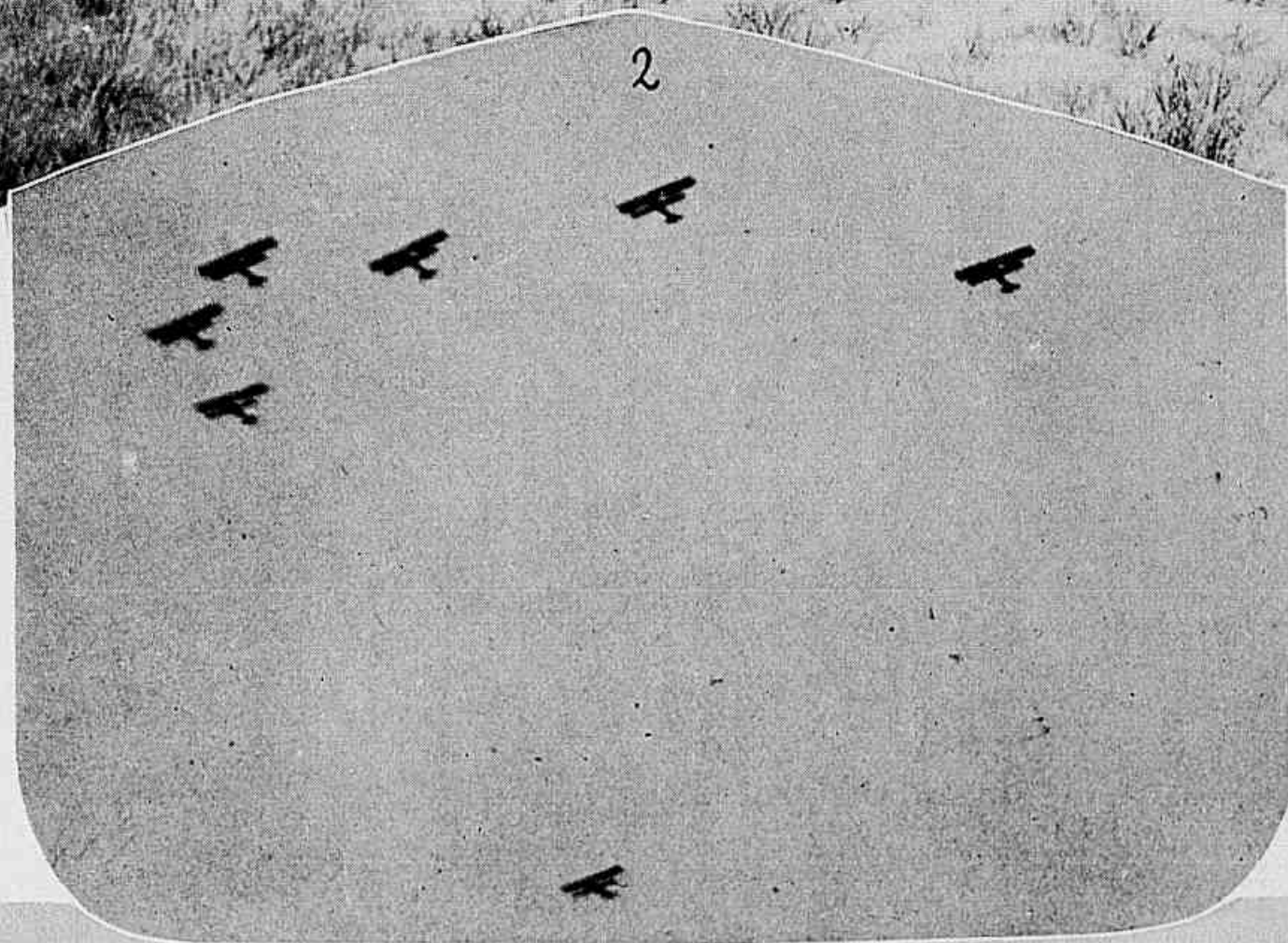
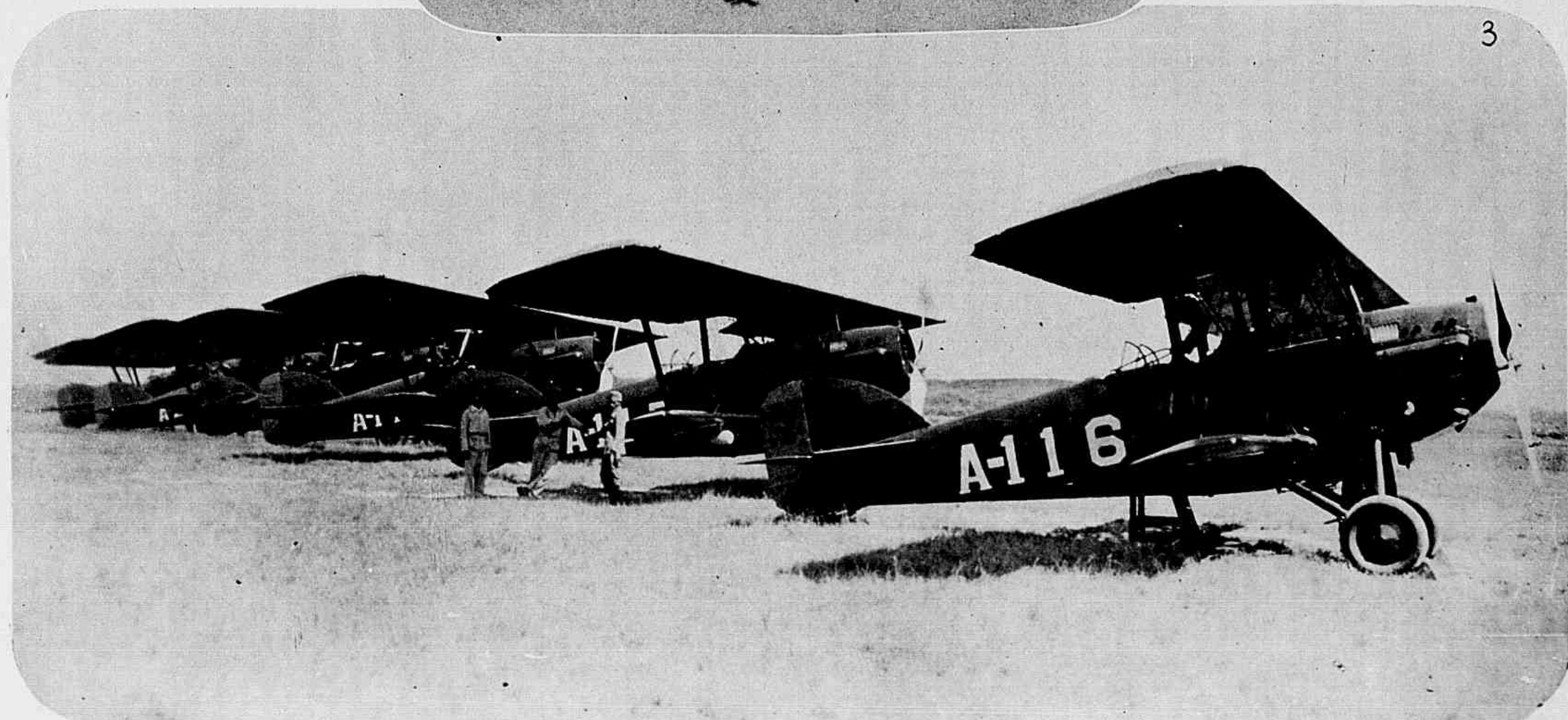
As ruinas da casa de José Marianno.

MARIO SETTE.

A embaixada aérea com que o Brasil recebe a Italia

1

2

A Aviação Brasileira enviou a Victoria, na manhã do dia 13, para aguardar a chegada da esquadrilha do general Italo Balbo e comboial-a até o céu da Guanabara, sete aviões "Potez" da aviação militar. As azas brasileiras partiram para levar á nação amiga o abraço de fraternidade da terra de Santos Dumont á terra de Pinedo, de Del Prete e de Ferrarin. Nossas gravuras representam detalhes dessa embaixada aeronautica, fixadas, na manhã da partida, no Campo dos Affonsos. 1 — Grupo dos pilotos e demais tripulantes da esquadrilha, vendo-se ao centro, indicado por uma cruz, o major Plinio, da aviação militar, commandante da esquadrilha. 2 — A esquadrilha em pleno vôo, demandando a barra. 3 — Os aviões "Potez" alinhados na pista do Campo dos Affonsos, antes do "décollage". A guarda de honra de aviões brasileiros não é apenas uma escolta protocollar de relações internacionaes. E', principalmente, a homenagem da Aviação nacional ao grande feito aéreo da nobre nação do Mediterraneo.

3

ESTUDEMOS um pouco em 1931 o Rio de Janeiro já muito distante de 1855. Vamos percorrel-o, sem fadiga physica, estudar-lhe ligeiro vida e costumes. O estudo comparativo das nações e das grandes cidades mostra-lhes, em diversas épocas, o vigor ou o descaimento de forças. E, como o melhor modo de viver seja não debater por cousa alguma, examinemos sem justar.

Estamos, pois, no Rio de Janeiro de 1855. Guiam-nos informações de vario genero, mormente as de Thomaz Ewbank. Vamos vêr de tudo um pouco, sem muito amor a methodo.

O transeunte do Rio de Janeiro de 1855 não podia desconhecer os bilhetes das loterias, destinadas ao favorecimento das mais remotas regiões do paiz.

Abrir então um jornal era encontrar, pela certa, annuncio do plano da quinquagesima loteria a extrahir-se em beneficio da nova igreja do Senhor Bom Jesus de Iguape.

Logo em seguida preconizava-se, na mesma gazeta, outra loteria para auxilio de igreja matriz no Ceará.

Ainda mais, a imprensa registava com insistencia diuturna a noticia da posse de bilhetes de loterias, comprados para freguezes, de perto ou de longe.

Um annuncio: "o n.º 4.395, da 6.ª loteria em favor do Theatro de Nitheroy, pertence ao sr. M. Pinheiro de Mendonça, de Pernambuco".

O habitante de Pernambuco, pelo bilhete de loteria, descia a Nitheroy, amparando-lhe o theatro, sobretudo no caso do bilhete sahir branco. Menos um premio.

Lavadeiras no Campo de Santa Anna.

Outro annuncio loterico do tempo: "o sr. A. Airosa comprou, por ordem do sr. J. F. A., de Porto Alegre, o bilhete n. 2218". Premiado o bilhete, as iniciaes do dono o poriam um pouco a salvo de pedinchões e pedincharias.

Para attendel-os, o commercio portuguez e varias casas de negocio estrangeiras, aos sabbados, deixavam no balcão pilha de vintens de cobre dado pelos caixeiros aos pobres de entrada na loja.

Distribuidas as moedas, o pedinte contentava-se com um "tenha paciencia, Deus o favoreça". O pobre lá se ia, talvez mais depressa, a vêr se adiante não lhe pediam mais exercicio de paciencia.

Até hoje no Rio de Janeiro o costume da romaria dos pobres, aos sabbados, no centro commercial, ainda se não perdeu. Simplesmente não ha mais vintens senão para numismatas. Os pobres de agora, se recebem um tostão, resmungam e alguns praguejam ouvindo um religioso "Deus o favoreça".

De vez em quando, aqui e em toda a parte, a policia descobre pobres ricos, com immoveis, cadernetas de banco, joias não usadas ou dadas em penhor.

Podem compral-as hoje por toda a cidade, até pelo systema commercialmente syrio das prestações. Em 1855 o trafico das joias tinha principal centro: a rua mutilada pela construcção da Avenida Rio Branco, a rua dos Ourives.

Os de 1855 sortiam lojas com mercadoria variada: talismans, joalharia da bôa ou da melhor, paliteiros, esporas, objectos de igreja.

De mistura, na vidraça dos joalheiros, iam cruzes, crucifixos, corôas, palmas para santos, resplandores e ligas de ouro, prata, coral ou marfim, talismans. D'estes o mais popular era o Signo de Salomão, metade de cabeça masculina presa na beira interior de um circulo ou então dous triangulos postos no centro de circulo.

As lojas dos joalheiros apresentavam-se em geral estreitas, alugadas por uns quarenta mil réis mensaes. N'ellas se vinham surtir typos differentes, por exemplo o fazendeiro de esporas, a dama de pulseiras ou brincos.

Muita gente preferia comer bem a enfeitar-se bem. Muitos, em materia culinaria, não se contentavam com o prato nacional, feijão com toucinho, embora o toucinho do céu, na série dos doces, viesse corrigir o prosaismo do prato nacional.

Doces não faltavam então a sobremesas.

Um d'elles — a mãe benta — fôra creado por freira do convento da Ajuda. Combinando manteiga, assucar, farinha de arroz, raspas de côco e agua de flôr conseguira doce de estalar lingua, signal evidente da gastronomia satisfeita se pouco ceremoniosa.

Nem todos, porém, pagavam tributo á gula, não tendo ensejo, pois, de perdoar ao peccado mortal o mal feito á alma pelo bem do paladar. Muitos observavam estrictamente os preceitos catholicos do jejum nos dias prefixados pela igreja catholica.

A esta já não faltavam templos no Rio de Janeiro de 1855, templos uma vez ou outra desrespeitados. Ladrões sacrilegos haviam, por exemplo, penetrado na igreja de Santo Antonio dos Pobres, n'um angulo da rua dos Invalidos. Despojado o santo de resplandor de prata, os meliantes o substituiram por chapéu velho, deixando nas mãos da imagem um papel com a declaração:

"Quem é pobre não tem luxos".

Uma vista do Rio antigo.

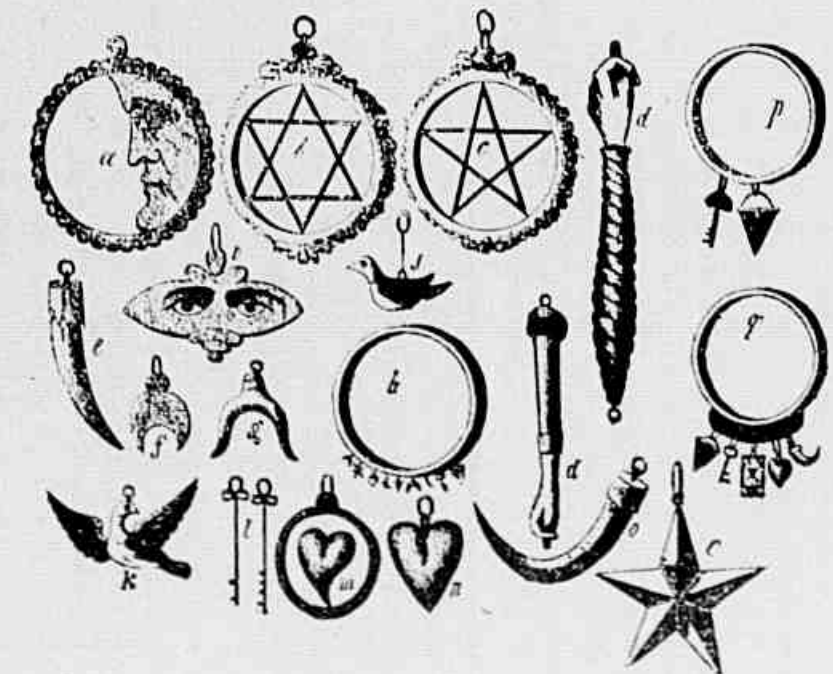
Mas a não ser entre gatunos a veneração pelos templos era geral, nelles assignalados certos dias. Assim a dominga de Ramos, que tão bem mostra em Jesus a inconstancia humana, a pedra depois da palma de triumpho, o uivo das maldições após o clamor dos hosannas, a sêde de sangue após o appetite da apotheose.

No domingo de Ramos as ruas enchiam-se de gente de varias classes, carregando palmas bentas, de maior ou menor enfeite, palmas que uma vez seccas eram queimadas nos dias de trovoada como excellente preservativo contra o raio. Todos esses costumes ainda se conservam e observam nas ruas do Rio de Janeiro.

Não lhes faltavam "gritos". Escravos de ambos os sexos, carregando taboleiros, annunciavam mercadorias em alta voz: legumes, flôres, frutas, raizes comestiveis, aves, ovos, todos os productos ruraes.

Debaixo das janellas passavam de continuo pretos e pretas vendendo bolos, pasteis, roscas, bolachas, doces, sapatinhos de criança, de lã para recem-nascidos e camisolas para mais crescidos, quando não roupa para adultos.

Roupa usa-se e suja-se. Na cidade de 1855 pontos oppostos constituiam quarteis-generaes da lavagem carioca: o bairro das Laranjeiras, o campo de Santa Anna, ora praça da Republica.

As Laranjeiras eram e são banhadas pelo rio Carioca, nascido perto do Corcovado, em parte canalizado, com a denominação de Caboclas até á rua Guanabara, d'ahi em diante com o nome de rio Cattete, vanguejando aguas até á praia do Flamengo e suas ondas revoltas.

Em 1855 o Carioca estava todo a descoberto, servindo, nos pontos mais encachoeirados, ás lavadeiras por viajante de sangue anglo-saxão chamadas "african nymphs".

De longe vinham as "nymphas africanas" com as trouxas de roupa, lavada, enxaguada ou batida com força.

O Campo de Santa Anna, ora praça da Velha Republica, ainda mais attrahia as lavadeiras, pela posição central, coberto o campo de herva rasteira e proximo da ahi significativa rua do Sabão, hoje General Camara.

Como as "african nymphs" das Laranjeiras, as outras nymphas do Campo trabalhavam ligeiramente vestidas. Muitas eram raparigas minas ou moçambiques, airosas de attrahir attenção.

Formava o Campo lavandaria sem dono, sobretudo da Cidade Velha, isto é da parte do Rio de Janeiro vinda do mar até justamente á planura do Campo.

Ahi um chafariz provia de agua larga área da cidade, de auxilio ás lavadeiras. Exerciam officio rindo, palrando, cantando e, malgrado o azul do anil, não raro brigando feio e forte, esmaltando o vernaculo com as mais pittorescas locuções, em termos dignos do mais completo codigo de incivilidade.

Aos amigos do silencio offerecia o Rio de Janeiro de 1855 varios refugios, a começar pelo Passeio Publico cercado por altos muros, á moda de parque particular.

Quem apreciasse apenas matto ficaria na parte baixa do Passeio, entre arvores de grande e bôa sombra, de bella folhagem, de tudo quanto refrigéra maltratados de existencia.

Ao amigo de paizagem ampla ficava reservado o terraço do Passeio. D'ahi podia descortinar conjunto magico: o céu, a montanha, a ilha, a praia, o oceano, tudo quanto torna admiranda ha seculos a bahia de Guanabara, creúdos os que a julgam divina.

Aos acostumados a comer depois de contemplar, e não são poucos aquelles aos quaes a paizagem abre appetite, o Passeio reservava grande edificio vegetal. Videiras e trepadeiras formavam-lhe paredes, densa folhagem servia de tecto.

No centro da casa vegetal uma mesa de pedra servia para merenda ou jantar, trazidos de casa, comprados ou reforçados com frutas e doces vendidos por negros no portão do Passeio fronteiro á rua das Marrecas.

Os não contemplativos, os enfastiados podiam buscar entretenimento no Rio de Janeiro em certas ceremonias publicas, d'ellas primazes a abertura das Camaras e as procissões.

Em geral realizada no Senado, a estréa annua do corpo legislativo, n'esse tempo corpo de alma nada subserviente, era feita pelo imperador e reunia tudo quanto na capital do Imperio melhor representava nação toda futuro.

A' porta do Senado iam receber o imperador e os membros da familia imperial deputações, maiores ou menores conforme a gerarchia do personagem a acolher. Taes deputações congregavam tudo o que a vida politica do Brasil apontava como mais illustre ou honrado no paiz, velhos trabalhados de serviços, moços batalhando pela conquista de nomeada.

No Senado de 1855 havia Sepetiba, Cotegipe, S. Lourenço, Ferraz, Abrantes, Pindaré, Paraná, Souza Franco, Olinda, Euzebio, Caxias e vamos parar n'este nome, symbolo mais alto do nosso valor militar.

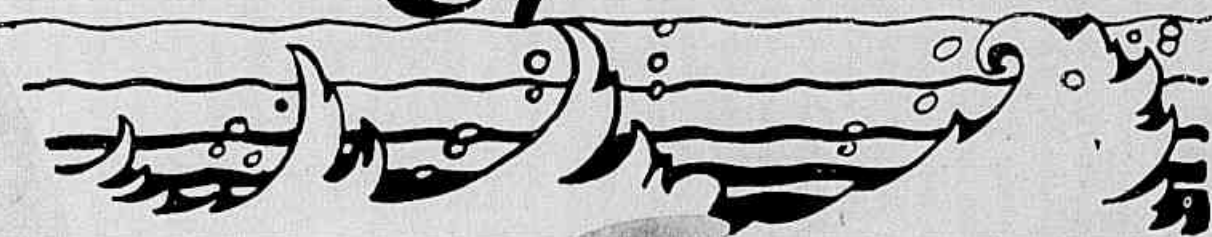
Na Camara de 1855 estavam Maciel Monteiro, Zacarias, Saraiva, Taques, Pedreira, Sayão Lobato, Firmino, Iustiniano Rocha, Itauna, Paranhos, e não vamos além d'esse nome, mais elevado symbolo do nosso valor humanitario.

As procissões frequentes eram outro regalo de olhos e curiosidades do Rio de Janeiro de 1855. Na procissão de Corpus Christi o imperador sustinha vara do pallio, de tecto de seda e recamos á hostia, levada quasi sempre pelo bispo diocesano. No couce da procissão formavam banda de musica e companhia de honra, tropa de linha ou guarda nacional, a malsinada guarda, de tanto papel na historia patria até á revolta naval de 1894.

Ahi ficam scenas e typos da vida carioca de setenta e cinco annos atrás. Tudo sombras, sim? Mas d'aqui a quinze lustros o mesmo seremos, não?

Escragnolle Doria

Amuletos e talismans das joalharias do Rio antigo.

A manhã em Copacabana

O primeiro domingo nas praias de banho cariocas, depois das recentes providencias policiaes para moralização dos costumes e da indumentaria dos banhistas, foi fertil em incidentes jocosos mas se destacou pelo acatamento com que o povo recebeu a fiscalização policial. As nossas gravuras representam diversos aspectos tomados na praia de Copacabana. No alto da pagina, um grupo de banhistas, á esquerda; e á direita, a prisão de uma banhista que se insurgiu contra as ordens da policia. As quatro photographias do centro focalizam a moda ultima que reina em nossos balnearios. Em baixo, o movimento e a curiosidade popular que cerca a *viuva-alegre*, em cujo interior já se encontra um banhista detido, a soffrer as consequencias de sua rebeldia ás determinações policiaes.

O BAILE DAS BONECAS

ENCANTADORES aspectos tirados no original Baile das Bonecas, realizado no local da "Exposição dos Cinco" no atelier Nicolas. Nessa linda reunião de creanças, um jury de artistas escolheu a Pequena Rainha e o grande Principe da Festa, que foram coroados. Na gravura central vê-se, num throno improvisado, a linda pequenita — a Rainha acclamada — menina Lucia Borges Fortes. A' esquerda do throno, a senhora Getulio Vargas e a senhora Anna Amelia, Rainha dos Estudantes; á direita, o pintor Oswaldo Teixeira e o poeta Paschoal Carlos Magno, patrono da "Exposição dos Cinco". Na ultima photographia, entre artistas, vê-se ao centro a Rainha, que tem á direita a senhora Getulio Vargas e o dr. Baptista Luzardo, chefe de Polícia, e á esquerda a senhora Baptista Luzardo.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANNIVERSARIOS

No dia 17 — as senhorinhas Neréa de Toledo Sanches, Julieta de Saboia Lima e Laura Gomes de Mattos; os drs. Luiz Olympio Guillon Ribeiro e Jorge Dodsworth; o major Francisco Calazans.

No dia 18 — as senhoras Caetano Simões Coelho, Eugenio Masson da Fonseca, Adelaide Salema, Celina Costa Neves e Anna Carolina Furtado de Mendonça; as senhorinhas Zelia Pinheiro dos Santos, Maria Emilia de Mello Barreto e Iracy Garcez Caldas Barbosa; os srs. Arthur Marques Porto, Franklin Sampaio Filho e João de Freitas Henriques; o dr. Monteiro de Souza, ex-deputado pelo Amazonas; o sr. J. R. Simões Coelho.

No dia 19—as sras. Iracema Candida da Costa Ribeiro e Magalhães de Almeida; as senhorinhas Maria Helena Rangel de Freitas, Ondina da Silva Freire e Odette Julio Andréa; os drs. Alvaro Tourinho, Aristeo de Andrade e Vidal Leite Ribeiro; o ex-governador Euripedes de Aguiar; o diplomata Gustavo de Souza Bandeira.

No dia 20— a senhora Carlo Flôres; senhorinhas Maria Luiza Bandeira, Isaura Pereira de Castro e Antonieta Franklin Guedes; o illustre professor Abreu Fialho; o dr. Francisco Mendes Pimentel; o almirante Souza e Silva; o sr. Armando Carlos Monteiro; o galante Heitor, filho do nosso confrade Heitor Beltrão; o capitão Mario Travassos.

Nesse dia passa tambem a data anniversaria de S. Em. o cardeal d. Sebastião Leme, chefe da Igreja Catholica do Brasil.

No dia 21 — as sras. Déa Dantas Carrilho e Eurydice de Vasconcellos Varzea; as senhorinhas Angelica de Souza Garcia, Olga Mattoso Camara, Maria Santoro, Rosa Moacyr Freire, Henice Palhano de Jesus, Itala Graça, Esther Pinheiro, Noemia Lima de Mesquita, Leonor Martins Portella; o dr. Henrique Diniz; os drs. João de Souza Varges, Eugenio Guimarães Rabello e Eugenio Hime; o ex-deputado monsenhor Walfrido Leal; o coronel Vieira Pamplona; o dr. Paulo Hasslocher, nosso brilhante collega de imprensa.

No dia 22 — as sras. Sophia Tavares de Lyra, Sergio Barreto, Vivi Urbano dos Santos, Luiza da Rocha Caldas, Maria de Nazareth Machado Guimarães, Corina Paulo Cezar; as senhorinhas Nair de Castro Pinho, Walkiria Eurydice de Mattos Braga, Nair Pereira de Castro, Lelia Teixeira de Barros; os almirantes Henrique Boiteux e Jeronimo Delmare; os drs. Verissimo dos Santos, Evaristo Gonzaga e Nascimento Bittencourt; o commandante Pinto Sampaio.

No dia 23 — a senhora Rosendo do Carmo; senhorinhas Alice da Casa-Forte, Maria José dos Rios e Dulce Mendes; o magistrado dr. Galdino de Siqueira.

NOIVADOS

— a senhorinha Etelvina de Souza e o sr. Joaquim Pereira de Souza;

— a senhorinha Nair Succar e o dr. Jorge Jabour;

— a senhorinha Judith Pedra e o sr. Caetano Monteiro de Barros;

— a senhorinha Elza Sebastiana Jucá e o sr. Felix Valois da Silva;

— a senhorinha Gilda Muniz e o sr. Murillo Ferreira;

— a senhorinha Eny Vidal e o sr. Ernani de S. Carvalho.

CASAMENTOS

— a senhorinha Celia Leal de Lacerda e o dr. Vicente Lobo Simões;

— a senhorinha Jandyra Sá Barreto e o sr. Nisen de Figueiredo;

— a senhorinha Maria Emilia Gusmão e o sr. Jayme Soares;

— a senhorinha Dalila Cardoso Pinto e o dr. Helio Joaquim Guimarães;

— a senhorinha Amelia Calvo e o sr. Francisco Machado Rodrigues.

DIPLOMATAS

O dr. Manoel Uribe Afanador, encarregado de negocios da Colombia e a gentilissima senhora Uribe Afanador offereceram a semana passada, nos salões do Gloria, um grande jantar em homenagem ao ministro do Exterior.

OS QUE VIAJAM

Seguiu para a Europa pelo *Conte Verde* monsenhor Mac-Dowell, vigario de São Francisco Xavier.

Pelo *Itaquicê*, seguiu para o Ceará, em companhia de sua esposa, o ex-deputado José Accioly, chefe do Partido Conservador daquelle Estado.

Procedente de Recife, acha-se no Rio, chegado pelo *Itahitê*, o scientista dr. Raul Azedo.

VERANISTAS

Para Petropolis: — as familias Lisbôa Serra e Alcebiades Mendes.

Para Bom Jardim: — a sra. Zita Darrigue de Faro, a senhorinha Isaura Pires de Sá.

Para Cambuquira: — o general Raymundo Borges.

Para Lambary: — o sr. Edgard de Aquino Filho e familia; os drs. Belisario Penna e Benicio Chaves; o commandante J. Robinson; o dr. Orlando Breve e senhora.

Para Vassouras: — o dr. Garcia Justo e familia; o coronel Manoel Ferreira Machado e filhas; o dr. Apprigio Veiga e senhora; a senhorinha Altair Veiga; dr. Arthur Maia, senhora e filha; o doutorando Eduardo Maia; a sra. Lylia Campell de Barros.

SORVETE-DANSANTE

Com esse original titulo o Fluminense F. C. fez annunciar em todos os jornaes que seria offerecido aos seus socios e suas familias uma linda tarde na quinta-feira em sua esplendida *terrasse*.

E realmente, com um mundo de gente elegante e fina, realizou-se a bella tarde dansante, que em todos deixou uma grata recordação.

TARDE-DANSANTE

Tambem transcorreu muito encantadora a tarde-dansante de domingo ultimo, no terraço do Botafogo F. C.

Embora o tempo ameaçador por vezes, os pares deslisavam ora pelo terraço ora pelo salão restaurante, o que imprimiu uma nota galante na reunião domingueira do querido *cercle*.

FESTA DAS BONECAS

Foi lindissima a festa que a commissão de festejos da Assistencia Dentaria Infantil, constituida pelas senhoras Gondolo Labouriau, Alfredo de Paula, Dulce Drummond, Annita Magalhães, Heloisa Lentz, Winnie Bueno e Margarida Jordão, realizou domingo ultimo, nos salões Nicolas, sob a presidencia das senhoras Getulio Vargas e Baptista Luzardo.

A formosa festa constou de um baile infantil, numeros de poesia e canto, pelas creanças da nossa melhor sociedade, e o producto reverteu em favôr da Assistencia Dentaria Infantil e da Associação dos Artistas Brasileiros.

Foi uma magnifica festa, sob todos os pontos de vista, onde não faltou nem alegria nem belleza nem distincção.

AUDIÇÃO DE ARTE

Acaba de realizar-se n'esta capital uma audição musical dos alumnos de piano, de 7 a 11 annos, do curso da senhorinha Maria Isabel de Gusmão, filha do saudoso jurisconsulto dr. João Manoel Carlos de Gusmão. A senhorinha Gusmão dedicou o recital infantil ao eximio professor Lachmund, sendo ella propria diplomada pelo Intituto Nacional de Musica.

NOITE REGIONAL

Elisinha Coelho, que já se acha no Rio de volta de uma brilhante excursão artistica pelo norte do Brasil, annuncia para breves dias um recital regional, para o qual já está confeccionando um lindo e attrahente programma.

A encantadora cantora regional que é Elisinha Coelho tem um numero consideravel de admiradores e naturalmente todos estão ansiosos por essa esplendida hora de arte que Elisinha lhes proporcionará brevemente.

PELAS SERRAS

O Rio se despovôa de dia para dia. As cidades serranas, rainhas entre as rainhas, porque neste momento todas ellas o são, quer pela sua belleza, quer pela seu clima admiravel, quer pelo delirio de sol e azul de seus dias de verão, quer pelos nomes illustres que cada uma acolhe, todas ellas estão admiravelmente bem.

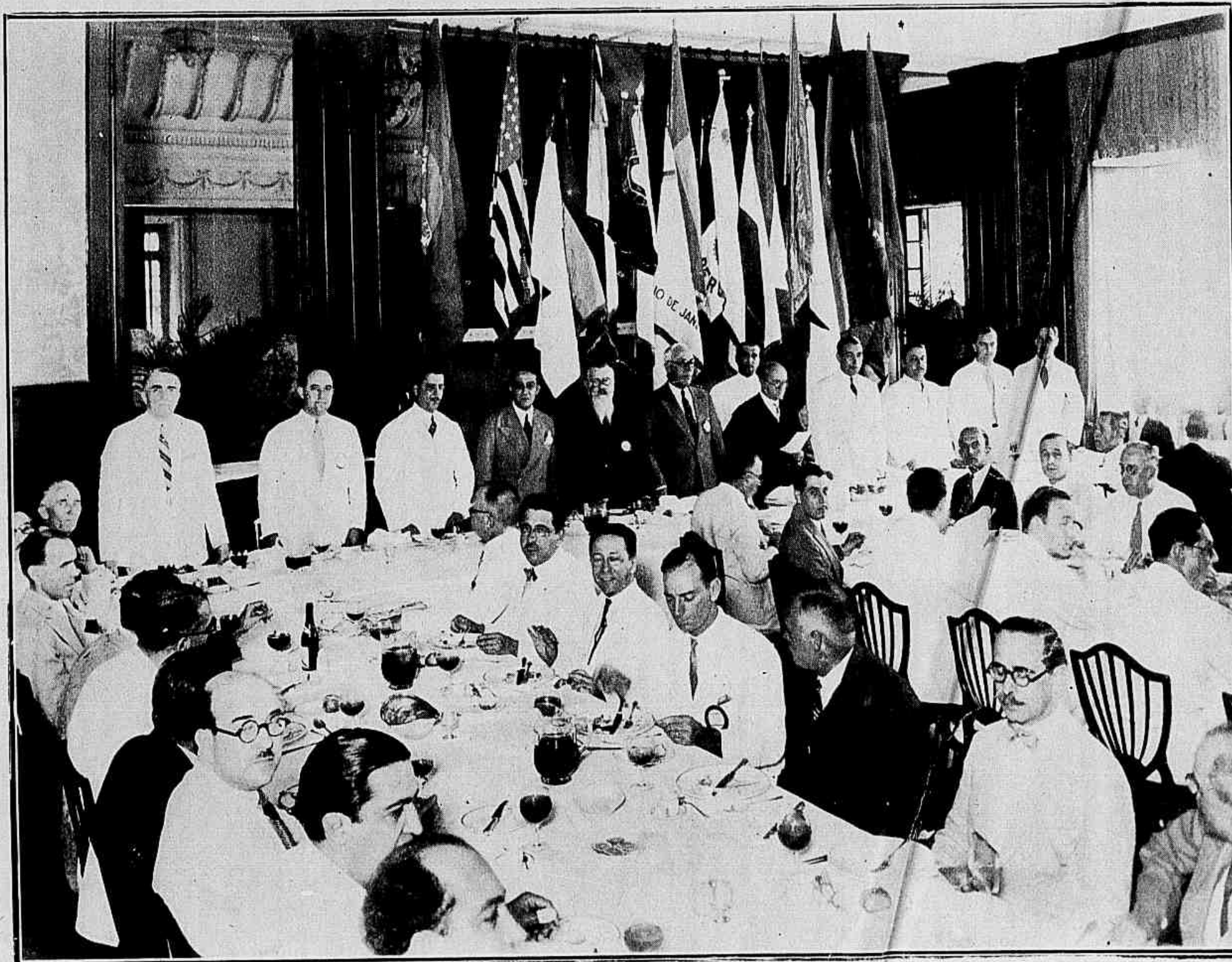
Petropolis, por exemplo, já vive dias e noites de movimento intenso. Abertos todos os seus hoteis e todos os seus ricos villinos. Pela manhã e pela tarde, D. Affonso fervilha de gente distincta. Dansa pelos hoteis e pelas ricas vivendas.

Caxambú vive egualmente dias maravilhosos. Passeios, pic-nics e dansa a toda hora e em toda parte.

Friburgo enche-se de dia para dia. As ruas estão sempre agitadas assim como a Praça 15 e o Suspiro, pontos predilectos da elegancia veranista e friburguense. Já se organizam programmas em que não haverá um só dia vazio.

Lambary está muito animada e muito chic. Os hoteis embora já se achem repletos recebem diariamente pedidos de aposentos.

Cambuquira egualmente elegante e movimentada. E assim todas ellas, como bem disse: rainhas entre as rainhas. Um verdadeiro encanto a estação de 1931.

M. DE D.

O segundo almoço do mez de Janeiro do Rotary-Club, consagrado á momentosa questão do matte. A gravura fixa o momento em que falava o dr. Arthur Obino, representante dos governos do Paraná e de Santa Catharina. A' direita do orador, o sr. Luiz Pereira, presidente do Rotary-Club; dr. Arrojado Lisbôa, antigo presidente; dr. Joaquim Eulalio, do Ministerio do Trabalho, e dr. Arthur Torres Filho, director do Fomento Agricola.

NOSSA TERRA

O morro Itabira, no valle do rio Itapemirim, um dos mais bellos trechos do Espirito Santo.

GOSTOS não se discutem. Eu, por exemplo, que fujo ao convivio dos homens, porque, com rarissimas excepções, os acho egoistas e grosseiros, gosto extraordinariamente do caracol.

Gosto do caracol porque não tem a fealdade pustulenta e repulsiva do sapo.

Gosto delle, porque não tem a ferocidade do tigre, nem a estupidez do burro, nem a boçalidade do ganso, do perú, da ostra.

Tampouco tem a sordidez do porco.

Ou a malicia do macaco.

Não possue aguilhão como a vespa, nem dardo como o escorpião, e não é susceptivel de ficar subitamente damnado, como o cão.

Não se enrosca, como a serpente; e se, a exemplo desta, rasteja e ás vezes se disfarça por entre a relva, não é para morder traiçoeiramente a mão que o desejaria acariciar.

Não foi elle que occasionou a nossa expulsão da Paraiso Terrestre.

O caracol é um animalzinho encantador que a gente não ouve, nem nas noites de inverno, uivando como os lobos, nem nas bellas noites de verão, grazinando como esses diabolicos rouxinóes que nos não deixam dormir.

Não tem o dorso eriçado de epinhos como o ouriço; e não nos transmitte, como os microbios, a peste, o cholera, a gangrena, a coqueluche, a malaria.

Não ataca a vinha como o philoxera.

Embora armado de chifres, não nol-os enterra no ventre como o touro.

Não dá coices como o cavallo.

Não se insinúa nos celeiros, para devorar os grãos da colheita, como o gorgulho.

Não comette a dupla patifaria do escaravelho que, depois de haver comido as folhas e as flôres das nossas arvores de fructo, se transforma em verme para, depois de nós enterrados, nos privar dos vegetaes que, na tão eloquente phrase popular, deveriamos "comer pela raiz".

Não faz o ninho, como a andorinha, por cima das nossas portas, para deixar cahir porcarias sobre quem vá passando.

Não morde como o mosquito; não nos atormenta como o piolho, a pulga, o persevejo, o carrapato.

Não nos esburaca a roupa como a traça.

Não nos destróe os moveis como o cupim.

Não é avarento como a formiga.

Não dispõe, como o crocodilo, duma dentuça capaz de estraçalhar, num abrir e fechar de olhos, qualquer de nós.

Não nos suja os cantos da casa como o gato.

Não cáe, como a mosca, nos nossos pratos de sopa.

Não cheira mal como o bode.

Não nos obriga, como a lebre e a perdiz, a comprar uma espingarda do ultimo modelo, que custa um dinheirão, além das despesas da licença de caça e das munições — e tudo para que? Para nunca lhes acertar.

Não belisca como o caranguejo.

Reconheço que se baba — mas nunca tanto como um velho gaiteiro perto duma bonita rapariga.

O caracol é o mais manso, mais discreto, mais modesto, mais innocente de todos os animaes que sahiram da Arca de Noé.

E é para o recompensar de tantas virtudes que eu gosto delle, que positivamente o adoro — temperado com salsa e manteiga fresca, passado pelo forno e acompanhado duma bôa garrafa de vinho branco!

Uma rosa do Canadá

POR SAUL DE NAVARRO

Dir-se-ia que estiliza o capricho de uma andorinha: suggere a ansia prófuga do vôo.

A sua silhueta, no relance da mirada, risca na treva uma floração ephemera da luz: é o sorriso das sombras...

Em seu vulto floral symphoniza-se a Fórma, e a carne adquire o tom de uma pérola humana.

Vel-a, no subito enlevo da contemplação, com os olhos na luz que espiritualiza os seres e as cousas que se projectam pelo toque magico do operador, é sentir o goso immaterial do extase.

Não infunde volupia a sua casta belleza saudavel, porque tem, de certo modo, uma apparencia de madona do seculo XX, que escapasse do carcere de uma velha moldura sorrindo ainda a doçura preraphaelica de um primitivo, que a pintou em ascese mystica, embora lhe vibre a alegria ingenua, de *miss* inquieta e voluvel, vivendo todo o dynamismo de sua raça.

Norma Shearer é a melhor voz do cine-fallado — dizem.

Não lh'a ouvi ainda.

E' possivel que seja.

Mas posso affirmar, sem exaggero tropical, que é a mais bella mulher que já tenho visto na téla, de uma belleza natural, sem mysterio, sorrindo todas as delicias da vida, como si, nessa estrella de Los Angeles, fulgisse a caricia de todos os sonhos que o cinema prodigaliza, tornando-se o refugio, por uma hora, de todos quantos vivem apressadamente, na luta intensa, na ansia brutal deste seculo mecanico, ruidoso e torturante.

Saul de Navarro

O CINEMA, caricia da sombra, tornou-se mais que um habito moderno, porque se fez a synthese dynamica da vida deste seculo.

O genio subtil das mulheres expande-se na sua arte ultra-sensual, por ferir o mais bello e o mais delicioso dos sentidos: a vista.

Eva trabalha diante da objectiva com o maior prazer. E' que, posando para um film, quasi se sente diante de um espelho...

A belleza feminina esplende na tela, na projecção da imagem, pelo jogo rembranesco do claro escuro, como esplendeu outr'ora nas telas dos pintores celebres.

Das estrellas cinematographicas resalta e brilha uma, que é de primeira grandeza: Norma Shearer. E' uma visão rosilunar de mulher, cuja belleza tem algo de milagre. Em suas feições sorri a graça de todas as mulheres louras. Em seu olhar sonha toda a suggestão celestial do azul... Em seu sorriso candido ha uma frescura aguarellada de manhã no Eden...

E' uma rosa do Canadá, que floresceu em Hollywood.

Tem o raro encanto de ser bella e simples, encerrando a sua maga presença o segredo de seduzir pela sua amoravel figura. Esguia e flexivel elegancia de passaro, cada gesto de Norma Shearer desenha um rythmo...

NOTICIAS E COMMENTARIOS

O monumento a Ruy Barbosa -- o primeiro -- erigido em São Paulo, no parque Anhangabahú

Coube á Paulicéa a primasia na consagração em bronze desse grande vulto que foi Ruy Barbosa. Desde 1925, os estudantes de Direito pensaram nisso; agora, a idéa se concretizou em magnifica realização, por iniciativa do Centro Academico XI de Agosto. O monumento, de que damos aqui a photographia, é obra do esculptor Cucé e ergue-se no Parque Anhangabahú, um dos mais suggestivos pedaços da grande cidade de São Paulo.

O Apostolo da Campanha Civilista, que tanto se irmanou com o Estado de São Paulo no memoravel momento politico, recebe da Paulicéa, em primeiro logar, a homenagem que o Brasil inteiro devia prestar-lhe.

Tres politicos que desapparecem

As ultimas semanas arrancaram do scenario do paiz tres figuras a que, incontestavelmente, muito deveram a administração e a politica republicanas.

Antonio Moniz

Dellas, duas foram de homens que tiveram nas mãos as rédeas de governo de dois grandes Estados da Federação: o sr. Antonio Moniz, ex-governador da Bahia, e o sr. Barbosa Lima, ex-governador de Pernambuco. O primeiro, cultura invejavel de jurista e de homem publico, foi durante longo tempo parlamentar brilhante, a que se póde sem favor outorgar o titulo de voz legitima e altisonante da terra gloriosa de Ruy Barbosa. O segundo, cerebração gigantesca e organização multiforme de grande batalhador, desde os albôres da Republica encheu o Parlamento com a suggestão de sua palavra fascinante, na representação de varios Estados, em ambas as Camaras, ora como mandatario do povo de sua terra natal, ora como delegado do Rio Grande do Sul, do Amazonas e do Districto Federal. O terceiro, o

Barbosa Lima

João Lyra

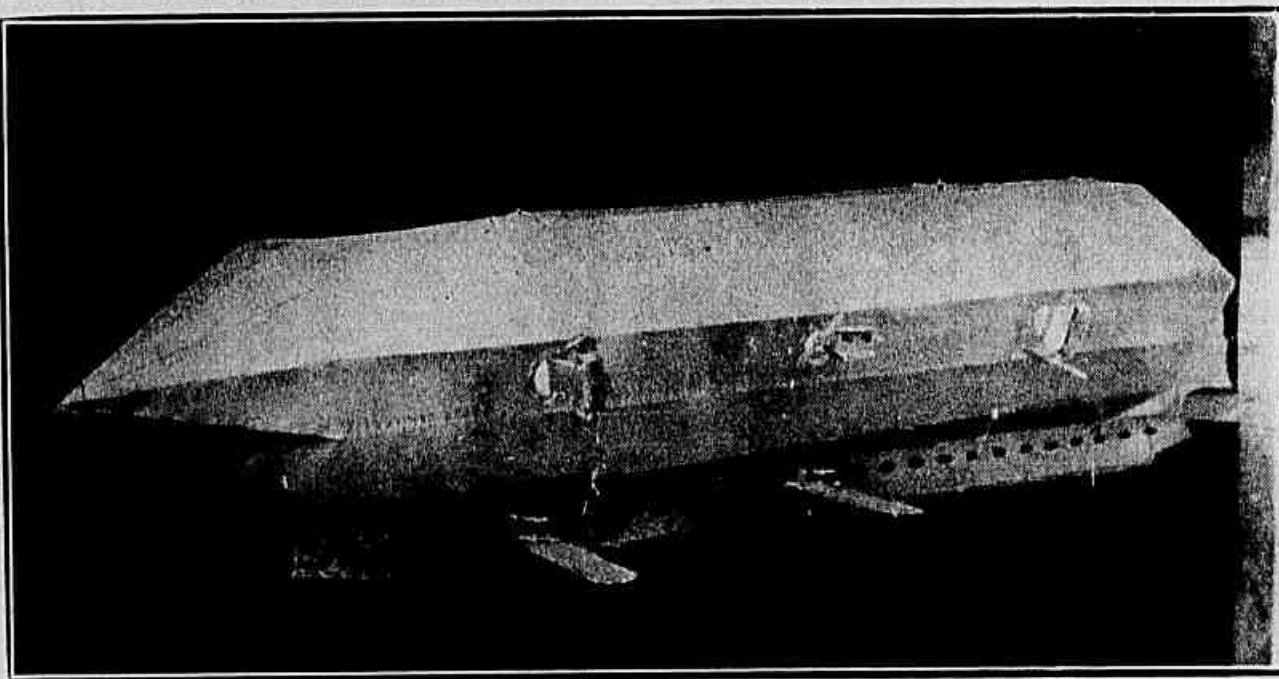
A doutora Ernesta von Weber, victoriosa e gentilissima autora de " Brasil que eu vi ", que nos promette para muito breve a segunda edição do seu formoso livro de impressões carinhosas sobre a nossa terra.

AS ASAS DA ITALIA POUSADAS EM AGUAS DE ESPANHA

A grande esquadra aérea que a Italia mandou ao Brasil, fez a sua primeira escala em Cartagena. Desse notavel acontecimento damos as photographias que aqui se vêem, exclusivas para a REVISTA DA SEMANA, do nosso correspondente em Espanha, J. Vidal. A' esquerda, vê-se o general Italo Balbo, commandante da esquadra aérea e ministro da Aeronautica da Italia, ao desembarcar em Cartagena. A' direita o general Italo Balbo conversando com o almirante Magaz, capitão-general do Departamento Maritimo de Cartagena.

ex-senador João Lyra, illuminou largo tempo, com o poder de sua estatura intellectual, a Commissão de Finanças do Senado, de que fez parte como representante do Rio Grande do Norte, seu Estado de nascimento, e foi o auctor da lei que outorgou ao funccionalismo federal a gratificação, posteriormente incorporada aos vencimentos, a que emprestou seu nome: a tabella Lyra.

Com o desapparecimento desses vultos politicos nacionaes, está a Nação sob o peso de um lucto, a que se curva, reverente, a REVISTA DA SEMANA.

UM INVENTO BRASILEIRO

O SR. ALEXANDRE DE MIRANDA inventou um dirigivel com fluctuadores que permittem a maior facilidade na amaragem e na aterragem.

O inventor descreve assim o apparelho:

Na parte inferior do envolucro ha a cabine, espaçosa, occupando quasi toda a sua extensão.

Na parte inferior da cabine ha dois fluctuadores parallelos, distantes um do outro para maior base.

Os dois planos, ou asas, são fixados na cabine e a pequena distancia um do outro, cada um com os seus motores e helices correspondentes.

No envolucro estão collocados seis motores com as respectivas helices. Esses motores são gyratorios, e gyram dois a dois, presos a uma base que atravessa o envolucro de lado a lado: os primeiros gyram para cima, o que permitte a ascensão vertical; os do meio estão em posição de vôo plano, e os ultimos em posição de amaragem ou aterragem.

Os seis motores, com as helices do envolucro, estando em posição dos primeiros, fazem ascensão: estando na posição dos do meio, fazem vôo plano; e na posição dos ultimos fazem ou forçam a amaragem ou aterragem, o que dispensa o grande numero de pessôas que se empregam para puxar cabos ou segural-os, estando o envolucro cheio de gaz, o que facilita a amaragem ou aterragem em qualquer local.

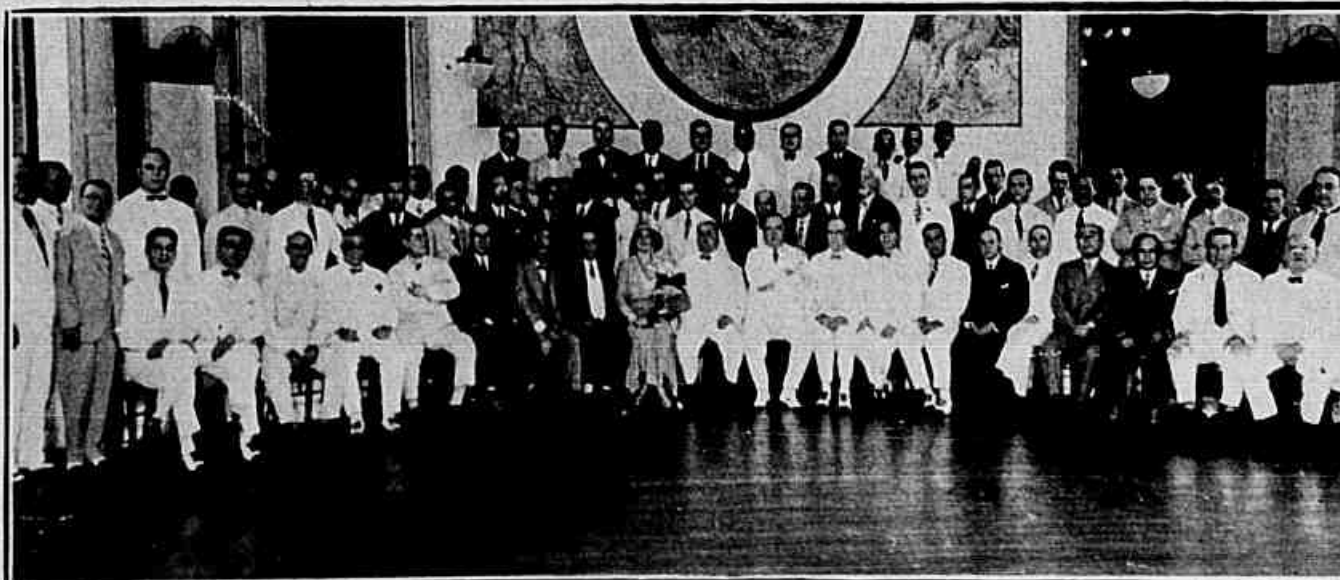
Sommando a força de ascensão do envolucro com a força de ascensão dos motores e as respectivas helices que estão collocadas no envolucro, e mais a força de resistencia produzida pelos 4 motores dos planos, temos uma força consideravel, o que permitte uma lotação de passageiros, tripulantes e carga consideravel, approximadamente de 125 pessôas, 25 tripulantes, 25 mil kilos de gazolina e oleo, e 15 mil kilos de carga util.

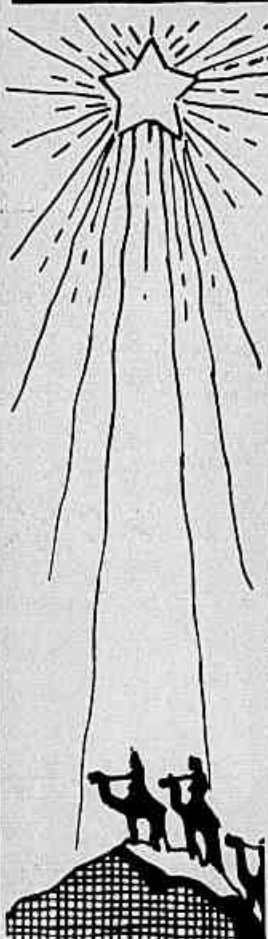
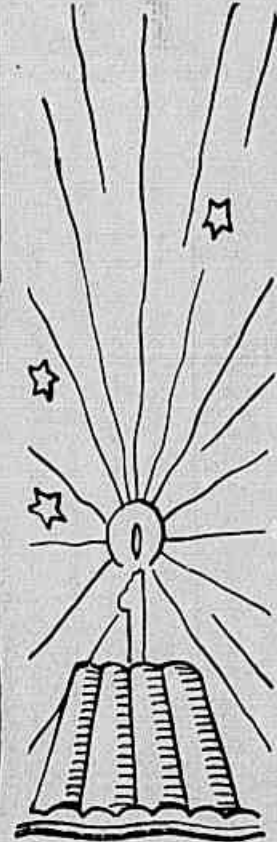
O passeio maritimo do grupo dos *Garrafas*.

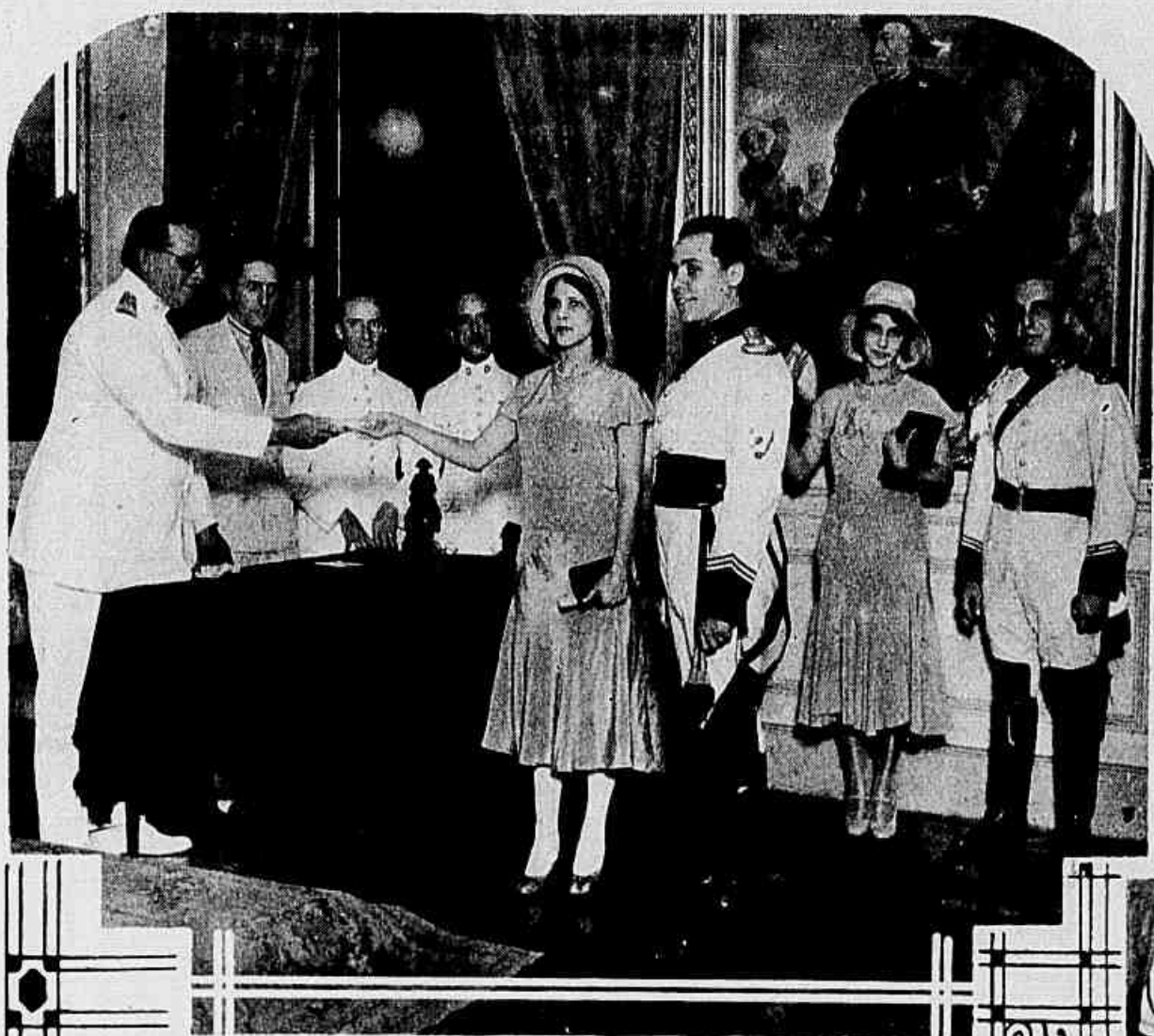
Boas Festas

A REVISTA DA SEMANA accrescenta á longa série de cartões e cartas de "Bôas-Festas" que recebeu e que já registrou, mais os seguintes: Inspector Federal das Estradas, Casa Vallele, Ch. Lorilleux & Cia.

A Casa Vallele e a firma Ch. Lorilleux & Cia. mandaram-nos tambem lindas folhinhas.

Muito gratos.

O banquete offerecido no Club S. Christovam ao sr. Nilo Goulart, presidente do prestigioso gremio carioca, por motivo da sua eleição. A homenagem coincidiu com a commemoração das bodas de prata do casal Nilo Goulart.

A NOITE DE REIS NO ATLANTICO CLUB

O Atlantico Club, o fidalgo *cercle* de Copacabana, commemorou a noite de Reis com um lindo baile, durante o qual foram partidos dois bolos, para a sorte dos anneis que confeririam os titulos de Rei e Rainha da festa. Em cima da pagina, um grupo de senhorinhas presentes á noite de Reis. Ao lado, o presidente do club partindo os bolos. Ao alto d'estas linhas, os soberanos da festa. Nota explicativa: elle, foi o *rei* do anno passado, e teve de o ser este anno tambem porque o eleito resignou...

A Festa da Espora

A Festa da Espora, realizada pela primeira vez no 1.º Regimento de Cavallaria Divisionaria — Dragões da Independencia. Ao alto, á esquerda, o coronel Franco Ferreira, commandante, entregando as esporas á madrinha de um dos dragões. A' direita, um aspecto da assistencia. Ao lado, os novos Dragões da Independencia e suas madrinhas.

A BUZINA

POR *Flora Simões de Irajá*

Eram mais ou menos 7 horas, quando o Zirbo, attendendo ao meu pedido, resolveu me levar ao rancho da Magdalena, uma pobre velha doente e abandonada pela caridade publica.

— Vamos a cavallo?

— Não. Se formos pelo atalho, embora a pé, chegaremos mais depressa.

— Mas não ha brejos e cercas fechadas pelo caminho?

— Sim, ha... Mas tenho confiança na tua gymnastica e bôa disposição. Calça as botas para que as cobras não te piquem. Eu levo a lanterna.

E fomos. Logo que atravessámos um pequeno rio pela estreita ponte improvisada com um tronco de arvore, alcançámos o referido atalho. Depois de vinte minutos de caminhada pela escuridão da noite, evitando os terrenos mais alagadiços e as moitas que obstruiam o caminho, resolvi cortar o mutismo do meu companheiro, tão só com os seus pensamentos absorventes.

— Por que abandonam assim essa pobre velha inoffensiva num leito, talvez o da morte, sem um auxilio, sem um remedio, sem um gesto de piedade?

— Superstição dessa gente da roça. Dizem que a casa é frequentada por maus espiritos e que quem vae lá fica desgraçado para o resto da vida.

— Que tolice, heim? Mas... olha, os meus pés estão se afundando muito. Tenho receio de ficar presa no lodo. Vamos dar uma volta mais por fóra.

— Não ha perigo. Eu conheço bem isto. Desde creança vinha caçar preás por aqui. Não te lembras? Só mais uns passos e estaremos livres.

Realmente. Vencidas essas primeiras difficuldades, foi só saltar duas cercas, que fechavam um pasto, para que eu distinguisse a uns vinte metros de distancia, numa pequena rampa, o rancho da Magdalena. Ao lado havia um cannavial já quasi extincto, que eu bem podia ver graças á frouxa claridade da lua que surgia além. Uma arvore já velha, quasi sem folhas, estendia um dos seus ramos sobre o telhado de telhas vãs. Tudo alli tinha um aspecto horrivelmente triste.

Chegámos. Pela janella esburacada podia se perceber a luz vermelha e exigua de um lampeão de kerozene que ardia lá dentro. Bati tres pancadas na porta, vagarosamente. Uma voz fanhosa e fraca me respondeu:

— "Quem é? *Si fô esp'rito do bem, entre!... Si fô esp'rito do má... Bernuncio! Vae reto satanais!*"

E eu empurrei a porta, fortemente, que se abriu com um estalido quando a velha se persignava. Só então percebi o que queriam dizer as suas ultimas palavras "Abrenuntio! Vade retro, Satanaz".

Sobre um catre encostado a uma das paredes, a velha, magrissima, de côr macilenta, olhos brilhantes e encovados, os cabellos completamente desgrenhados, dava uma impressão aterrorisante.

Procurei alguma cousa para me sentar.

Foi então que percebi a extrema pobreza do mobiliario: um caixão que lhe servia de mesa de cabeceira, um grande bahú, uma tripeça, um outro caixão maior preso á parede á guisa de armario, onde se via uns poucos pratos de folha e duas ou tres canecas. Na parede um forte prego sustinha uma espingarda enferrujadissima e uma buzina de caçador feita de chifre, com o bocal e incrustações de prata lavrada. A riqueza d'esse objecto estava em completo desaccordo com a pobreza dos demais do rancho e isto me chamou fortemente a attenção. Puxei a tripeça e sentei-me, emquanto o Zirbo fazia lume no fogão de tijolos com uma trempe de ferro que estava em um canto do mesmo compartimento, para aquecer o leite que eu havia trazido.

— Então *tia* Magdalena, a senhora tem tido febre?

— "Já estive pió, dona, mas agora só tenho as tontera".

— Amanhã vem o medico, já mandei chamal-o na cidade e a senhora ficará bôa logo. Sabe quem eu sou?

— "Eu conheci ocê assiuzica (e ella fez um gesto com a mão mostrando uma determinada altura) e logo que ocê entrô, dona, eu conheci!."

Fiz com que ella accedesse em tomar o leite já aquecido, com um pouquinho de assucar. E, emquanto o Zirbo a amparava, os meus olhos foram novamente se prender á buzina que, pendente á parede, desafiava a minha curiosidade. Finalmente, não podendo vencel-a, perguntei:

— Aquella buzina tão bonita foi presente?

A velha parou de tomar o leite, com uma expressão mixta de medo e angustia. Não me respondeu. Ficou parada por uns instantes, absorta; depois tomou os ultimos goles do leite da caneca e deitou-se.

Já não tinha mais esperanças de saber, quando a curiosidade exigiu de mim nova pergunta:

— Então a buzina não foi presente?

— "Foi, dona, foi presente e um presente tão triste!"

E ella contou a historia do coronel Nunes, de que eu já tinha ouvido fallar.

Eu sabia que o coronel tinha sido um caçador inveterado. Sabia mesmo da sua morte em uma das caçadas nos sertões do noroeste do Estado de S. Paulo que deixou tão funda impressão apezar dos muitos annos já passados.

Ainda havia um ou outro commentario a respeito.

Elle era um homem valente e estimado, e as condições em que foi morto não podiam ser esquecidas. Uma onça, depois de ter esquartejado o seu cão de estimação, o fidelissimo e feroz Velludo, quasi lhe arrancou as entranhas logo no primeiro bote. Um tiro certeiro do seu companheiro de caçada matou-a e um segundo tiro, desse mesmo homem, extinguiu o soffrimento do coronel Nunes, que não poderia ser salvo dada a grande distancia em que se achavam e a falta de remedios e medico que o operasse. Eu sabia de tudo isso, porém ignorava que o companheiro de caçada do coronel Nunes era o marido da Magdalena, o tio Bizú como o chamavam. E não sabia ainda ter o tio Bizú, só a pedido do seu patrão, disparado a espingarda que o matou e o que tinham elles combinado antes da morte do coronel. E foi isso que eu vim a saber pela velha Magdalena e tudo mais passado depois, naquelle ambiente tetrico, illuminada pela luz de um lampeão que me ennegrecia as narinas de fumo.

— "O coroné então pediu ao Bizú pr'a matá elle e deu como lembrancia aquella buzina que ocê vê alli e fallô: O'i Bizú quando tivé que acontecê na sua casa arguma desgracia eu toco a buzina p'ra avisá".

A tia Magdalena disse que foi certo.

Um dia em que ella sahira para visitar uma comadre doente, encontrou o Bizú tão nervoso que parecia picado por tarantula. Disse elle que o coronel lá estivera acompanhado do "Velludo".

Entrou... foi direito á buzina, tocou-a tres vezes e collocou-a no mesmo lugar onde estava, junto á espingarda.

— "Elle era pião, dona. De tarde elle percisava adomá um cavallo. Não deixei elle i. Pois num diantô. De noite quando fui fazê café e dá p'relle, elle tava morto"

E a velha deixou tombar duas lagrimas pelas faces enrugadas.

Olhei com horror para a buzina mas tive desejos de contempla-la de perto. Pedi ao Zirbo que a tirasse da parede. Foi difficil, dada a altura em que se achava... Fez-se precisa a ajuda do caixão e da tripeça para que os seus braços a alcançassem. Estive momentos esquecidos a examinal-a sem um palavra. Creio que assim se passaram uns cinco minutos sem que ninguem ousasse cortar o silencio profundo que pesava sobre todas as cousas. Finalmente a velha ainda com a voz mais sumida proseguiu, deixando correr desoladamente os dedos pela face desmaiada.

— "Eu fiquei com muito medo. Quiz abandoná o rancho... a corage me fartô. Eu não podia deixá estes sitios em que tudo me alembrava a minha antiga felicidade. Então resorvi numa noite dá ao cumpadre Americo a buzina prele vendê. Mas, dona, ocê póde não querditá, no dia seguinte, bem cedinho quando acordei, a buzina que o cumpadre tirou do prego e levou p'ra fazenda de Santa Maria lá estava dependurada no mesmo lugarzinho. Deisde então não buli mais nella. Não é bão a gente contrariá a vontade dos mortos. E o cumpadre despois do assuccedido nunca mais vortô aqui".

— Bem, tia Magdalena, não vale a pena a senhora ficar nervosa com essas tristes recordações. Durma que é tarde e eu vou embora.

"Amanhã eu trago-lhe o medico. Bôa noite.

— "Até amanhã, dona. Que Deus lhe ajude e a mim tambem. Quando eu tivé que morrê tenho a certeza que o defunto coroné vem me dá o seu aviso"

Deixei a buzina em uma das prateleiras do armario e sahi em grande super-excitação nervosa.

Lá fóra, ao clarão da lua branca, a arvore carcomida e triste elevava n'um gesto de angustia os braços aos céus, chorando a saudade das folhas mortas. Pensativa puz-me a contempler da rampa em que me achava a tristeza sinistra da paisagem. Mais abaixo, além de uma plantação de canniços, estendia-se o charco placido, indo se perder ao longe entre as trevas. Quasi arrependida de ter vindo a tal logar apertei nervosamente o braço do meu solicito companheiro, que me olhava com olhares travessos.

— Que tal? Perguntei?

— Historias... Disse-me elle com um sorriso minado pelo seu scepticismo mortal.

— Eu creio. A's vezes...

— Qual! O tal Bizú teve um desvario de febre e a velha coitada é tão ignorante!

Um psiu... silvou pelos ares violentamente.

— Zirbo! gritei com voz rouca. Quem teria produzido um sibilar tão esquisito?

Elle calmamente procurou ver alguma cousa ao redor. E foi com o mesmo sorriso sceptico que me apontou uma coruja no beiral do rancho.

— Que mau augurio!

— Vamos! Estás nervosa.

E eu puz-me a caminhar machinalmente, depois de ter me voltado para ver mais uma vez, pelo buraco da janella, a luz vermelha do lampeão.

Já longe parei tremula. Parecia-me ter ouvido o som de uma buzina, fracamente através da distancia, e uma ideia horrivel atravessou-me o espirito.

— Zirbo! Meu Deus! Não ouves uma buzina?

— Algum guarda-nocturno talvez. Vamos!

Quando cheguei em casa tinha um peso no coração. Uma atmosphera de terror envolvia-me toda. Não pude dormir.

Não eram ainda 6 horas da manhã já eu vestida batia á porta do quarto do Zirbo.

— Acorda, dorminhoco, vamos ver a Magdalena.

— E o medico?

— Irá mais tarde.

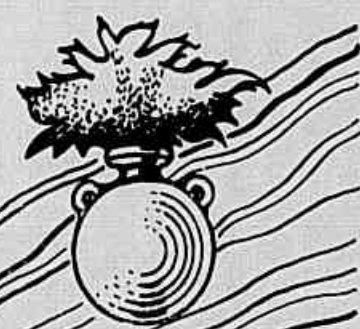
A belleza dyonisiaca daquella manhã azul e rosa foi, pouco a pouco, desfazendo a minha horrivel impressão da vespera. Caminhei jovialmente colhendo tabúas e assobiando.

Chegámos. Aquelle rancho... aquella arvore trouxeram-me novamente as mesmas aprehensões, os mesmos receios. Parecia-me que até no proprio ar se respirava o medo.

Bati. Ninguem respondeu. Apavorada empurrei a porta sem coragem de entrar.

O Zirbo para afastar meus temores resolutamente tomou-me a dianteira. De fóra vi-lhe no semblante indicios de susto pelos olhos muito abertos e fixos no canto onde devia estar o catre da velha.

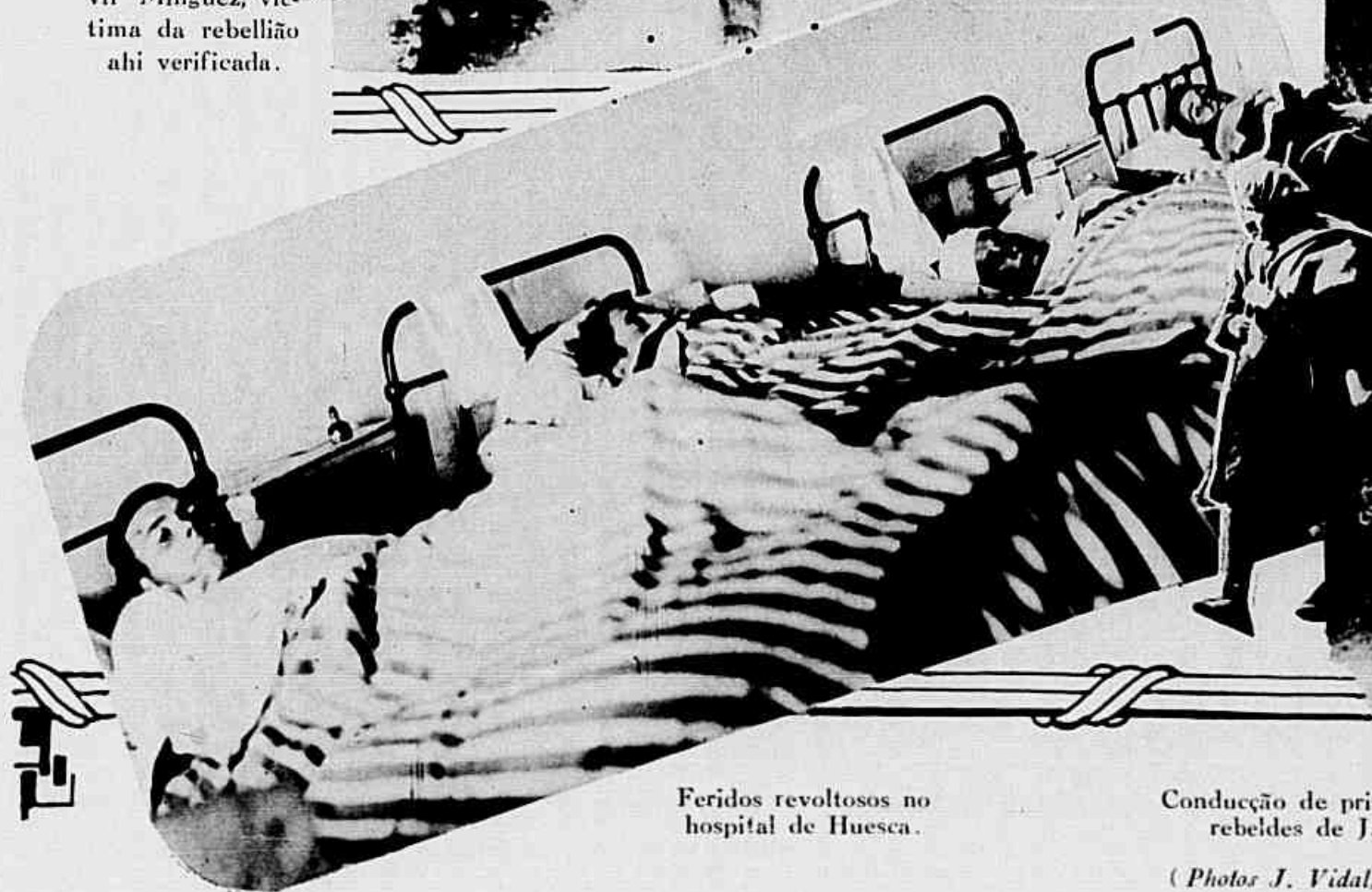
— Está morta!... disse-me elle vagarosamente como si quizesse segurar as palavras.

Então, tomada de horror, entrei. Antes mesmo de querer ver o cadaver os meus olhos procuraram anciosamente a buzina no armario. E foi pretrificada, livida, perplexa, com o pavor a me dilatar as pupilas, que a vi dependurada no mesmo prego junto á espingarda de onde a retiráramos na vespera.

As primeiras forças leaes que entraram no acampamento de Cuatro Vientos, dominando a situação.

O general Queipo del Llano, que com o commandante Ramon Franco dirigiu a rebellião dos aviadores em Cuatro Vientos (Madrid). A sedição foi rapidamente suffocada pelo governo.

Uma casa do arrabalde de Cuatro Vientos alcançada por um projectil de artilharia, quando disparado contra os revoltosos.

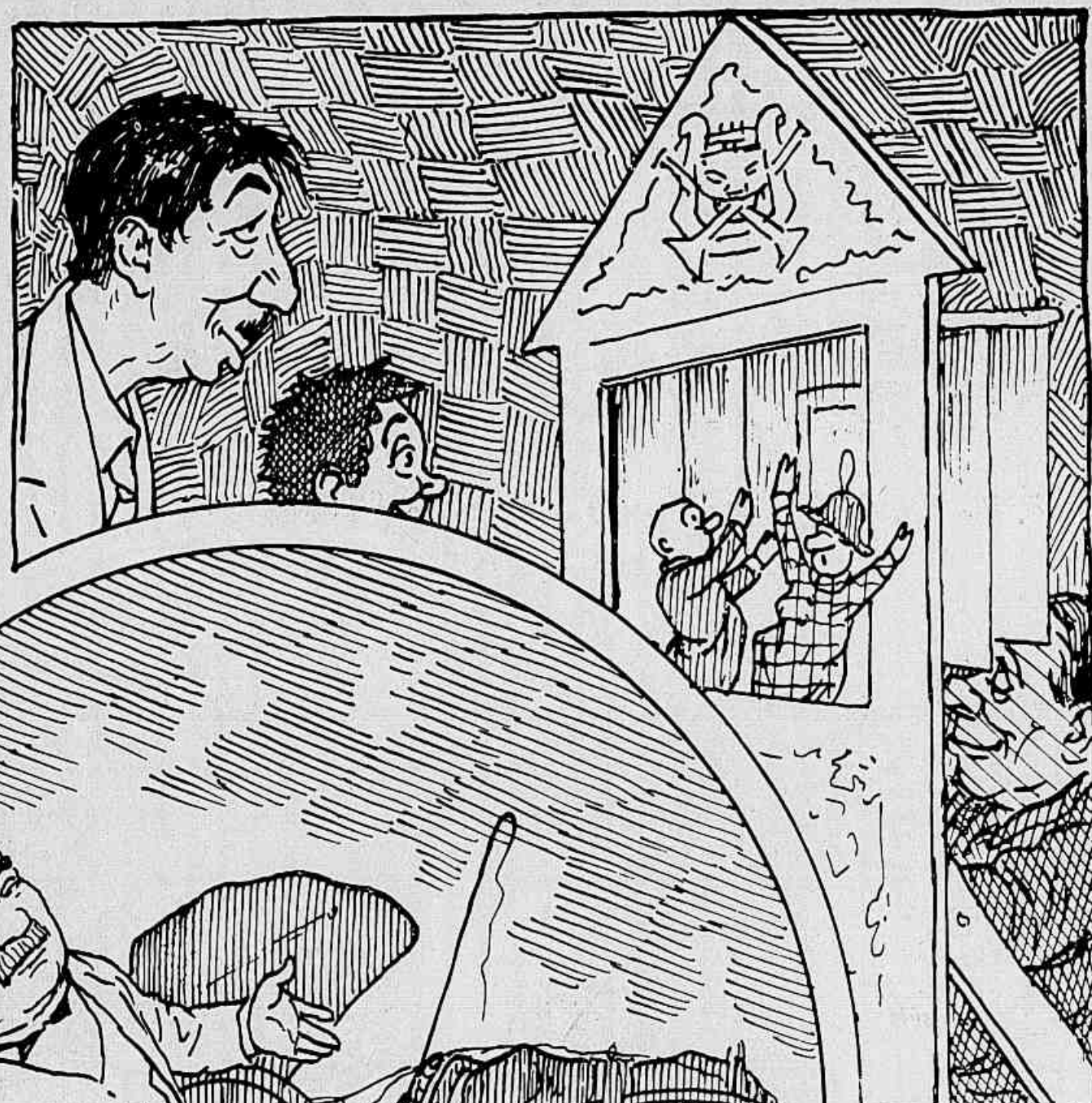
O general Dolla á frente da columna de forças leaes, avançando sobre Jaca.

Enterro em Jaca (Huesca), do capitão da guarda civil Minguez, victima da rebellião ahi verificada.

Feridos revoltosos no hospital de Huesca.

Conducção de prisioneiros rebeldes de Jaca.

(*Photos J. Vidal, Madrid.*)

PARCIMONIA

Volte-se a' lanterna magica, que e' mais barata do que o cinema.
Em theatro, o classico João Minhóca e' muito bom e baratinho.
Automovel e' luxo e vertigem. Antes o tilbury, que nunca atropelou!
Gastronomia e' cara e perigosa. Um prato basta em cada refeição trivial.
RAUL
Pouca roupa, cabello e barba livres, nada de modas e nada de cerimonias.
Uma vez ou outra, por extravagancia, um cigarro e um gasparinho de loteria...

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA :: :: ULTIMOS MODELOS :: ::

Nunca a moda foi mais complicada, mais contradictoria que agora.

Mais os tecidos são ricos mais as linhas são simples, as guarnições escolhidas. Crepes e brochados, lamés de ouro e de prata macíos e flexiveis, setins luminosos, pellucias e velludos formando ricas pregas, tunicas gregas cahindo graciosamente ao longo das silhuetas evocam aos nossos olhos todo o encanto das épocas passadas. Corpinhos blusando levemente, vestidos princeza muito ajustados, vestidos para a noite com cintura alta, fazendo lembrar o Directorio e o Imperio, vestidos guarnecidos com babados no estylo 1860 e 1880 constituem um quadro da moda d'uma diversidade assombrosa. Cada faceira poderá escolher segundo seu physico, sua idade e sobretudo suas finanças.

O turqueza, o verde em todos os seus tons e o rosa são, depois do branco, as côres mais apreciadas. O branco e preto continua a ser muito usado, tanto de dia como á noite, podendo-se mesmo dizer que nunca se viu mais combinações em preto e branco que nos modelos da moda 1930-1931.

A's vezes a parte de cima do vestido é branca, a de baixo preta; outras vezes é o vestido da noite, todo branco, que se completa com um casaco de pellucia ou setim preto; uma toilette de mousseline preta é usada com um curto manteau de arminho ou velludo mousseline branco. O numero de guarnições brancas sobre os vestidos pretos e vice-versa é illimitado.

As combinações adaptam-se exactamente aos coloridos e feitios dos vestidos: fina linha princeza alargando para baixo, com grande pala e incrustações de delicada renda. São empregados para ellas o crepe-setim, crepe de Chine e, como ultima novidade, o lamé mousseline com reflexos metallicos, fornecendo um fundo magnifico para os tecidos transparentes.

Emprega-se novamente para as toilettes da noite os bordados de crystal, perolas e palhetas, enquadrando discretamente os decotes, cobrindo as frentes e as costas assim como os babados das basquinhas. Mangas de tulle bordadas com palhetas terminadas acima dos cotovellos por grandes babados produzindo com o brilho das luzes effeitos magicos. Bordado inglez feito com contas de strass e de crystal é o mais apreciado.

N. 1 — Vestido de crepe de Chine verde, guarnição de bicos, golla e babados das mangas de lingerie. N. 2 — Vestido de voile marron com pintas brancas, saia cortada en-forme, capinha abotoada na frente com as presilhas que guarnecem o corpo. N. 3 — Vestido de *shantung* vermelho. Golla e punhos de linon branco, terminados com babadinho plissado. N. 4 — Vestido de voile de fantasia, beige com xadrez preto, golla e punhos guarnecidos com voile branco. N. 5 — Vestido de fustão azul, golla e punhos de linho branco, guarnecidos com pontos abertos.

O comprimento dos vestidos da noite parece estar fixado; o contorno em baixo, póde ser redondo ou recortado em bicos ou em festões, o que torna mais ondulante a linha deixando no emtanto ver o pé. Sómente o vestido da noite, destinado ás grandes festas, vae até ao chão e termina-se por uma curta cauda.

Conselhos sociaes

Os máus habitos

As pessôas distrahidas devem vigiar-se e desconfiar de todos os seus movimentos, feitos machinalmente e que podem amolar e irritar os outros: uns têm por habito brincar com a corrente do relogio ou qualquer outro objecto; outros balançar a cadeira ou sacudir o assoalho batendo com o pé; repetir emfim qualquer gesto de maneira a impressionar desagradavelmente as pessôas nervosas e mesmo as que não o são.

As pessôas que, na meza, se divertem inconscientemente a fazer bolinhas com o miolo de pão devem egualmente luctar contra essa tendencia que prejudica o aspecto da meza, nada tendo de elegante, bem pelo contrario.

As creanças adquirem com grande facilidade cacoetes feios e prejudiciaes á saude. A necessidade que sentem de estar sempre em movimento faz com que adoptem as manias de roer as unhas, de metter o dedo no nariz etc.

Deve-se ser intransigente contra esses máus cacoetes. Impedir-se a creança de tomar o habito máu é muito mais facil que corrigi-la mais tarde, depois do habito já estar inveterado.

Muitas vezes as creanças adquirem esses máus habitos por serem obrigadas a ficar sentadas durante muitas horas; a creança precisa correr, brincar para

desenvolver-se: impedir o que a natureza reclama só póde ser nocivo para ella.

Para beneficio da creança em primeiro logar e tambem para os que a rodeiam é preciso não deixar a creança ser turbulenta na hora das refeições, é preciso que nessa occasião fique quieta na sua cadeira, não brinque com os talheres e saiba ficar calada. Mas os mais velhos devem vigiar-se para não fazerem o que se está impedindo a creança de fazer. A creança é muito observadora: mesmo aquella que parece mais estabanada não deixa passar desapercebida nenhuma coisa mal feita pelos mais velhos.

MODA INFANTIL

N. 1 e 2 — Garçonnet e vestido de linho branco, gollas e bolsos bordados com tons vivos, cintos de pellica vermelha. N. 3 — Vestido de voile fantasia, guarnição de bicos. N. 4 — Vestido e casaco sem mangas de *shantung* vermelho, blusa de crepe *Georgette* beige claro. N. 5 — Vestido de crepe de Chine azul, cinto de fita, golla e punhos de crepe branco. N. 6 — Vestido de crepe *Georgette* rosa, guarnecido com babadinhos. N. 7 — Vestido de voile verde claro, guarnecido com franzidos.

Nossa alimentação

RAÇÃO ALIMENTAR

Diz o dr. Renato Kehl, no seu livro a *Biblia da Saude*:

"O regime alimentar commumente usado entre nós — arroz, feijão, carne e batatas — é insufficiente, quer quanto aos saes de que necessita o organismo quer quanto ás vitaminas que lhe são imprescindiveis. Sou de opinião que muitos estados diathesicos, muito arthritismo, muito eczema, muita enxaqueca corre por conta da má nutrição, do máu metabolismo cellular. Não basta encher o estomago, matar a fome, para se considerar alimentado. Arroz, feijão e carne não bastam: é preciso completal-os com alimentos ricos, em saes e em vitaminas. Para isso convinha reduzir estes alimentos, de praxe jornaleira, e acrescentar o leite, os ovos, as verduras e os fructos.

Taes alimentos são indispensaveis; creança que não os recebe não cresce, não se desenvolve, regularmente; adultos que delles prescindem reduzem ou perdem o vigor physico, apresentam-se com toda sorte de perturbações de menor ou maior monta, attribuindo-os, muitas vezes, a desordens constitucionaes, congenitas ou hereditarias, ou a males como a syphilis.

Ha individuos que adoptam por gosto ou conveniencia um regime hyper-azotado: comem carne em excesso, e julgam que estão se alimentando admiravelmente. Entretanto ignoram que a ração diaria superior a 100 grs. de albuminoides, provenientes sobretudo de carne, alem de ser causa de perturbações intestinaes, de fermentações, de intoxicações, determinam, por esses motivos, a acidificação do sangue.

O organismo, para corrigir essa acidez, é obrigado a neutralizar os acidos á custa das bases, dos saes nelle existentes, desmineralizando-o, resultando com isso o enfraquecimento do individuo.

A reducção excessiva das proteinas, isto é dos alimentos azotados, tem tambem seus inconvenientes: diminue a defesa do organismo contra as infecções, dado o desfalque no material necessario para a regeneração cellular e para a constituição dos anti-corpos.

As gorduras, como os hydratos de carbono, devem ser em dóse tambem conveniente para o consumo do organismo: a insufficiencia, como o excesso, lhes são damnosos.

Com isso chega-se á seguinte conclusão: é indispensavel para a conservação da saude obedecer a regime alimentar racional, tendo em conta a ração diaria, de accordo com a idade, o peso, a estatura, com o trabalho e outras exigencias individuaes".

MENU DE JANTAR

SOPA RUSSA

PEIXE COZIDO COM MOLHO ITALIANO

PIRÃO DE BATATAS

BOLO DE FIGADO

SALADA DE ALFACE

COSTELETAS COM QUEIJO

ESPINAFRES

BOLO DE ARROZ DOCE COM FRUCTAS CRYSTALIZADAS

LARANJAS E MAÇÃS

TOILETTES PARA A NOITE

N. 1 — Toilette de crepe *Georgette* branco, a saia en-forme é guarnecida com dois babadinhos tambem en-forme. Cinto azul turqueza com fivella do mesmo tom. Echarpe de mousseline de seda do mesmo tom de azul. N. 2 — Vestido de setim vermelho, enfeitado com babados en-forme. N. 3 — Vestido de mousseline de fantasia, babadinhos franzidos na saia e na capinha. N. 4 — Toilette de velludo chiffon verde esmeralda, effeito de bolero dos lados, saia cortada en-forme.

SOPA RUSSA

Passar por um coador ou peneira uma beterraba cozida; desmancha-se essa massa com um copo de nata (tirada da coalhada). Despeja-se essa mistura dentro d'um litro e meio ou dois litros de caldo fervendo. Mexe-se um minuto ou dois, sem deixar ferver, e despeja-se sobre torradas fritas na manteiga.

Póde tambem cozinhar dentro do caldo, antes de juntar a beterraba com a nata, um pouco de macarrão, de semola ou de farinha de arroz.

PEIXE COZIDO COM MOLHO ITALIANO

Põe-se para cozerem, um quarto de hora, as postas de peixe dentro do vinho branco, com algumas fatias de cebolas e de cenouras, um bouquet de cheiros e uma pitada de pimenta.

Serve-se com o seguinte môlho:

Põe-se n'uma panella alguns champignons com salsa, cebolinha, um dente de alho, tudo bem picado; junta-se um copo de vinho branco, sal, pimenta, um pouco de azeite. Quando o liquido reduziu a metade, junta-se caldo de peixe (cozinha-se as aparas e cabeças). Depois passa-se por um passador esmagando-se bem com uma colhér e engrossa-se com um pouco de maizena.

Junta-se por ultimo um pouco de manteiga.

BOLO DE FIGADO

Pica-se 250 grs. de figado de vitella e em seguida soca-se bem dentro d'um gral; depois vae se juntando, sem parar de socar, 125 grs. de manteiga; tempera-se com sal e passa-se por uma peneira. Junta-se quatro gemmas de ovos e um copo de leite. Unta-se com manteiga uma fôrma e salpica-se por cima com farinha de rosca; enfeita-se o fundo com rodellas pequenas de cenoura cozida; despeja-se a massa e colla-se de vez em quando alguns pedaços de cenoura. Colloca-se a fôrma, dentro do banho-maria, dentro do forno. Deixa-se cozinhar bem e serve-se com ou sem o seguinte môlho.

Põe-se n'uma panella 50 grs. de manteiga e 30 grs. de farinha de trigo; mexe-se bem e em seguida desfaz-se com meio litro d'agua ou de caldo; junta-se depois 125 grs. de presunto picado miudo ou

passado na machina, um bouquet de cheiros e uma pitada de pimenta. Deixa-se cozinhar lentamente uma meia hora. Junta-se um pouco de vinho branco e um pouquinho de succo de limão, e fóra do fogo junta-se 50 grs. de manteiga e côa-se por um passador.

COSTELETAS COM QUEIJO

Depois das costeletas bem limpas e batidas, são passadas na manteiga derretida e ainda morna, em seguida na farinha de rosca e no queijo parmesão ralado, depois nos ovos batidos e de novo na farinha de rosca e no queijo ralado.

1 — Vestido de *voile* de algodão branco com pintas azues, *godets* na saia e golla-gravata de *voile* branco. 2 — Vestido de *toile* de seda, fundo branco com xadrez vermelho, guarnecido com babadinho e golla de crepe *georgette* branco. 3 — *Tailleur* de linho branco, saia com pregas duplas, blusa de *linon* branco, guarnecida com viezes de *linon* verde claro, cinto de *linon* verde com fivella de fantasia.

Quadro celebre do grande pintor italiano Giorgione — "A Tempestade" —. Este quadro, que pertence á collecção do principe Giovanneli, esteve na exposição feita em Londres em Janeiro de 1929, tendo sido seguro para garantir os riscos da sua trasladação de Veneza para lá e volta para a Italia por L 1.000.000.

As costeletas são em seguida fritas na gordura, á qual se junta um pouco de manteiga.

Serve-se com môlho de tomates.

BOLO DE ARROZ DOCE COM FRUCTAS CRYSTALIZADAS

Põe-se para cozinhar o arroz, depois de bem lavado, com leite e uma fava de baunilha. Pica-se doces de laranja, abacaxi e cidra em pedaços pequenos e mistura-se com o arroz cozido juntamente com uma clara de ovo batida com assucar. Arruma-se uma pyramide n'um prato que vá ao forno, cobre-se com duas claras batidas com assucar e vae um instante no forno para seccar as claras.

Ha apertos de mão que causam constrangimento; outros repulsa, e outros doenças: — mas a civilidade adopta-os na pratica social, como demonstração de... affabilidade e de polidez!

R. Keil.

ALGUNS VESTIDOS DE CREPE

N. 1 — Vestido de crepe de Chine marron com pintas *beige*. Golla e frente de fustão branco. N. 2 — Vestido de crepe marocain verde amendoa, corpo levemente cintado, saia com panneaux e pregas duplas, viez de crepe *Georgette* branco nos punhos e na golla. N. 3 — Toilette de crepe-setim preto, com golla-jabot de crepe *Georgette* verde pallido, guarnecido com pontos abertos. N. 4 — Vestido de crepe de Chine azul marinha. Punhos e golla-jabot terminados por picots, de crepe *Georgette* branco.

AS EXPLOSÕES NAS MINAS DE CARVÃO DE PEDRA

De algum tempo para cá as catastrophes nas minas têm-se produzido com mais frequencia que outr'ora. Alguns sabios acreditam haver uma correlação entre as perturbações sismicas e esses accidentes do subsolo.

❋

O grisú é, como se sabe, o gaz dos pantanos combinado com o ar. Este gaz, assim como indica o seu nome, emana espontaneamente dos vegetaes em decomposição no fundo das aguas pantanosas, e basta mexer com essas aguas para ver desprenderem-se bolhas que podem accender na sahida do liquido.

O mesmo phenomeno chimico teve lugar na occasião da formação e da compressão de innumeros amontoamentos de arvores e plantas: engendrando enormes quantidades de gaz, que se encontram retidos e repartidos, muito desegualmente aliás, nos póros do carvão.

O grisú é incolor e inodoro: é isto que o torna tão perigoso. Infinitamente mais leve que o ar, mantem-se na parte superior das galerias. Alli está emboscado, escondido como a féra na sua toca, esperando que appareçam suas victimas.

❋

O poeta-mineiro Jules Mousseron compara-o ao *lobishomem*; e a comparação é tão justa como pittoresca. Ha na acção do grisú alguma coisa de fantastico, de mysterioso, de imprevisto. Nada prova a sua presença. Atira-se sobre os desgraçados operarios, como os monstros da lenda se atiravam sobre os viajantes retardatarios.

Desgraçados aquelles que se approximam do lugar onde se encontra o grisú! Morrem asphyxiados.

Esse terrivel gaz não limita ahi os seus funestos effeitos: a menor fagulha basta para inflammal-o; o seu poder de deflagração é consideravel. Um metro cubico de grisú fornece uma chamma trinta vezes superior a esse volume, queimando e devastando tudo na sua passagem. Alem disso, quando a chamma se apaga por falta de alimento, produz um vazio dentro do qual aflue, com uma pressão extraordinaria, o ar que tinha sido primitivamente expellido, e esta explosão tem consequencias mais desastrosas ainda que a propria inflammação: é este phenomeno que constitue o "golpe de grisú".

Isso descripto, é facil comprehender como sobrevêm esses accidentes tão pavorosos.

A ACÇÃO DO GRISÚ

Os veios de carvão, como já dissemos, retêm nos seus póros uma quantidade mais ou menos forte de gaz. Abatendo o carvão, quer dizer desagregando o veio por blocos de tamanhos variaveis, o operario provoca o desprendimento do gaz que contém a camada massiça; desde então, a atmosphera torna-se depressa deletéria e perigosamente inflammavel se o volume de ar que percorre as galerias da mina não é continuamente renovado.

Si nessa hora se abre intempestivamente uma lampada, se riscam um

VESTIDOS SINGELOS

1 — Vestido de voile branco; uma barra de tecido de fantasia guarnece a saia. Com esse mesmo tecido se faz o fichú, que é terminado por uma bainha de voile branco. 2 — Vestido de fustão de fantasia, corpo trançado com botões e cinto de camurça. 3 — Vestido de linho azul, saia enforme, guarnição de tiras applicadas, bluza de voile rosa claro. 4 — Vestido de voile de fantasia, guarnecido com tiras de voile branco.

phosphoro ou fazem explodir uma mina, o grisú inflamma-se e com a rapidez do raio faz sua obra de devastação.

Portanto, as catastrophes são sempre devidas a duas causas: primeiro a accumulação do gaz dentro das galerias; em segundo lugar, a inflammação dessa massa accumulada.

No tempo em que as minas eram pouco ventiladas, as catastrophes devidas ao grisú eram muito frequentes.

AS GRANDES CATASTROPHES

Entre as mais mortiferas estão as que se deram na França, na bacia do rio Loire: em 1876, na mina Jabin, 189 victimas; em 1889, na mina de Verpilleux, mais de 200 victimas; em 1899, na mina de Villeboeuf, 150 victimas. A catastrophe de Kerwin, na Silesia, occasionou mais de 800 mortos e feridos; na mina de Agrappe, em Framerie, em 1878, e na de Anderlues, na Belgica, tambem as victimas foram contadas por centenas.

Estas duas ultimas explosões foram devidas a um phenomeno que os mineiros chamam o "soufflard" ou o "vulcão", e que não é outra coisa senão o desprendimento instantaneo d'uma grande quantidade de grisú.

Esse desprendimento produz-se com uma rapidez espantosa: basta ás vezes uma pancada de picareta d'um operario que arrebente a bolsa onde o grisú está aprisionado.

Então, tal uma nuvem que leva a morte comsigo, o fluido espalha-se pelas galerias, asphyxiando os trabalhadores; se encontra uma chamma, inflamma-se, explode, accende o incendio d'um lado ao outro da mina, reduz as madeiras a cinzas, destroe as armações dos poços, projecta os elevadores para fóra e provoca desmoronamentos que tapam as passagens e tiram toda a esperança de soccorros áquelles que o terrivel cataclisma tinha milagrosamente poupado.

Nessa catastrophe de Agrappe, em Framerie (Belgica), a massa de grisú depois de se ter espalhado nas galerias, nas cavidades e ter asphyxiado todos os entes humanos encontrados, empurrou o ar sobre a sua passagem e subiu á superficie pela abertura do poço. Alli inflammou-se, e, em alguns segundos, uma torrente de fogo varreu o poço e as galerias, carbonizando os cadaveres dos desgraçados que tinham

PIJAMAS PARA A PRAIA

N. 1 — Pijama de crepe de Chine branco, com tiras do mesmo tecido vermelho. N. 2 — Calça larga de setim preto, bluza de crepe de Chine rosa claro. N. 3 — Pijama de crepe de Chine de fantazia, blusa de crepe de Chine branco.

sido victimas da asphyxia e queimando aquelles que tinham escapado.

Quando foi possivel descer na mina sinistrada e visitar o lugar de onde tinha sahido aquella formidavel explosão, encontraram no carvão de pedra uma bolsa de alguns metros cubicos apenas. Era alli que estava armazenado o grisú que tinha causado a erupção (o *soufflard*). Pelo pequeno lugar que occupava essa massa de gaz, póde se imaginar a pressão pavorosa a que estava submettido e a força irresistivel da sua expansão.

COMO SE COMBATE O GRISÚ

Dantes, as explosões de grisú eram frequentes nas minas porque a ventilação era quasi nulla. Devido a essa falta de aeração, o gaz accumulava-se livremente até o dia no qual o menor accidente, a mais pequenina imprudencia d'um operario abrindo sua lampada ou accendendo seu cachimbo, apezar da prohibição, provocava a catastrophe.

E' portanto por meio d'uma ventilação poderosa que se combate os perigos do grisú.

Em todas as minas, a aeração é garantida por 2 poderosos ventiladores que funccionam cada um por sua vez. Essas machinas fornecem por segundo até sete ou oito mil litros de ar que distribuem em todas as arterias da mina.

Esse systema tem a dupla vantagem de garantir aos operarios um volume de ar abundante e constantemente renovado, e de diluir e levar todos os gazes, de tal maneira que se tornam inoffensivos.

Mas tem seu lado nocivo porque levanta as poeiras que, nas minas seccas, são extremamente inflammaveis.

E este é outro perigo.

AS EXPLOSÕES DE POEIRAS

Não é de hoje que se constatou que as poeiras accumuladas podem causar explosões formidaveis. Quantas vezes as poeiras das farinhas puzeram fogo nos moinhos!

Em 1844, numa mina de Haswell, na Inglaterra, houve uma horrivel explosão produzida unicamente pelas poeiras em suspensão. Foi devido tambem a explosões de poeiras que se deu a pavorosa catastrophe de Courriéres, que fez mais de duzentas victimas em 1906, assim como a de Clarence em 1912. O recente accidente que se produziu em Clarenthal, nas minas do Sarre, teve a mesma causa.

Encontram-se portanto em face de dois problemas: realizar uma ventilação poderosa para impedir a accumulação dos gazes deleterios; e tirar as poeiras que levanta essa ventilação e cuja inflammação pode causar os peiores cataclismas.

E' no que trabalham, em todos os paizes onde se extráe carvão, os mais sabios engenheiros.

❃

Crearam "estações de experiencias" laboratorios, na Belgica, na Westphalia, na Silesia. A França possue um em Lievin, no Pas-de-Calais. Alli são estudadas todas as questões relativas á segurança nas minas e á hygiene dos trabalhadores do sub-solo. São experimentados novos typos de lampadas de segurança, contra os explosivos; estudam o grisú, as poeiras, seu poder de deflagração e de inflammação; procuram os meios de impedir os accidentes causados, seja por ellas, seja pelo terrivel gaz das minas.

Esses estudos, emprehendidos já ha uns vinte annos, deram resultados apreciaveis. Nesse periodo, o numero de accidentes graves nas minas diminuiu sensivelmente. Quasi que já não se ouvia mais falar do grisú e dos seus maleficios.

Mas d'alguns mezes para cá observaram de novo, especialmente nas minas da Inglaterra e da Allemanha, a volta offensiva do terrivel gaz. Esses sabios pretendem que ha correlação entre essa recrudescencia de accidentes de minas e a instabilidade da crosta terrestre... Quem sabe?... A natureza está cheia de ciladas e de mysterios.

Mas devemos sempre receiar o grisú e as explosões das poeiras: pelo menos a sciencia dos technicos está de dia para dia melhor apparelhada para prevenir ou para combater os perigos.

BLUSAS E SAIAS

1 — Blusa de *linon* branco, guarnecida com bordados e pontos abertos. 2 — Blusa de linho azul, guarnecida com pregas e pontos abertos. 3 — Blusa de crepe da China rosa claro, enfeitada com preguinhas e babados *plissados*. 4 — Saia com pregas duplas dos lados e na frente. 5 — Saia de linho com grupos de pregas dos lados e atrás. 6 — Saia de tecido de lã de fantasia com pala, *panneaux en-forme* dos lados e pregas duplas atrás e na frente. 7 — Saia de tecido de xadrez com prega dupla do lado e botões de fantasia. 8 — Saia de linho com *panneaux* applicados e prega dupla atrás. 9 — Saia de linho guarnecida toda em volta com pregas duplas.

PRAIA FRANCEZA FREQUENTADA PELA GENTE CHIC

Banho de sol no Cabo d'Antibes (porto no Mediterraneo).

A hora do cocktail no Eden-Roc (Cabo d'Antibes). Depois do banho vão todos tomar uma aperitivo.

Gorro, bolsa e cinto de crochet

Maneira de começar o gorro.

Montagem do gorro.

Maneira de executar o cinto.

Para o sport assim como para acompanhar os vestidos singelos são muito interessantes esses objectos da toilette feminina que aqui damos.

Podem e devem ser executados nos tons a combinar com o vestido que têm de acompanhar. Por exemplo: para acompanhar um vestido preto ou côr de rosa esses objectos devem ser feitos com lã de seis fios côr de rosa e lã preta de igual grossura.

O gorro é começado, como mostra o modelo fig. 1, pelo centro: faz-se uma trancinha com tres malhas com a lã preta, fecha-se essa rodinha e faz-se sobre essas malhas seis malhas; na seguinte carreira fazem-se 12 malhas (quer dizer duas malhas em cada trancinha). Na terceira carreira o augmento já não é tão grande, devendo ter quando terminada a carreira apenas 18 malhas. Nas carreiras seguintes augmenta-se 6 malhas. De vez em quando põe-se o trabalho sobre a meza para ver se está bem chato, sem ondulações. O ponto não deve ser muito apertado para que o gorro fique flexivel. Faz-se 7 carreiras com a lã preta e tres com a côr de rosa; 5 carreiras com a preta, 4 com a côr de rosa; 4 com a preta, 4 com a côr de rosa; 3 com a preta, 2 com a côr de rosa; depois 2 carreiras com a lã côr de rosa sem augmentar. Em seguida diminue-se como se augmentou, 6 malhas em cada carreira; faz-se ainda 2 carreiras com a lã côr de rosa, 3 com a preta, 7 com a côr de rosa para terminar.

Esse tamanho de gorro corresponde para uma volta de cabeça de 0m,58 pouco mais ou menos. Para uma entrada de cabeça menor, fazer mais uma ou duas carreiras, diminuindo sempre.

Montagem do gorro. Passar a ferro o trabalho, pelo direito, e empregar o avesso para cima. Prepara-se um forro com pongé rosa claro ou branco: uma tira enviezada do tamanho da volta da cabeça e com a altura pouco mais ou menos de 18 centimetros; franzir em cima para formar a carapuça. Na beirada coser uma fita grosgrain preto de tres ou quatro centimentros.

Pôr esse forro na cabeça e collocar em cima o gorro; com alfinetes pregar o gorro sobre a fita formando os drapés. Em seguida substituem-se esses alfinetes por pontos escondidos. O cinto e a bolsa são feitos conservando-se as mesmas larguras de listas pretas e côr de rosa do gorro.

Preceitos de hygiene

As lavagens de cabeça

As pessôas que têm o couro cabelludo gorduroso e cujos cabellos cáem com facilidade não sabem em geral com que santo se agarrar para deterem essa queda. Como sabem que o sabão dissolve as gorduras, quasi todos abusam das lavagens da cabeça, tanto mais (é um facto observado) que os cabellos cáem menos depois das lavagens com sabão. A isso juntem as suggestões dos cabelleireiros que offerecem a todos os clientes, com igual convicção, o classico shampoing.

No emtanto, essas ensaboadellas repetidas têm apenas uma efficacia momentanea e não estão longe de ter seus inconvenientes.

Em primeiro lugar, o cabello (e sobretudo o cabello fino) não gosta da humidade. Por essa razão a maior parte dos calvos são pessôas que transpiram muito na cabeça. O sabão tem tambem uma acção nefasta para o cabello. O seu abuso faz o fio de cabello dividir-se e tornar-se quebradiço.

A lavagem da cabeça não deve ser considerada como um tratamento contra a queda do cabello. Naturalmente a cabeça precisa ser lavada uma vez por semana no tempo quente, podendo ser mais espaçado no tempo frio (sobretudo humido) e ser muito bem enxuto o cabello.

Limpa-se o couro cabelludo evitando o mais possivel tocar nos cabellos com liquidos desengordurantes tal como o alcool e o ether. O alcool e o ether são incontestavelmente os dois melhores dissolventes da gordura, mas têm dois inconvenientes. Primeiro, o perigo do fogo. O ether é ainda mais inflammavel e a vizinhança d'uma chamma, por menor que ella seja, póde occasionar os mais terriveis accidentes. Tambem o uso seguido desses productos, é irritante para o couro cabelludo. Mas, apezar disso são ainda os melhores: portanto deve-se usar mas não abusar delles.

Conselhos praticos

Entorse

(*torcedura do pé*)

Quando se torce o pé, a primeira coisa que vem á ideia é a massagem. Sem duvida! Mas comecem por dar ao pé um banho quente, muito quente.

Queda dos cabellos

Quando os cabellos cáem, accusa-se quasi sempre a anemia, a fraqueza, etc... Mas fiquem certos de que, oitenta vezes em cem, é porque se tem caspas. Acabando com ellas o cabello deixará de cahir.

Desinfecção das casas

Quando se muda de casa, e que a casa para onde se vae foi já habitada, façam desinfectar. Os seus predecessores podem ter deixado atrás delles microbios, especialmente os da tuberculose e do *croup*, que são muito resistentes. Em materia de hygiene, não ha precaução inutil.

Soccorro util

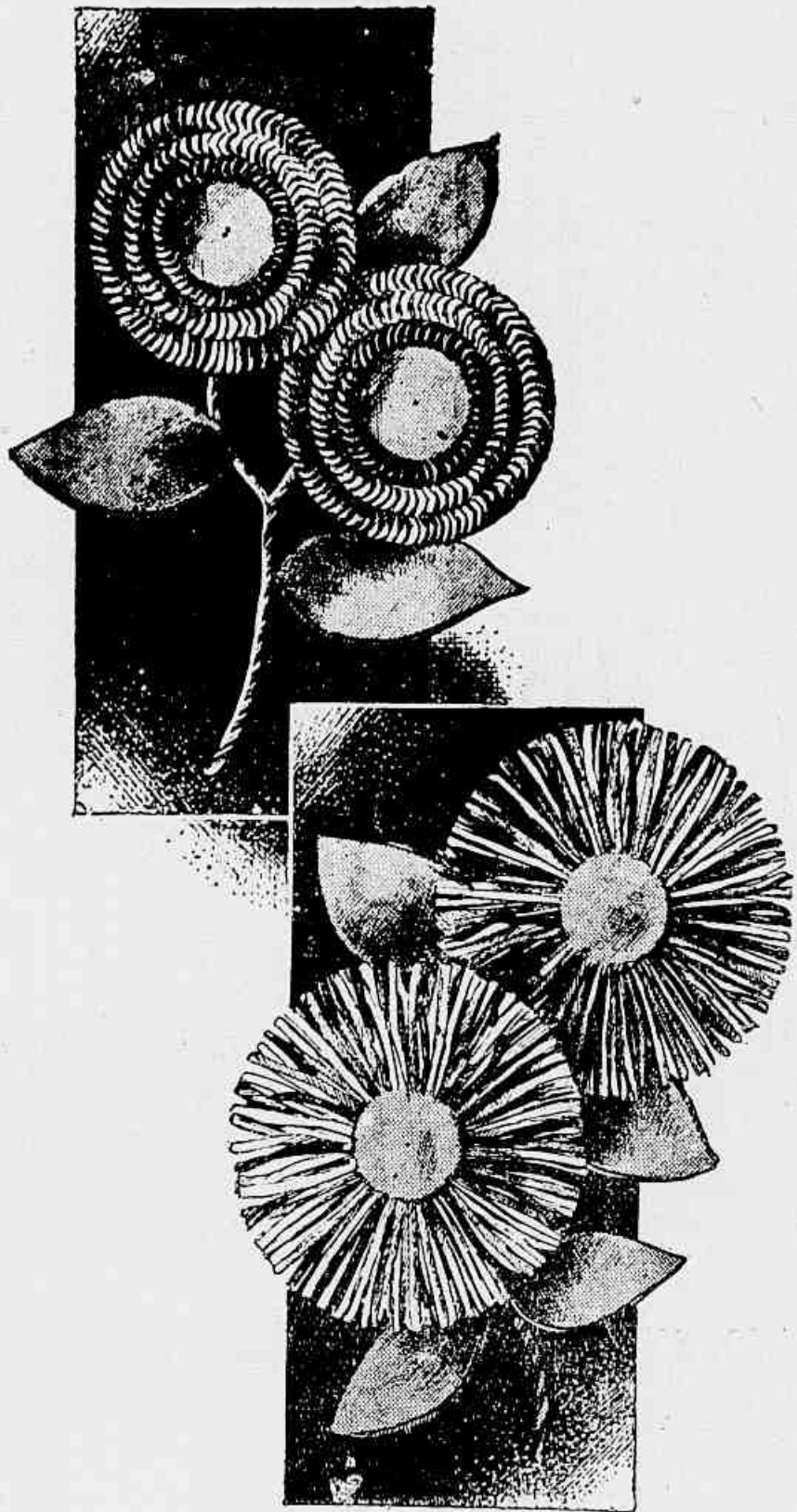
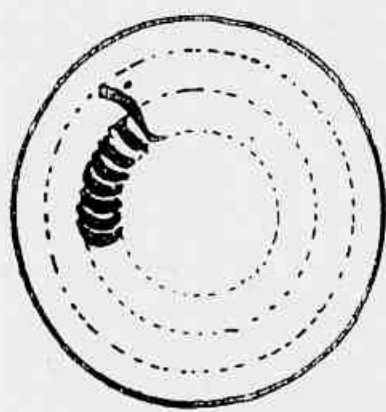
Quando um individuo cáe perto de nós com uma syncope, deve-se primeiro fazer o seguinte: se tem o rosto vermelho deita-lo com a cabeça alta; se está pallido, com a cabeça baixa. Só depois cuidar de tomar as providencias necessarias.

Pensamentos

Não sabia que laços o prendiam aos lugares onde mais tinha soffrido.

Mme. de Stael

Graças a Deus, minhas mãos não são criminosas. Mas quem me déra que o meu coração fosse tão innocente como ellas!

Flôres de barbante

Figuras 1 e 2.

(Figura 3).

Essas flôres que aqui damos são a ultima novidade para guarnecer as botoeiras dos *taill.urs* assim como os gorros. Para executar-se as flôres (fig. 1) corta-se primeiro uma rodella no *drap* ou no linho (esse deve ser duplo e forrado com uma escocia) amarello, com quatro ou cinco centimetros de diametro. Risca-se em cima dessa rodella circulos com lapis, como mostra a figura 3. Cobre-se o espaço comprehendido entre elles com pontos simples (não se deve apertar o ponto) com barbante marron-avermelhado. O seguinte espaço é coberto com pontos feitos da mesma maneira com barbante côr de palha e a ultima carreira que debrua a rodella dando a volta pelo avesso é feita com barbante côr de laranja. A haste é formada por um arame forrado com *linen* verde que se torce em volta e as folhas são feitas com linho verde ou cortadas no *drap* verde ou marron. As flôres da figura 2: Corta-se no *drap* uma rodella pequena para o centro e applica-se sobre uma rodella de papelão fino do tamanho que se deseja fazer a flôr. Em seguida passa-se em volta fios de barbante de diversos tons que combinem, por exemplo diversos tons de azul ou de vermelho, amarello e marron, amarello e côr de laranja. Depois de feitas as alças cose-se na machina ou á mão um ponto mantendo as alças sobre o centro: rasga-se o papelão, que sae então com toda a facilidade. Cobre-se a rodella do centro com uma outra de igual tamanho que se colla ou cose com pontos invisiveis. Póde-se tambem querendo encher esse centro com pontos de nó feitos com lã ou com o proprio barbante: folhas e hastes são executadas como as que já descrevemos acima.

A musica e os animaes

Não são somente as cobras que se deixam encantar pelos sons melodiosos. Muitos outros animaes sabem apreciar a bella musica, se accreditarmos nas experiencias que acabam de fazer em Philadelphia. A bôa musica classica e não a do jazz.

Diante da jaula d'um elephante, no jardim zoologico de Philadelphia, fizeram tocar um fox-trot desencadeado. Desde os primeiros compassos, o pachyderme deu signaes de mal-estar; depois de repente, ficou furioso; enchendo d'agua a sua tromba regou copiosamente os musicos. Mas ouvindo uma sonata de Beethoven, depois uma berceuse de Chopin, acalmou-se mostrando evidente satisfação.

Fizeram uma outra experiencia com os macacos. Uma audição de violino pareceu encantal-os. Mas, quando um saxophone substituiu o instrumento de cordas, começaram a dar gritos tão estridentes e mostraram-se tão enraivecidos que foi necessario chamar de novo o violinista para calmal-os.

Serão os animaes mais artistas que nós?

UMA PRAIA NA INGLATERRA

Os empregados de Banco, em férias, na praia de Brighton.

— Vaes sahir com esse vestido num dia em que faz tanto frio?

— Fica sabendo que, quando se trata de pôr um vestido novo, não ha mulher que sinta frio!